



DENISE MENEZES PASUCH

OS BEBÊS E OS ESPAÇOS NA CRECHE:

EXPLORAÇÕES,
INVESTIGAÇÕES E
DESCOBERTAS

ORIENTADOR: PROF. DR. RODRIGO SABALLA DE CARVALHO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Denise Menezes Pasuch

OS BEBÊS E OS ESPAÇOS NA CRECHE: Explorações, investigações e descobertas.

Porto Alegre
2. Semestre
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Denise Menezes Pasuch

OS BEBÊS E OS ESPAÇOS NA CRECHE: Explorações, investigações e descobertas.

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.^a Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho

Porto Alegre
2. Semestre
2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu professor e orientador, Rodrigo Saballa, por todo o apoio, paciência e dedicação na construção deste trabalho junto comigo. Foi muito importante ter um professor tão dedicado e atencioso ao meu lado nesse processo.

Agradeço a minha família por todo o apoio nessa caminhada, durante todo o curso, por compreenderem a minha ausência em muitos momentos e mesmo assim apoiarem os meus objetivos. Em especial, a minha irmã Leticia por sempre estar disponível para me ouvir e amparar quando eu mais precisei. Obrigada por tudo sempre.

À minha psicóloga Mariana, por todo o apoio que percorreu junto comigo desde o início do curso, sendo suporte em todos os momentos que precisei e certamente contribuiu muito para que eu conseguisse chegar até o final do curso.

Às minhas colegas do curso de Pedagogia, por todos os momentos que compartilhamos juntas, os almoços no RU, os cafés no Antônio, os trabalhos em grupo que tornaram a jornada acadêmica mais leve e divertida. Em especial à Kellen que dividiu muitos momentos comigo durante a graduação, de apoio mútuo e muitas risadas.

A todas as minhas colegas de trabalho que compartilhei as tardes durante todo esse percurso e que foram apoios essenciais nessa caminhada da graduação, que me oportunizaram momentos de aprendizado e de muita parceria, e certamente levarei comigo um pouquinho de cada uma na minha atuação como docente.

Agradeço, por fim, aos professores que aceitaram participar desta pesquisa, por terem compartilhado comigo suas práticas e ações pedagógicas junto com os bebês.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão tem como objetivo geral: investigar como são organizados os espaços e os materiais em creches tendo em vista o acolhimento das crianças, bem como a promoção de relações sociais e aprendizagens. Em tal direção, foram definidos os seguintes objetivos específicos: 1) abordar as especificidades da organização dos espaços e dos materiais na creche; 2) explicitar o conceito de espaço e materiais, bem como os modos de organização dos espaços e de seleção dos materiais; 3) discutir a importância do planejamento dos espaços e oferta de materiais na creche enquanto parte do projeto educativo na Educação Infantil. Metodologicamente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro docentes de creche que trabalham com bebês em escolas públicas municipais da região sul. A leitura das entrevistas foi realizada a partir da análise do conteúdo. A partir dessas análises, foram definidas as seguintes unidades: a) o papel do espaço e os desafios da docência na creche; b) as relações entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo na creche; c) a seleção e a oferta dos materiais pelos docentes nos espaços da creche e a promoção das interações e brincadeiras dos bebês; d) a organização dos espaços da sala referência e o seus usos pelos bebês; e) os usos dos espaços externos pelos bebês na creche; f) a vivência espacial e o desenvolvimento motor dos bebês nos espaços da creche; g) recomendações docentes sobre o uso dos espaços internos e externos, seleção e oferta de materiais no exercício da docência na creche. Por meio da análise das narrativas dos(as) docentes entrevistados(as) foi possível inferir que o planejamento e a organização dos espaços na creche se configura como uma das mais importantes dimensões da docência na creche. Além disso, foi possível perceber a importância do(a) docente adensar seus estudos nas especificidades da docência da creche bem como pesquisar sobre as materialidades para selecionar os materiais, objetos e mobiliários mais adequados para disponibilizar aos seus bebês na creche. Por fim, é possível dizer que o diálogo com os(as) docentes de creche mediante a realização das entrevistas se configurou em um espaço profícuo de reflexão sobre a ação pedagógica com bebês, bem como contribuiu para a discussão sobre a organização dos espaços na creche.

Palavras-chave: Educação Infantil. Docência. Creche. Bebês. Espaços.

SUMÁRIO

1	INQUIETAÇÕES INICIAIS	6
2	OS BEBÊS E OS ESPAÇOS NA CRECHE	12
2.1	A DOCÊNCIA NA CRECHE: O ESPAÇO COMO TERCEIRO EDUCADOR	16
2.2	OS ESPAÇOS E OS MATERIAIS NOS DOCUMENTOS CURRICULARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DCNEI E BNCC	20
2.3	O PLANEJAMENTO DOS ESPAÇOS INTERNOS, A SELEÇÃO E A OFERTA DE MATERIAIS NA CRECHE	25
2.4	OS BEBÊS E OS ESPAÇOS EXTERNOS NA CRECHE: DESLOCAMENTOS, ENCONTROS E INTERAÇÕES ENTRE PARES	28
2.5	O USO DOS ESPAÇOS E A SELEÇÃO DE MATERIAIS COMO ELEMENTOS DA DOCÊNCIA NA CRECHE	33
3	A ENTREVISTA COM DOCENTES DE CRECHE: A PERSPECTIVA METODOLÓGICA DA PESQUISA	36
3.1	OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E A APRESENTAÇÃO DOS DOCENTES DE CRECHE PARTICIPANTES DA PESQUISA	38
3.2	OUVINDO OS(AS) DOCENTES SOBRE OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: A PAUTA DE ENTREVISTA	41
3.3	A ANÁLISE DO CONTEÚDO COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA DAS ENTREVISTAS	43
3.4	A ÉTICA NA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COM DOCENTES	45
4	OS BEBÊS E OS ESPAÇOS NA CRECHE: NARRATIVAS DOCENTES	46
4.1	O PAPEL DO ESPAÇO E OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA CRECHE	48
4.2	AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS, TEMPOS E MATERIAIS NA PROMOÇÃO DO CURRÍCULO NA CRECHE.	60
4.3	A SELEÇÃO E A OFERTA DOS MATERIAIS PELOS DOCENTES NOS ESPAÇOS DA CRECHE E A PROMOÇÃO DAS INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS DOS BEBÊS	64
4.4	A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DA SALA REFERÊNCIA E O SEUS USOS PELOS BEBÊS	70
4.5	OS USOS DOS ESPAÇOS EXTERNOS PELOS BEBÊS NA CRECHE	74
4.6	A VIVÊNCIA ESPACIAL E O DESENVOLVIMENTO MOTOR DOS BEBÊS NOS ESPAÇOS DA CRECHE	79
4.7	RECOMENDAÇÕES DOCENTES SOBRE O USO DOS ESPAÇOS INTERNOS E EXTERNOS, SELEÇÃO E OFERTA DE MATERIAIS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NA CRECHE	84
5	ENCAMINHAMENTOS FINAIS A RESPEITO DOS BEBÊS E OS ESPAÇOS	91
	REFERÊNCIAS	99
	ANEXO A	103

1 INQUIETAÇÕES INICIAIS

O espaço fala e as crianças sabem.
Rayssa Oliveira (2021, p. 128)

Durante minha graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação da UFRGS trabalhei em escolas privadas de Educação Infantil como estagiária. No cotidiano da minha jornada como estagiária e auxiliar de turma em creches, atuando juntamente a bebês e crianças bem pequenas, de idade entre zero e dois anos, chamou-me a atenção a maneira como era realizada a organização dos espaços e dos materiais desse ambiente. Em uma dessas experiências, em uma escola de Educação Infantil privada, que atuei como estagiária de pedagogia com bebês de idade entre zero e um ano, observei com mais atenção como ocorria a escolha de materiais e as tomadas de decisões sobre o espaço, pois isso de certa forma me intrigou. O porquê de eu ficar intrigada em relação a organização dos espaços, compartilharei no decorrer da escrita deste capítulo.

Nessa escola, apesar das professoras estudarem teóricas como Emmi Pikler¹, era possível observar que a organização do espaço não contemplava respaldo teórico. A organização do espaço ficava a cargo da diretora, que não possuía formação na área pedagógica e, sim, na área administrativa. As professoras davam sugestões para a organização dos espaços, materiais, mobiliários, mas quem realizava a compra, quem escolhia os materiais e quem organizava o espaço realmente era a diretora.

A sala do berçário dessa escola, a qual frequentei por quatro meses, contemplava grande quantidade de brinquedos de plástico e estruturados, brinquedos estes que os bebês não conseguiam manusear por serem grandes e pesados, inadequados para a faixa etária. Além disso, não se investia em livros de qualidade para o espaço do berçário, pois, de acordo com a diretora, os bebês rasgavam e estragavam os livros que eram disponibilizados, então os livros destinados aos bebês eram os mais baratos.

Na organização desse espaço não era pensado o bem-estar das crianças no momento do sono, pois não havia cama suficiente para todos os bebês e alguns dormiam presos em cadeirinhas de balanço. Na sala também havia uma janela que ocupava uma parede inteira, por onde entrava muita claridade e, juntamente com a ausência de uma cortina,

¹ Pediatra e ortopedista húngara que desenvolveu pesquisas sobre a importância da liberdade de movimentos para o desenvolvimento dos bebês.

atrapalhando o descanso dos bebês. Também não havia trocador na sala de referência para a realização das trocas de fraldas. Devido aos meus estudos relacionados à pedagogia sobre quais materiais e mobiliários são importantes para compor um espaço – que serão apresentadas no decorrer desta pesquisa –, essas situações apresentadas ativaram a minha atenção e o meu olhar de estranhamento.

Na minha percepção, a diretora que organizava o espaço pouco tinha conhecimento e pouco estudava sobre a potência do espaço e, principalmente, não o organizava visando o bem-estar dos bebês e o desenvolvimento das suas habilidades além do movimento livre. A partir das minhas observações e constatações sobre a organização do espaço da creche, inferi que a forma como estava sendo organizado o ambiente dessa escola demonstrava uma falta de planejamento e um desconhecimento teórico sobre a maneira adequada de organização. Era visível o quanto a falta de planejamento dos espaços e materiais impactava no cotidiano dos bebês e das crianças bem pequenas nas creches, de uma forma que o espaço da sala de referência não se tornava um ambiente habitável para os bebês, sendo pouco convidativo e agradável para vivenciar os momentos importantes do cotidiano, como o momento de descanso e o momento de alimentação. Os momentos de brincar também eram afetados pela precariedade de materiais ofertados para a faixa etária. Por esses motivos, considero que o planejamento dos espaços e a escolha dos mobiliários e materiais são essenciais para um cotidiano rico de possibilidades para os bebês.

Reitero a importância de um olhar crítico para o ambiente e para o espaço da creche como impulsionador de um melhor planejamento dos mesmos para as crianças. Esse olhar crítico se dá a partir de muito embasamento teórico e muito estudo relacionado à organização dos espaços e dos materiais. Como nos diz Ribeiro (2022, p. 98), “olhar para o cotidiano com olhos de estranhamento e encantamento nos convida a refletirmos sobre os organizadores do processo educativo, interrogando-os a serviço de quê ou de quem eles estão”. Ou seja, é preciso sempre olhar criticamente a fim de que o espaço seja o mais adequado para as crianças que o ocupam. Em tal direção, considero que é importante constantemente questionar se o que compõe esse espaço faz sentido para a criança – se os materiais, mobiliários, itens que compõem as paredes, fazem sentido estar ali, questionar por que estão, pensar no que pode ser mais potente para compor o espaço, em busca de um espaço com a qualidade. A esse respeito, Oliveira (2021, p. 36) afirma que

[...] em todo espaço construído existirão escolhas que revelam nossas intencionalidades como sociedade. Além disso, as escolhas pedagógicas sempre manterão diálogo direto e cotidiano com a composição dos espaços.

Dessa forma, corroboro com o argumento enfatizando que, cotidianamente, os docentes têm a oportunidade de organizar um espaço convidativo e com intencionalidade, tornando o ambiente da creche um espaço agradável, instigante para os bebês e para as crianças pequenas.

Levando em conta essas constatações das minhas observações na referida escola, juntamente com os aprendizados que adquiri nas disciplinas da faculdade que frequento relacionadas ao estudo da creche – aprendizados que dizem respeito à importância de planejar a organização dos espaços para receber os bebês e as crianças pequenas na creche –, emergiram questões relativas à organização dos espaços e dos materiais na creche. As questões foram as seguintes: a organização dos espaços na creche é pensada, embasada teoricamente ou é apenas realizada de qualquer maneira? Quem deve organizar esse espaço? Como são organizados esses espaços? Os espaços incentivam a autonomia das crianças? Nessa organização, é ponderado os momentos que as crianças vivenciam no cotidiano da creche, como os momentos de cuidado pessoal? É pensada a faixa etária das crianças que habitam a sala? Como são selecionados os materiais que compõem a sala referência? Na escolha dos materiais que fazem parte da escola, é levado em consideração o brincar dos bebês da faixa etária da sala? Qual a quantidade de crianças que habitam as salas da creche? É acompanhado e promovido o desenvolvimento da autonomia das crianças? O desenvolvimento da criatividade, da investigação, da descoberta?

A partir desses questionamentos, considero importante a realização de uma pesquisa sobre a temática da organização dos espaços e materiais na creche neste Trabalho de Conclusão de Curso. Acredito na importância de pensar sobre os espaços nos quais as crianças frequentam, onde muitas delas passam grande parte do seu dia. Reflito sobre o quanto é potente a rotina das crianças que vivenciam a sua jornada em um espaço planejado e pensado visando as suas aprendizagens, as suas curiosidades, suas vontades e suas participações. Corroborando o argumento, Ceppi e Zini (2013, p. 25) afirmam que: “a qualidade de um ambiente é resultado de muitos fatores. Ela é influenciada pelas formas dos espaços, por sua organização funcional, e pelo conjunto completo de percepções

sensoriais”. Concordo com o dito pelos autores, pois entendo que o espaço precisa ser organizado a partir de embasamento teórico e de muito estudo, para, assim, ser considerado de qualidade e poder acolher os bebês no cotidiano da escola.

Além disso, os responsáveis pela organização do espaço da creche precisam ter uma visão de criança potente e ter a autonomia como um dos princípios educativos. Quando a equipe da escola tem uma visão de criança autônoma, que precisa vivenciar o movimento livre, que é capaz de se desafiar em seus movimentos, a organização do ambiente e a escolha dos materiais demonstram essa visão de criança. Quando os educadores organizam um espaço convidativo no pátio para os bebês, por exemplo, com caixotes, com degraus, com obstáculos, demonstram, assim, acreditar que os bebês são capazes de se desafiar, que o espaço do pátio não é perigoso para os bebês. Por isso, é imprescindível que sejam ofertados mobiliários e materiais em toda a escola que incentivem e favoreçam ações autônomas das crianças e que não prive o deslocamento. A esse respeito, Kelleter (2020, p. 130) salienta que “os bebês que experimentam os espaços e os materiais dão sentido às coisas e ao estar no mundo, pois, em todos os níveis de desenvolvimento, sua ação faz com que aprendam a fazer”. Em tal direção, destaco a importância de pensar e planejar espaços potentes, que oportunizem ao bebê e crianças pequenas a sua exploração pela descoberta e sua aprendizagem autônoma.

Em relação aos estudos que têm como foco a temática da organização dos espaços, Horn (2003) nos convida a pensar sobre a ação pedagógica perceptível na organização dos espaços. Conforme Horn (2003, p. 26) “o modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e os adultos ocupam esses espaços, como interagem, são reveladores de uma concepção pedagógica”. Ou seja, é possível observar como é realizada a docência na creche a partir da organização dos espaços e dos materiais. Isso envolve, também, a visão de criança que o docente possui e carrega consigo ao planejar a organização de um espaço. Guimarães (2009) fundamenta esse argumento ao salientar que ao se considerar uma criança um ser ativo, explorador e criador de sentidos, o espaço e o docente que acompanham essa criança precisam dar apoio para os seus movimentos, e, dessa forma, incentivando a sua autonomia.

Nesse sentido, é importante que o docente oportunize ambientes de qualidade para os bebês na creche, de forma que contemplem as suas aprendizagens, tendo como foco uma visão de criança potente e autônoma. Ribeiro (2022, p. 99) corrobora o mesmo argumento,

ênfatizando que ter essa visão de criança “capaz, competente, rica, criativa, forte, portadora de inúmeras linguagens e produtora de cultura” influencia na maneira de organizar os espaços, de forma que o docente repensa essa maneira de organização, repensando, também, os materiais que serão disponibilizados e de que forma serão dispostos, que relações esse espaço vai propiciar para os bebês e para as crianças da creche e que instrumentos serão utilizados pelos professores nesse cotidiano.

Corroborando as discussões apresentadas, Oliveira, Marques e Neves (2023) ressaltam a importância dos espaços e das relações entre os bebês que ali emergem, além do senso de pertencimento que o bebê adquire no cotidiano vivenciado no espaço da creche. De acordo com os referidos autores, “o espaço por ele mesmo não existe, ele é produto e meio de produção da vida cotidiana, é histórico e, portanto, também é movimento, experiência, vivência, meio, incluindo a própria pessoa” (Oliveira; Marques; Neves, 2023, p. 6). Por isso, defendo a importância de planejar o espaço visando as relações das crianças entre si, das crianças com o espaço e das crianças entre os adultos, ou seja, essas são as relações que conferem segurança para o reconhecimento de pertencimento ao espaço que o bebê adquire cotidianamente.

Mediante tal exposição, considero importante destacar o conceito de ambiente a partir de Forneiro (1998, p. 232), que define o “ambiente como conjunto do espaço físico e das relações que se estabelecem no mesmo (os afetos, as relações interpessoais entre as crianças, entre as crianças e adultos, entre crianças e sociedade em seu conjunto)”. Horn (2003) complementa essa discussão ao enfatizar que, no espaço físico, a criança estabelece relações entre o mundo e as pessoas, inserindo também as emoções, e, dessa forma, o espaço se transforma em ambiente. Concordo com as referidas autoras e saliento a importância da organização dos espaços da creche visando um ambiente que oportuniza as relações entre as crianças e os adultos, e não apenas um espaço físico composto por mobiliários.

Ademais, considero importante pensar nos materiais a serem disponibilizados para os bebês na creche. A esse respeito, Kelleter (2020) aponta a necessidade de se pensar quais brinquedos são ideais para cada faixa etária do bebê, considerando os seus desejos, suas explorações e o seu brincar. A escolha do material a ser disponibilizado para o bebê pode ser potencializador ou não da sua exploração e das suas aprendizagens, portanto é uma decisão crucial.

Justifico a pertinência deste estudo por considerar imprescindível o planejamento da organização dos espaços na creche. Além disso, considero importante que estudos sobre a organização dos espaços e materiais na creche sejam realizados e compartilhados a fim de que as crianças da Educação Infantil tenham garantida a sua educação de qualidade e que os profissionais que atuam nas creches deem conta dessa obrigatoriedade. Pretendo, com a minha pesquisa, auxiliar e contribuir com a reflexão sobre a organização dos espaços visando o aprendizado dos bebês pela ação e descoberta.

Nesse sentido, compartilho a seguinte **questão de pesquisa**: Como são organizados os espaços e os materiais na creche tendo em vista a promoção das relações sociais entre as crianças e os seus pares, assim como a aprendizagem pela ação, investigação e descoberta? Mediante a questão apresentada, estabeleci como **objetivo geral** investigar como são organizados os espaços e os materiais em creches, tendo em vista o acolhimento das crianças, bem como a promoção de relações sociais e aprendizagens. Mediante o exposto, procurei responder à questão de pesquisa proposta a partir dos seguintes **objetivos específicos**: 1) abordar as especificidades da organização dos espaços e dos materiais na creche; 2) explicitar o conceito de espaço e materiais, bem como os modos de organização dos espaços e de seleção dos materiais; 3) discutir a importância do planejamento dos espaços e oferta de materiais na creche enquanto parte do projeto educativo na Educação Infantil; 4) inventariar o modo como os(as) professores(as) entrevistados(as) organizam os espaços das salas em que atuam.

Metodologicamente, foram realizadas entrevistas com quatro professores(as) de Educação Infantil de escolas públicas municipais, de Porto Alegre (3) e Blumenau (1), que atuam na creche com bebês. O meu intuito foi investigar o ponto de vista dos(as) professores(as) de creche sobre os usos dos espaços, assim como as concepções desses(as) profissionais a respeito de como podem ser pensados os espaços enquanto promotores das interações e brincadeiras das crianças bem pequenas. Foram mantidos cuidados éticos para a preservação da identidade dos(as) professores(as) entrevistados(as), de modo que foram utilizados nomes fictícios para representá-los(as). Além disso, foi enviado para os(as) docentes entrevistados(as) um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o TCLE, a fim de que eles(as) tivessem ciência de todo o processo da pesquisa, como também das suas contribuições com as entrevistas.

Mediante o exposto, o presente trabalho de conclusão está organizado em cinco capítulos. Começando por esse primeiro capítulo introdutório, e, então, no segundo capítulo, intitulado “Os bebês e os espaços na creche”, apresentarei uma discussão conceitual sobre os bebês e o espaço na creche. No terceiro capítulo, intitulado “A entrevista com docentes de creche: a perspectiva metodológica da pesquisa”, compartilharei a discussão metodológica da investigação. Desse modo, será apresentada a entrevista como metodologia de pesquisa, assim como os cuidados éticos tomados no decorrer da investigação. No quarto capítulo, intitulado “Os bebês e os espaços na creche: narrativas docentes”, serão apresentadas as análises das entrevistas. Por fim, no quinto capítulo intitulado “Encaminhamentos finais a respeito dos bebês e o espaço”, serão apresentadas as considerações finais.

2 OS BEBÊS E OS ESPAÇOS NA CRECHE

Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter de ficar quieto; é esse lugar onde pode ir olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, são tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor... O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retomamos ao espaço (Battini, 1982 *apud* Forneiro, 1998, p. 231).

É necessário compreender a importância de se pensar nos espaços como promotores das relações sociais entre os bebês, as crianças bem pequenas e seus pares na creche, tendo em vista a sua aprendizagem pela ação, investigação e descoberta. No cotidiano da creche, o espaço é um lugar por onde os bebês irão circular, adquirir aprendizagens, vivenciar experiências, criar relações com seus pares e com os educadores de referência. Para que isso ocorra, pensar na estrutura desse lugar é essencial. A esse respeito, Oliveira, Marques e Neves (2023), na pesquisa que realizaram em uma EMEI de Belo Horizonte, fizeram reflexões acerca dos bebês na sala do berçário e as suas diferentes trajetórias pelo espaço. Nesse sentido, as referidas autoras definem o espaço como “um lugar que produz e é produzido nas relações sociais” (Oliveira; Marques; Neves, 2023, p. 17), no qual os bebês exploram de diferentes formas. Além disso, as autoras salientam a relevância da organização desse

espaço como promotor de qualidade, “um espaço organizado para acolher os/as bebês é importante para que eles/as tenham uma qualidade nos usos do tempo e nas relações estabelecidas nesse contexto coletivo” (Oliveira, Marques; Neves, 2023, p. 18). A partir desse argumento, reitero a importância do planejamento dos espaços da creche de modo a garantir a qualidade do tempo, dos materiais, das aprendizagens e das interações dos bebês.

Há muitas maneiras de organizar um espaço na creche, levando em consideração alguns aspectos, como por exemplo a oferta e disposição dos materiais na sala de referência, como também a disposição dos mobiliários, de forma que contemple as ações e interações dos bebês. Durante a minha jornada em escolas, pude observar diversas organizações e constatar a importância do planejamento dos espaços no cotidiano. Escolas que utilizam berço alto no momento de descanso, por exemplo, não estão levando em consideração as relações sociais que podem surgir na interação entre os bebês e os seus pares nesse momento. Por outro lado, utilizando o colchonete no chão ao invés do berço, além de possibilitar que os bebês interajam entre si – pois estarão lado a lado –, estará possibilitando também a autonomia do bebê ao deitar-se e levantar sozinho, além do movimento livre. Quando o educador organiza o espaço dedicado ao descanso dos bebês pensando nas relações, o simples fato de dispor colchonetes um do lado do outro mostra para o bebê que ele pode esperar previsibilidade e interação, motivando-o para o diálogo.

Da mesma forma, podemos pensar na organização dos momentos da alimentação, nos quais os cadeirões individuais não incitam a interação dos bebês. Essa organização ensina aos bebês que não há necessidade de interações no momento da alimentação. Para um ambiente ser convidativo para a interação e a construção de relações entre os bebês nesse momento tão importante no seu cotidiano, as mesas coletivas com cadeiras baixas são essenciais, permitindo que os bebês consigam se olhar nos olhos e interagir com os seus pares. Corroborando os argumentos apresentados, Oliveira, Marques e Neves (2023, p. 18) apontam que “distintos/as bebês, cada um/a à sua maneira, poderão afetar/produzir/agir e serem afetados/as pelo espaço/tempo de uma instituição”.

As relações sociais dos bebês entre eles e dos bebês com os docentes construídas no espaço podem ser potencializadas através da qualidade da organização desse espaço. No entanto, se a organização é realizada sem um planejamento prévio, ou não visando a participação e o desenvolvimento dos bebês, o espaço pode não ser um ambiente

potencializador. Nessa direção, Ceppi e Zini (2013, p. 21) corroboram com esse argumento ao salientar que “as crianças nascem com uma capacidade genética enorme que lhes permite explorar, discernir e interpretar a realidade através de seus sentidos. [...] um ambiente não estimulante tende a diminuir e a aturdir nossas percepções”. A partir disso, fica claro a importância de permitir às crianças um ambiente organizado de forma a estimular a sua curiosidade e o seu desenvolvimento.

Os bebês e as crianças pequenas estão no início da vida, instigam pelo conhecimento, pela exploração, pela descoberta, e quase tudo lhes parece interessante. O ambiente da creche, no qual os bebês estão inseridos e onde passam grande parte do seu dia, irá compor esse universo de descobertas que lhe cercam. O ambiente de qualidade da creche será impulsionador de investigações e contribuirá para o seu desenvolvimento. Nessa direção, Ceppi e Zini (2013, p. 20) ressaltam a relevância das relações que são estabelecidas no espaço da escola:

A identidade de um lugar, como uma escola para crianças pequenas, deve se formar não através de códigos formais, mas através da qualidade e da intensidade das relações estabelecidas e das experiências geradas em tal lugar.

Dessa forma, a organização dos espaços na creche, visando a qualidade das relações dos bebês e das crianças pequenas entre eles e entre os adultos, precisa ser levada em consideração.

Quando pensamos em espaço, cabem muitas definições. Será discutido aqui o conceito de espaço pensando no espaço da escola. Forneiro (1998, p. 241) aponta que o espaço não é somente o local com os materiais que o compõem, “a ideia de espaço faz alusão, mais do que os componentes isolados que o formam, à particular relação que se estabelece entre ele e as pessoas que frequentam.” Dito isso, defendo a importância de que se compreenda o espaço pensando também nas relações que o espaço estabelece com as pessoas que ocupam, ou seja, os bebês e os educadores. Nessa direção, Oliveira, Marques e Neves (2023, p. 4) compartilham da mesma opinião, afirmando que “o espaço é produzido tanto pelo que se refere à sua materialidade quanto pelas relações ali estabelecidas”. Nesse sentido, compreendo que as relações sociais dos bebês compõem e fazem parte do espaço.

Dada a importância do espaço em relação com as interações estabelecidas ali, Forneiro (1998, p. 238) afirma que “os elementos do espaço se transformam assim em

componentes curriculares”. Ou seja, os elementos que compõem o espaço trazem, por si só, uma gama de aprendizados para os bebês que o ocupam. Em tal perspectiva, Forneiro (1998) aprofunda a discussão, afirmando que a partir da organização dos espaços é possível inferir as características do trabalho do docente. Concordo com a autora, pois na organização do espaço, o docente explicita a sua intencionalidade pedagógica, seja por meio do modo como dispõe os materiais, do que tem e o que falta no espaço, seja por meio da escolha dos mobiliários e dos brinquedos, é, assim, possível inferir o que pretende o docente com a organização do espaço que apresenta. Corroborando com o argumento, Trueba (2022, p. 69) afirma que o ambiente “é como um cartão de apresentação que reflete e expressa nossas intenções”. Ou seja, o ambiente explicita as intenções pedagógicas do professor a partir da sua organização.

Seguindo a mesma lógica, Horn (2003) defende que na organização dos ambientes da escola contém uma parte importante da proposta pedagógica. Nesse sentido, a referida autora argumenta que a organização “traduz as concepções de criança, de educação, de ensino e aprendizagem, bem como uma visão de mundo e de homem do(a) educador(a) que atua nesse cenário” (Horn, 2003, p. 72). Portanto, a partir da organização do espaço da creche, o professor deixa claro como enxerga o bebê e a criança pequena que ocupa esse espaço. Se a criança depende do professor para alcançar os brinquedos para ela, por exemplo, pois estão a uma altura que só o professor alcança, essa organização mostra uma visão de criança não autônoma. Outra situação é que se no momento da alimentação as cadeiras que os bebês sentam oportunizam que eles encostem os pés no chão e que possam sair dessa cadeira quando se sentirem satisfeitos, pois não estão presos, essa organização demonstra uma visão autônoma de criança por parte do docente. Por isso, afirmo que, por meio da organização dos espaços da creche, fica explícita a visão de criança que o docente possui. Nessa perspectiva, Horn e Barbosa (2022, p. 67) apontam que “por meio da organização, o ambiente educa, faz convites, encaminha propostas, estabelece limites e abre novas possibilidades”. Em suma, a organização do espaço precisa contemplar o bem-estar das crianças, as suas aprendizagens, descobertas e interações.

A organização entre os bebês e os espaços é o foco de discussão do presente capítulo. O capítulo está organizado em seis seções: começando por essa seção introdutória, seguindo na segunda seção intitulada “A docência na creche: o espaço como terceiro educador”, na qual apresento as especificidades da docência na creche e a questão do

auxílio do espaço como terceiro educador. Na terceira seção, cujo título é “Os espaços e os materiais nos documentos curriculares da Educação Infantil: DCNEI e BNCC”, o foco da discussão é sobre o que os documentos oficiais dizem sobre os espaços e os materiais na creche. Na quarta seção, a qual denomino como: “O planejamento dos espaços internos, a seleção e a oferta de materiais na creche”, discuto como podem ser planejados os espaços internos, e a realização da seleção e a oferta de materiais na creche. Por conseguinte, na quinta seção intitulada “Os bebês e os espaços externos na creche: deslocamentos, encontros e interações entre pares”, apresento uma discussão sobre quais são as ações de mediação da professora nos espaços externos da creche e sobre a organização dos espaços externos. Por fim, na sexta e última seção, apresento “O uso dos espaços e a seleção de materiais como elementos da docência na creche”, na qual irei tratar sobre o uso dos espaços e a seleção de materiais como elementos constituintes da docência na creche.

2.1 A DOCÊNCIA NA CRECHE: O ESPAÇO COMO TERCEIRO EDUCADOR

Ao pensar sobre as especificações da docência na creche, muitos pontos entram em discussão, entre eles ressalto a importância da questão do gênero. A propósito dessa discussão, Batista e Rocha (2018) apontam a dificuldade de especificar a docência na creche, visto que, muitas das atividades do profissional que atua com as crianças na creche, relativas ao cuidar e educar, ainda estão associadas às experiências maternas e domésticas, o que implica na constituição da identidade desse profissional. Para muitas pessoas, o trabalho na creche é considerado restrito ao público feminino por suas características serem parecidas com o trabalho materno. No entanto, sabemos que esse discurso não está de acordo com a realidade, na qual muitos profissionais homens atuam em creches e escolas de Educação Infantil como professores e merecem o reconhecimento e legitimidade pelo seu trabalho, o qual fazem com muita competência.

No entanto, é especificidade da docência na creche a relação de cuidado que passa do educador para a criança, independentemente se forem feitas por homens ou mulheres, ou seja, não envolve a questão de gênero. Ser mulher não pode ser uma condição da docência na creche. É compreensível que a docência na creche envolve muitas ações e movimentos do(a) educador(a) no cotidiano para com as crianças. Nesse sentido, Guimarães (2018, p. 32) corrobora com essa discussão quando fala que “capturar o olhar, buscá-lo e

compreendê-lo é um movimento importante no trabalho educativo-pedagógico com os pequenos”. Por esse motivo, as creches e pré-escolas precisam de educadores com olhares atentos aos detalhes e às manifestações das crianças, de modo que lhes ofereçam a atenção e o cuidado desde os pequenos aos grandes gestos. Sendo assim, Guimarães (2018, p. 32) cita o cuidado como “movimento do adulto de estar atento a si e ao outro, dando respostas congruentes às ações das crianças, responsabilizando-se por elas”. Concordo com o argumento do autor, pois no cotidiano da creche, os momentos de cuidado, por exemplo, exigem esse olhar atento e cuidadoso para os bebês e crianças pequenas, de modo a serem realizados com calma e passando tranquilidade.

Na creche, muitos bebês vivenciam experiências pela primeira vez: os primeiros passos, a introdução alimentar, as primeiras interações com seus pares ou com adultos de fora da família. Nesse sentido, todos os seus movimentos e aprendizados precisam ser evidenciados pelos adultos que acompanham essas descobertas. Nesse período que os bebês estão vivenciando, ter docentes que oferecem um ambiente potente e que valorizam essas primeiras experiências e incentivam o seu desenvolvimento é essencial. É dever do docente da creche ter esse olhar de cuidado com as manifestações dos bebês. Conforme Guimarães (2018), o cuidado está presente quando olhamos para a criança dando visibilidade e sentido para as suas manifestações durante toda a jornada da criança na creche, e quando refletimos sobre esse olhar. Por isso, é importante que o bebê sinta essa presença do docente, esse olhar de atenção sobre ele e suas ações. Desse modo, Guimarães (2018, p. 34) fala sobre essa ação de cuidar, “pode-se entender que cuidar não envolve só uma habilidade técnica, mas uma atenção, reflexão, contato e, levando em conta o componente emocional, cuidar envolve carinho, atenção ao outro”. Concordo com o dito pela autora, pois os momentos de cuidado, por exemplo, podem ser uma grande oportunidade do docente ampliar o vínculo com o bebê, por meio desse olhar, de uma conversa e ao narrar as ações que estão sendo realizadas.

Outro ponto de discussão sobre a questão da função do docente na creche, é que muitos entendem que ele tem a função de preparação do bebê e da criança pequena para os próximos anos de pré-escola e, posteriormente, anos iniciais. Sobre esse aspecto, Vargas, Gobbato e Barbosa (2018) salientam que muitos docentes, ao iniciarem a sua profissão, sentem-se despreparados para atuarem em creches devido à falta de estudos aprofundados durante a faculdade acerca das especificidades da docência na creche. Por esse motivo,

muitos docentes acabam tendo dúvidas sobre como agir com os bebês e as crianças pequenas, e como atuar de forma a prepará-los para os próximos anos escolares.

Aprofundando a discussão, Vargas, Gobbato e Barbosa (2018) reconhecem que o trabalho com bebês e crianças pequenas é um desafio e evidenciam que muitos profissionais recém-formados evitam atuar no berçário devido ao desconhecimento da docência nessa faixa etária. O trabalho no berçário faz muito mais sentido tanto para o docente quanto para os bebês se for realizado com conhecimento sobre a docência na creche e se tiver segurança por parte do docente. Sobre a docência com os bebês, as referidas pesquisadoras salientam a necessidade de conhecer os bebês, valorizar as relações e interações, focando em práticas educativas voltadas para as experiências dos bebês e seus processos de aprendizagem. Ademais, Vargas, Gobbato e Barbosa (2018) salientam, também, a importância dos estágios docentes em creches durante a graduação, para diminuir o desconhecimento dos estudantes sobre o que acontece nesse ambiente e evitando a sua despreparação. Nesse sentido, Barbosa e Gobbato (2022, p. 316) abordam a docência na faixa etária de zero a cinco anos, salientando que nessa faixa etária são necessárias por parte do docente “as ações de acolhimento e cuidado, a valorização das práticas sociais, e requer uma organização das situações da vida cotidiana de modo que promova as aprendizagens integrais dos bebês e crianças pequenas”. Concordo com as autoras sobre esse quesito, e ressalto a importância de uma organização do cotidiano na creche que contemple essas especificidades citadas.

Ademais, Barbosa e Gobbato (2022) argumentam que a prática docente na Educação Infantil perpassa a organização do espaço, tempos e materiais, salientando que, além disso, o professor tem a responsabilidade de ter a postura aberta e acolhedora com as crianças, demonstrar-se disponível e escutá-las de forma integral. Dessa forma, é importante salientar que em muitas das ações docentes no berçário, os conhecimentos técnicos são essenciais, como nas ações de trocas de fraldas, banho, alimentação, etc. No entanto, para além dos conhecimentos técnicos, é importante também como o docente realiza esse momento e o que ele transmite para o bebê em cada toque, em cada manobra. Trazendo como exemplo a troca de fralda, é um momento para refletir para além do objetivo que é trocar a fralda, mas na interação que acontece naquele momento tão individual entre o bebê e o professor.

Inúmeras são as especificidades da docência na creche. Essas especificidades exigem do professor uma constante reflexão sobre a prática e busca por conhecimento atualizado.

No entanto, a docência na creche não é feita de forma individual e sozinha, ela conta também com o auxílio do ambiente como um espaço educador. O espaço na creche, é também um elemento curricular (Forneiro, 1998) e se constitui como um fator de aprendizagem para as crianças. O espaço tem esse potencial se for organizado pelos professores de forma apropriada, disposto de forma harmoniosa, convidativa, com materiais e objetos de qualidade e com intencionalidade. O formato da organização do espaço da creche, por si só, comunica e passa uma mensagem. Ele também é um fator de aprendizagem para as crianças e estabelece uma relação entre ele e as pessoas que o frequentam. Forneiro (1998, p. 241) corrobora com esse argumento, enfatizando que “de tudo isso, podemos concluir que o ambiente é, por si mesmo, um educador(a) tanto das crianças como dos adultos. Daí a sua importância como componente curricular”. Por sua especificidade, o espaço pode ser considerado o terceiro educador. Em uma sala de referência na creche, no qual constam dois docentes, o espaço é considerado esse terceiro “educador” – em outras palavras, esse terceiro docente. Portanto, o espaço é considerado como terceiro educador devido à sua relevância, importância e à sua potência. Além disso, devido a sua organização, por si só o espaço já se configura como um potencial promotor de aprendizagens das crianças. Nesse cenário, Edwards, Gandini e Forman (1999) salientam que para o espaço funcionar como um educador, o ambiente precisa ser flexível, como também ser sempre atualizado e modificado de acordo com as necessidades das crianças e dos professores, de forma que as crianças sejam protagonistas na construção das aprendizagens.

Outro aspecto importante de pontuar ao se falar do espaço como terceiro educador é se ele é um facilitador do desenvolvimento da autonomia das crianças que frequentam o espaço ou se a criança vai precisar depender do professor para a maioria das suas ações. A escolha do mobiliário pode influenciar muito na autonomia do bebê e da criança quando, por exemplo, se deseja alcançar por si próprio um material e consegue fazer de forma autônoma, ou precisa solicitar pelo professor para alcançar. Então, o ambiente também mostra para a criança se ela é capaz de realizar as suas ações por conta própria ou não.

Para a criança, é importante que o espaço traga previsibilidade e segurança na sua organização. Ao frequentar diariamente a escola, entrar na mesma sala, com as mesmas pessoas, e realizar a mesma rotina, traz para a criança a sensação de previsibilidade e segurança. No entanto, a introdução de novos materiais, contextos, novas vivências diferentes das habituais, carregam novas experiências e pluralidades que podem ser muito

ricas para ampliar o repertório cultural e o conhecimento da criança. A respeito disso, Forneiro (1998, p. 253) defende que “a escola infantil deve procurar desenvolver uma dupla função: vincular interesses e as atividades habituais das crianças e, ao mesmo tempo, abrir novos horizontes”. Dessa forma, ao mesmo tempo que as crianças se identificam com o ambiente por ele compor materiais que elas possuem interesse, a ampliação desses materiais pode ser muito potente para o aprendizado dos bebês e das crianças pequenas.

Mediante o exposto, na próxima seção trarei reflexões acerca de como os documentos curriculares da Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular, apresentam os espaços e os materiais na creche.

2.2 OS ESPAÇOS E OS MATERIAIS NOS DOCUMENTOS CURRICULARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DCNEI E BNCC

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) são documentos que apresentam diversas considerações acerca dos espaços e dos materiais e a sua importância na Educação Infantil, além de orientações aos professores para o uso dos mesmos. Os espaços e os materiais precisam ser considerados mais do que apenas parte do mobiliário que compõe uma sala de referência na Educação Infantil, mas como parte do trabalho pedagógico (Horn; Gobbato, 2015). Por isso, é responsabilidade do professor a organização do espaço e materiais da creche de forma a garantir a qualidade do uso dos mesmos pelos bebês e pelas crianças pequenas. A seguir, será apresentado o que consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) e na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) sobre os espaços e os materiais na Educação Infantil.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (Brasil, 2009, p. 19), a organização dos espaços, tempos e materiais precisam ser realizadas de forma que assegurem “o reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades”. Diante disso, a organização dos espaços e materiais precisam contemplar esses apontamentos citados de forma que o docente tenha a obrigatoriedade de ofertar

materiais específicos para cada faixa etária², mas também, organizar espaços nos quais crianças de diferentes faixas etárias possam conviver em conjunto. Além disso, as DCNEI (Brasil, 2009, p. 20) citam que as propostas pedagógicas na Educação Infantil precisam assegurar “os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição”. Ou seja, é preciso que os docentes organizem o espaço da creche de forma que os bebês e as crianças pequenas tenham a oportunidade e possam, de forma segura, frequentar todos os espaços da escola, tanto os internos como os externos, e circularem de forma livre. Além disso, as DCNEI (Brasil, 2009) também citam que é preciso garantir “a acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação” (Brasil, 2009, p. 20). Em relação a isso, é muito importante que se o professor tiver em sua turma alguma criança com alguma deficiência ou transtorno, que considere essa condição ao organizar os espaços, selecionando assim os materiais e mobiliários adequados para determinada especificidade. É preciso pensar em como essa criança irá se deslocar pelos espaços, como garantir esse deslocamento, as interações, a brincadeira dessa criança e o aprendizado.

Outro ponto que as DCNEI (Brasil, 2009, p. 21) citam no documento é que as propostas pedagógicas na Educação Infantil precisam assegurar “o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação”. Essa valorização das culturas e o combate à discriminação deve acontecer desde o berçário, através das escolhas dos materiais que compõem esse espaço. Ao serem disponibilizadas bonecas pretas nas salas, por exemplo, os bebês e as crianças pequenas desde o berçário podem ter familiaridade com pessoas pretas e, assim, diminuir a chance de adquirirem práticas racistas no futuro. Assim como a disponibilidade de livros que possuem personagens pretos podem também contribuir com a prática antirracista na Educação Infantil com bebês e crianças pequenas.

² Apesar de estar indicando aqui a faixa etária, não desconsidero que, apesar de ser necessário reconhecer as especificidades de cada idade, é também importante que seja levado em consideração as questões sociais e culturais que envolvem os contextos das crianças. Existem condições diferentes de vida a que estão sujeitas cada criança, apesar de possuírem a mesma idade.

Nesse aspecto, conforme as DCNEI (Brasil, 2009, p. 25), as ações pedagógicas que compõem o currículo da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, além disso, garantir para as crianças experiências que

promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.

Ou seja, por meio da oferta de materiais adequados para que essas experiências citadas possam acontecer, como também espaço adequado. Outro ponto levantado pelas DCNEI (Brasil, 2009, p. 25) é a garantia de que os docentes “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos”. Desse modo, ao serem ofertados materiais como livros de qualidade na creche, desde o berçário, inclusive, o bebê e a criança pequena, desde cedo, já tem contato com a narrativa e com a oralidade, tanto pelo contato com esse material, como também por intermédio de adultos disponíveis para ler histórias para os bebês e as crianças pequenas.

Já na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017, p. 35) constam os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, a fim de assegurar condições para que as crianças possam ser participativas nos ambientes “que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural”. Para isso, o ambiente na creche precisa ter espaços organizados de forma que desafie o bebê e a criança pequena, a fim de oportunizar momentos de desenvolvimento e de conhecimento de si e do seu corpo. Dessa forma, a BNCC (Brasil, 2017, p. 36) apresenta como um dos direitos das crianças, o direito de “brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros [...]”, a fim de ampliar e diversificar os seus conhecimentos, imaginação, criatividade, o seu emocional, como também experiências corporais e sociais. Essas condições são possíveis de acontecer em um espaço planejado e organizado de forma a contemplar esses direitos citados acima, inclusive com bebês e crianças pequenas. Ao brincar nos ambientes externos, como no pátio, por exemplo, o bebê e a criança pequena têm uma grande oportunidade de se desafiar, de se movimentar livremente e de realizarem muitas descobertas com o seu corpo.

Outro direito apresentado pela BNCC (Brasil, 2017, p. 36) é o de “participar [...] da escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando”. Sobre isso, é importante que o espaço da creche tenha uma quantidade considerável de oferta de materiais a fim de que o bebê e a criança pequena possam escolher com qual material deseja brincar, e além disso, que eles tenham a oportunidade de deslocar-se por todos os espaços da creche de forma livre. Ademais, a BNCC (Brasil, 2017, p. 36) apresenta o direito a “explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela [...]”, de forma que a criança possa ampliar os seus saberes. Isso será possível a partir da oferta de materiais e de espaços livres para o deslocamento dos bebês e crianças pequenas na creche. Conforme indica a BNCC (Brasil, 2017, p. 37): “Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças”. Dessa forma, o docente se torna responsável por planejar o espaço e selecionar os materiais, além de analisar a efetiva utilização dos mesmos, como também garantir a continuidade dessa utilização visando o desenvolvimento deles.

Ainda no que diz respeito aos espaços na Educação Infantil, a BNCC (Brasil, 2017) apresenta nos campos de experiência a organização curricular da educação infantil. Por exemplo, no campo de experiência intitulado “Corpo, gestos e movimentos”, o documento salienta que “a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo [...]” (Brasil, 2017, p. 39). Diante disso, considero importante que os espaços da creche deem conta desse direito, oportunizando ambientes que os bebês possam se deslocar, se sentar e levantar com apoio, além de vivenciar experiências de descobertas com o corpo no cotidiano da creche. Para isso, é necessário que haja mobiliários adequados e que sustentem essas aprendizagens tão importantes para o desenvolvimento dos bebês e das crianças pequenas. Além disso, o documento cita como objetivo de aprendizagem dos bebês através desse campo de experiência: “deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas” (Brasil, 2017,

p. 45). Portanto, é necessário que o espaço da creche também garanta oportunidades para que a noção de espaço dos bebês seja desenvolvida. A disponibilização de materiais como caixotes, caixas de diferentes tamanhos ou demais materiais semelhantes podem ser uma rica oportunidade para a descoberta da noção de espaço.

Ademais, no campo de experiência intitulado “Traços, sons, cores e formas”, a BNCC (Brasil, 2017, p. 39) cita que “a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística”, visando, assim, o desenvolvimento da sensibilidade, senso estético, crítico como também, da criatividade. Isso pode acontecer de diversas formas na creche, incluindo quando as crianças realizam a ação de “criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música” (Brasil, 2017, p. 46). Para que isso aconteça, a disposição de materiais que produzam diferentes sons é essencial. Além disso, o documento traz como objetivo de aprendizagem das crianças: “traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas” (Brasil, 2017, p. 46). Em relação a esse objetivo de aprendizagem, há muitas formas de proporcionar experiências através desses materiais, como a interação dos bebês com tintas naturais, que não correm o risco de fazer mal caso ele deseje levar à boca. Além disso, contextos com riscantes de carvão também podem ser uma oportunidade muito rica de aprendizagem para os bebês e crianças pequenas descobrirem os traços.

Em relação ao campo de experiência intitulado “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, a BNCC (Brasil, 2017, p. 41) destaca que na Educação Infantil, é importante que sejam oportunizadas experiências nas quais as “crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações”. Dessa forma, a oferta de materiais que garantam essa experiência para os bebês e as crianças pequenas é essencial. No documento, consta que um dos objetivos de aprendizagem dos bebês para esse campo de experiência compreende “explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura)” (Brasil, 2017, p. 47). A partir disso, é importante que para bebês que ainda não caminham, por exemplo, sejam oportunizados materiais como os cestos dos tesouros, nos quais eles poderão explorar diversos materiais e experimentar diferentes texturas, temperaturas, sons e sensações e buscar descobrir o que podem fazer com cada um dos objetos do cesto.

Mediante o exposto, fica evidente que documentos curriculares da Educação Infantil, sendo eles as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), apresentam diversos aspectos relevantes acerca dos espaços e dos materiais na creche. Nesse viés, na próxima seção será apresentado como podem ser planejados os espaços internos e como pode ser realizada a seleção e a oferta de materiais na creche.

2.3 O PLANEJAMENTO DOS ESPAÇOS INTERNOS, A SELEÇÃO E A OFERTA DE MATERIAIS NA CRECHE

A organização dos espaços e materiais pelo docente se tornam importantes na medida em que os espaços ocupam o lugar de educadores também. Nessa perspectiva, Horn e Gobbato (2015) afirmam que dependendo do modo como for organizado o espaço, as ações das crianças não estarão centralizadas no educador, mas, sim, fazendo elas se sentirão instigadas pelos desafios que os materiais e o espaço proporcionam a elas. Dessa forma, a criança torna-se participativa da sua atuação, e, de forma curiosa e autônoma, interage com o espaço e com os materiais de acordo com o seu interesse. Por esse motivo, saliento que para os bebês e crianças bem pequenas, torna-se fundamental essa organização do espaço e a oferta de contextos com materiais que os convidem à exploração e descoberta, para que o seu cotidiano na creche se torne prazeroso e instigante. Além disso, auxilia o professor(a) na medida em que as crianças não dependam totalmente dele(a) para se deslocarem pelo espaço ou também para brincarem. Esse deslocamento se dá a partir da segurança e domínio que o bebê vai adquirindo com o passar do tempo dentro da escola. A esse respeito, Horn e Gobbato (2015, p. 76) reiteram como o adulto atua nesse cenário “o adulto envolvido nessa prática deverá observar criteriosamente seu grupo de crianças e pensar o que, como e por que disponibilizar diferentes materiais”. Ou seja, a função do docente se torna de preparador desse ambiente que o bebê irá usufruir.

A fim de que o bebê possa usufruir do espaço da creche de forma plena e brincar livremente, é importante que o professor tenha em mente uma imagem de criança potente, e não de uma criança frágil que precisa de proteção constante. A superproteção pode acabar limitando o movimento livre do bebê e impedindo o seu desenvolvimento. Isso porque a superproteção está elencada na

[...] concepção de bebê pautada na ideia de incapacidade e fragilidade e a falta de pedagogias que contemplem suas especificidades corroboram para encontrarmos salas cheias de berços e sem espaço para os bebês circularem no chão e brincarem. (Horn; Gobbato, 2013, p. 73)

Por isso, é importante que o professor disponibilize materiais que o bebê possa manusear sem riscos, mas também materiais potentes de exploração, além de mobiliários que o desafiem. Ratificando o exposto, Cortezzi (2020, p. 61) afirma que “o desejo do professor de proteger o bebê e a criança não deve ser maior que a possibilidade de oferecer oportunidades para o desenvolvimento da sua autonomia”. Esse argumento ratifica a importância dos desafios que o espaço da creche pode possibilitar ao bebê a fim de garantir o seu desenvolvimento. A partir disso, os ambientes da creche precisam ser organizados de forma a garantir a oportunidade do desenvolvimento da autonomia do bebê e da criança pequena. A esse respeito Trueba (2022, p. 97) salienta que “o cenário escolar deve favorecer ações autônomas, não solucionando a meninos e meninas coisas que possam fazer sozinhos ou com um pouco de ajuda, ou que possam realizar sozinhos ajudando uns aos outros”. Por isso, no planejamento dos espaços internos da creche, a garantia das oportunidades de autonomia precisa ser levada em consideração pelo docente.

Em relação à qualidade do planejamento dos espaços internos, Gobbato (2011) e Rodrigues (2020) trazem em suas pesquisas importantes considerações sobre o assunto, levando em conta a seleção e oferta dos materiais na creche. Dessa forma, Rodrigues (2020), em sua dissertação, busca compreender o processo de construção do espaço da creche por meio das ações dos bebês diante das materialidades que o compõem. Além disso, a referida autora traz muitas considerações acerca da análise dos significados atribuídos pelas crianças ao espaço e às materialidades. Rodrigues (2020) salienta a importância da garantia de espaços de qualidade no qual os bebês

possam ser e estar no mundo, construindo sentidos compartilhados com seus pares e com os adultos, descobrindo-se, expressando-se, comunicando-se, em suma, participando de forma ativa da construção de suas infâncias. (Rodrigues, 2020, p. 21).

Ou seja, a organização de um espaço na creche visando a qualidade irá garantir para o bebê e para a criança pequena descobertas, interações, expressões, tudo que eles têm direito de vivenciar na creche. Rodrigues (2020, p. 23) também defende que os espaços e

materiais precisam ser pensados, garantindo uma organização que “reconhece que as crianças participam de forma ativa de sua construção”. Concordo com o que alega a autora, por isso saliento a importância do docente oportunizar materialidades que contemplem a participação dos bebês e das crianças, como também as suas múltiplas linguagens.

Ao se considerar a organização do espaço, é importante pensar se essa disposição será feita para as crianças ou com as crianças. É preciso ter cuidado na seleção desses materiais, pensando no que as crianças daquela turma gostam de brincar, oferecendo um maior número de materiais que interessam essas crianças.

Considero importante, antes de tudo, conceituar o significado e a diferença entre matéria, materialidade e materiais. De acordo com Barbieri (2021, p. 39),

a matéria é o elemento originário: a água, o fogo, a madeira, o barro. As materialidades são as potências de transformação dessa matéria [...]. Já os materiais são frutos das matérias processadas: o lápis, madeira com grafite; o papel; a tinta já pronta.

Um ponto importante em relação ao planejamento do uso dos espaços da creche problematizado por Gobbato (2011) em sua dissertação é a questão de os bebês passarem a maior parte do tempo dentro das salas ao invés de ocuparem os outros espaços da escola que pertencem a eles. A referida situação é um ponto de partida para uma discussão importante, visto que os bebês têm direito de se apossar de todos os espaços da escola. Se isso não acontece, eles estão sendo invisibilizados e não estão tendo os seus direitos garantidos. Além disso, com esse modelo de organização, a escola não está pensando na qualidade dos seus espaços, pois um espaço que é planejado e pensado com as crianças que irão habitá-lo tem a sua efetividade garantida, que é a livre circulação dos bebês pelos seus espaços. Sobre esse argumento, Gobbato (2011, p. 202) salienta que “[...] A diversidade dos espaços enriquece as rotinas dos grupos dos bebês, ampliando os horizontes do planejamento pedagógico pela multiplicidade de vivências que comporta”. Concordo com essa citação, pois o planejamento do espaço da creche realizado por docentes cientes de que os bebês precisam vivenciar experiências a fim de ampliar as suas aprendizagens, é um planejamento rico e potente.

Um aspecto importante que Trueba (2022) traz é o fato de que no dia a dia na escola, podemos acabar cometendo o erro de nos acostumar com o ambiente e com os materiais do jeito que estão, no lugar que estão e não os estranhar mais, não questionar o seu

objetivo e intencionalidade. Como alerta Ribeiro (2022, p. 95), “de tanto ver não vemos mais”, ou seja, nos acostumamos com os materiais, com os mobiliários da forma como estão e não nos questionamos do porquê continuam da mesma maneira. Dessa forma, é de suma importância que o ambiente seja sempre revisto e questionado, e, se necessário, o professor deve retirar algo do ambiente para que ele possa fazer mais sentido para as pessoas que o habitam. Sobre essa discussão, Trueba (2022, p. 68) salienta que “olhem com olhos críticos, com olhos de criança à nossa volta, ativemos a escuta e descartemos o que não responde a nenhuma necessidade real, mas a rotinas inertes”. Ou seja, é preciso que os docentes estejam sempre atentos à sua volta, à sua sala de referência e aos espaços da creche, de forma a manter esses instigantes e interessantes para os bebês que o ocupam, com materiais que convoquem o bebê à exploração. No que se refere à seleção de materiais, por exemplo, Trueba (2022, p. 100) destaca, “os materiais, à medida que são usados por um tempo, podem ser substituídos por outros novos e, tempos depois, retornar com os antigos”. Dessa forma, o bebê e a criança pequena provavelmente irão manipular os materiais de forma mais interessada devido à maior rotatividade dos mesmos.

No que se refere à oferta de materiais, Trueba (2022) defende que é importante ofertar para as crianças materiais abertos, ou seja, materiais que oferecem muitas possibilidades de uso. A referida autora sugere ofertar materiais como as argilas, blocos de construção, elementos da natureza, água, caixas, entre outros. Em relação aos materiais citados, Trueba (2022, p. 122) recomenda que “consideremos seriamente oferecer com prioridade a seleção desses materiais abertos, que potencializa múltiplas linguagens expressivas e proporcionam caminhos ao pensamento criativo [...]”. Diante das considerações compartilhadas, considero essencial a oferta desses materiais para os bebês, visando a sua exploração e descoberta das possibilidades do uso dos mesmos.

Prosseguindo a discussão, na próxima seção abordarei sobre os bebês e os espaços externos na creche, os deslocamentos, encontros e interações entre pares, como também quais seriam as ações de mediação da professora nos espaços externos da creche.

2.4 OS BEBÊS E OS ESPAÇOS EXTERNOS NA CRECHE: DESLOCAMENTOS, ENCONTROS E INTERAÇÕES ENTRE PARES

Os espaços que os bebês e as crianças pequenas ocupam na creche precisam extrapolar o ambiente interno. Os espaços externos também precisam fazer parte dos

caminhos que os bebês percorrem na escola, sendo eles o pátio, praça, ou qualquer ambiente com natureza. Sob essa perspectiva, Trueba (2022, p. 162) destaca que “o espaço externo é, por si só, a porta de acesso a um mundo complexo de múltiplas sensações: a natureza, a chuva, o jardim, o bosque, os bichos, as árvores, a terra, a água, as plantas e as flores”. A partir das considerações citadas pela referida autora, é importante salientar que o espaço externo não pode ser um limitador do deslocamento dos bebês, mas, sim, precisam fazer parte dos espaços que eles vão ocupar na creche.

No que diz respeito à relação entre bebês e natureza, Castelli (2019, p. 22), defende que o contato de bebês e crianças bem pequenas com a natureza pode provocar “relações afetivas que aumentem a potência de agir das crianças, dentre as quais destaco as relacionadas à aprendizagem”. Portanto, as crianças podem ampliar suas relações com a natureza ao brincar no espaço externo, além disso, adquirir aprendizagens nessas brincadeiras.

No espaço externo, a criança vivencia novas experiências, diferentes das que vivência nos espaços internos. Sob esse foco, Trueba (2022, p. 163) indica que “devemos confiar nas possibilidades intrínsecas que o jardim e o pátio encerram, pois emitem profundas mensagens e ensinamentos ocultos em cada um de seus cantos”. Dito isso, para que o bebê e a criança pequena possam aproveitar as múltiplas possibilidades de aprendizado e experiências que o espaço externo da creche pode oferecer, eles dependem de um adulto disponível, que compreenda essa importância e possibilite que essas crianças tenham contato com a natureza diariamente, permitindo que se sujeem, que explorem, que descubram, que se encantem. Desse modo, é necessário que esse adulto planeje momentos para que os bebês e as crianças possam usufruir do espaço externo. Sob esse foco, Trueba (2022, p. 164) aponta que “tão necessária quanto a planificação de espaços no lado interno é o planejamento educativo e intencional dos espaços externos da escola”. Como dito pela referida autora, o planejamento do uso do espaço externo da creche é de suma importância e também faz parte da ação pedagógica do professor de bebês.

Ao ocupar os espaços externos, os bebês e as crianças pequenas vivenciam muitas experiências no contato do seu corpo com os elementos naturais. Nesse contato, as crianças podem acabar sujando suas mãos, roupas e cabelos. Em relação ao se sujar, que é uma preocupação que já vi de forma recorrente em muitas escolas que frequentei, Castelli (2019, p. 116) salienta que “a ‘sujeira’ da natureza, muitas vezes malvista, é uma marca de que as

crianças brincaram”. Ou seja, a sujeira é uma consequência positiva, visto que significa que o bebê e a criança pequena que se sujou teve a oportunidade de brincar em contato com a natureza. O ato de se sujar não pode ser visto na sua totalidade como um empecilho, como um tormento, mas, sim, como uma oportunidade de aprendizado e de ampliação das experiências sensoriais e corporais dos bebês e das crianças pequenas. Por essa razão, Castelli (2019, p. 117) defende que “[...] a natureza se coloca como uma dessas possibilidades para que as crianças estabeleçam relações corporais e sensíveis variadas”. Por isso, saliento que o contato das crianças da creche com o espaço externo pode ser muito potente para a ampliação das suas descobertas sensoriais e corporais. Sobre essa perspectiva, Horn e Barbosa (2022, p. 87) alegam que o momento em que as crianças estão brincando no pátio ou em outro espaço aberto em contato com a natureza “é o momento em que o movimento, as imagens, as sonoridades, as curiosidades são autoguiadas”. Diante das considerações apresentadas, evidencia-se o quão importante é a quantidade de tempo que os bebês e as crianças pequenas precisam estar ocupando os espaços externos no cotidiano da creche, a fim de descobrir novos sons da natureza, movimentos e sensações.

Outro aspecto importante a ser abordado sobre a apropriação dos bebês e das crianças pequenas do uso dos espaços externos é a forma como esses momentos podem ser potentes para a ampliação das relações dos bebês entre eles e entre os adultos de referência. Nesse viés, Horn e Barbosa (2022, p. 49) destacam que “os ambientes onde as crianças brincam, se relacionam, criam estratégias, convivem, produzem as suas culturas infantis são fundamentais, pois é nessa interação que elas aprendem e se constituem como sujeitos”. Dito isso, são essenciais as oportunidades de vivências no espaço externo visando a expansão das relações dos bebês entre eles e desenvolvimento das suas culturas infantis desde pequenos.

Em relação à mediação do docente com os bebês e as crianças pequenas ao ar livre, pude observar durante minha experiência como estagiária de Pedagogia que podem acontecer receios, por parte dos docentes, do uso do espaço externo com um grupo de bebês e crianças devido a apreensão da falta de maior controle sobre eles. Sob esse aspecto, Castelli (2019) salienta que ao ocupar os espaços externos, os bebês e as crianças pequenas sentem-se mais livres para explorar, para descobrir e fazerem as coisas por si só, contudo, os docentes sentem mais dificuldades em controlar o grupo de crianças nos espaços externos. Em vista disso, considero essencial a mudança de visão de bebês e de criança desses

docentes, e, dessa forma, considerar os bebês e crianças pequenas como seres potentes e autônomos, que têm o direito de ocupar esses espaços de forma livre a fim de realizar as suas descobertas e criar relações com a natureza. Outro aspecto referente à mediação docente nos espaços externos é a intervenção por parte do docente que ocorre nesses espaços. Na perspectiva de Horn e Barbosa (2022, p. 77), “as intervenções e proposições da professora são realizadas sempre na intenção de respeitar e acolher as experiências que as crianças realizam, colocando no âmago do processo o seu fazer e o seu interagir”. Dito isso, as intervenções das professoras precisam ocorrer por meio do olhar atento, de forma gentil e tranquila, visando a segurança das crianças e as suas aprendizagens e de modo a não impedir as investigações que ocorrem no ambiente externo. Em tal perspectiva, Horn e Barbosa (2022, p. 87) destacam que a ação docente contempla “um adulto presente, disponível, compreensivo, que dialoga, encoraja, desafia, tranquiliza, mas não coordena a atividade integralmente [...]”. Mediante a discussão apresentada, ficam nítidas as especificidades do trabalho docente na creche, assim como do compromisso do profissional com as mediações que sustentem escolhas, investigações e descobertas dos bebês e crianças bem pequenas.

Sobre o deslocamento dos bebês nos espaços externos, Kelleter (2020, p. 50) salienta que “[...] permitir que os bebês possam se deslocar livremente nos espaços internos/externos da creche também influencia a constituição de sua autonomia”. Por essa razão, a ocupação dos espaços externos pelos bebês e crianças pequenas é essencial para o desenvolvimento da sua autonomia, visto que, nos deslocamentos, esse grupo de criança se coloca em desafios e reconhece as ações que seu corpo é capaz de fazer por si próprio. Sob essa perspectiva, Kelleter (2020, p. 245) destaca que “[...] no pátio, os bebês se sentiam à vontade em relação às suas ações, suas posturas eram seguras e, dessa forma, podiam dar continuidade às suas ações, com riqueza de interesse”. Por isso, é essencial que os bebês tenham a oportunidade de vivenciar experiências nos espaços externos, de modo a desenvolverem, inicialmente, a sua segurança, para, depois que se sentirem seguros, poder explorar o ambiente de forma curiosa.

Para que os bebês e as crianças pequenas tenham oportunidade de ampliação da conexão com a natureza a partir da ocupação dos espaços externos, é preciso um planejamento do uso desses espaços por parte do docente. Sobre esse aspecto, Soares e Flores (2017, p. 111) apontam que os professores precisam realizar a organização dos

ambientes externos acreditando no fato de que o contato das crianças com esse ambiente é essencial para o seu crescimento, pois “oportuniza diversas possibilidades de aprendizado a partir das brincadeiras e interações que ali podem ocorrer [...]”. Dessa forma, torna-se parte do trabalho pedagógico do docente da creche o planejamento e organização dos espaços externos visando as inúmeras possibilidades de aprendizado que esses espaços podem oportunizar para os bebês e para as crianças pequenas.

Em relação ao planejamento do uso dos espaços externos, é essencial que o docente contemple momentos e propostas que entrelaçam a conexão dos bebês com a natureza. Sob esse viés, Horn e Barbosa (2022, p. 51) destacam a realização de

propostas desenvolvidas em espaços nos quais os bebês e crianças se identifiquem como integrantes da natureza, estimulando a percepção do meio ambiente como fundamental para o exercício da cidadania.

Dito isso, o contato dos bebês e das crianças pequenas com o espaço externo desde o início dos seus percursos na creche potencializa o conhecimento da natureza como um lugar que eles fazem parte, um lugar que oferece muitos benefícios para os seres humanos e que, além disso, precisa ser preservado e cuidado.

Para potencializar e qualificar o brincar e as interações das crianças com a natureza, Horn e Barbosa (2022) dão sugestões de como podem ser organizados os espaços externos e os materiais que podem ser colocados à disposição das crianças. As referidas autoras sugerem, prioritariamente, o planejamento de áreas para diferentes experiências “[...] sentar embaixo de uma árvore, esconder-se em um esconderijo da cerca, brincar de casinha” (Horn, Barbosa, 2022, p. 89), que são ações esperadas das crianças pequenas nesses espaços. Nesse planejamento, o docente precisa projetar espaços que contemplem diversas situações de aprendizagem e segurança para os bebês e as crianças pequenas. Sob esse aspecto, Horn e Barbosa (2022, p. 89) destacam que

[...] pensar em espaços para repouso/movimento, para segurança/aventura, para imitação/criação, para ficção/realidade e locais para privacidade e socialização, bem como áreas com diferentes materiais naturais para serem manuseados pelas crianças.

Ou seja, o planejamento dos espaços externos na creche precisa englobar muitos fatores, como os citados acima, para que sejam efetivas as aprendizagens e vivências dos

bebês e das crianças pequenas nesses espaços. Em relação aos materiais a serem disponibilizados para as crianças nos espaços externos, Barros (2018 *apud* Horn; Barbosa, 2022) recomenda os brinquedos de madeira, utensílios de cozinha, louça, madeira ou metal, materiais não estruturados, elementos naturais e ferramentas, como também elementos artificiais e brinquedos. Portanto, é importante que o professor seja criterioso na seleção desses materiais, de modo a contemplar as especificidades de todas as faixas etárias do grupo de bebês e das crianças pequenas, para que possam brincar de forma segura e instigante ao mesmo tempo. Além disso, a escolha pelos materiais citados acima oportuniza aos bebês e às crianças pequenas a sua manipulação de diversas formas.

Por fim, considero essencial que o docente, além de planejar, organizar e propiciar momentos para que os bebês tenham contato com a natureza nos espaços externos da creche, consiga também analisar e potencializar esse brincar na natureza. Sob essa perspectiva, Horn e Barbosa (2022, p. 57) salientam que “acompanhar as experiências realizadas, avaliá-las, revisá-las e modificá-las junto com as crianças é uma ação docente contínua [...]”. Dito isso, a reflexão crítica do planejamento e do fazer docente a partir das experiências dos bebês e das crianças pequenas nos espaços externos é essencial para que as suas vivências se tornem cada vez mais ricas e potentes nesses espaços. Além disso, é importante também que o docente, com essa análise, garanta a continuidade desses momentos no cotidiano da creche.

Diante do exposto, na próxima seção apresentarei a discussão sobre o uso dos espaços e a seleção de materiais como elementos constituintes da docência na creche.

2.5 O USO DOS ESPAÇOS E A SELEÇÃO DE MATERIAIS COMO ELEMENTOS DA DOCÊNCIA NA CRECHE

Planejar o uso dos espaços da creche e realizar a seleção dos materiais que compõem esses espaços são elementos essenciais da docência na creche. Sobre essa temática, Simiano (2016, p. 30) destaca que “considerando, que a educação coletiva dos bebês efetiva-se na materialidade de um espaço, considera-se fundamental que ele seja rico, diverso em materiais, brinquedos e mobiliário”. Por isso, é necessário muito investimento nos materiais, brinquedos e mobiliários por parte dos docentes para compor o espaço da creche.

A seleção dos materiais é uma função importante a ser desenvolvida pelos docentes, pois, conforme cita Rodrigues (2020, p. 32), “as materialidades disponíveis na escola,

marcadas pelas trajetórias dos adultos que fazem a escolha destes objetos, [...] se configuram enquanto campo de possibilidades para as ações dos bebês”. Ou seja, a manipulação desses materiais pelos bebês se tornam ricas oportunidades de ações, aprendizados e descobertas. Em relação à interação dos bebês com os materiais na creche, Rodrigues (2020, p. 63) aponta que “[...] os bebês atuam sobre e com os objetos, instrumentos materiais de suas vidas, atualizando-os e interpretando-os a partir de sua relação com o mundo [...]”. Diante disso, os momentos de exploração e manipulação dos materiais pelos bebês na creche são grandes oportunidades de o bebê conhecer a si mesmo e conhecer o que suas mãos e seu corpo podem fazer com determinado material.

Dessa forma, é necessário muito critério na escolha dos materiais, visto que, dependendo de quais são escolhidos, eles podem ser limitadores ou potencializadores das aprendizagens dos bebês e das crianças pequenas. Sobre isso, Rodrigues (2020, p. 47) salienta que “espaços e materiais são vividos e transformados de modos diferentes a partir daquilo que os nossos corpos nos permitem ou não realizar, a partir dos encontros que acontecem”. Ou seja, um material que é adequado para os bebês de zero a um ano, pode não ser adequado para uma faixa etária maior, como crianças de dois anos e meio, por exemplo, e vice-versa. Por isso, na creche, é necessário que a escolha dos materiais pelos docentes contemple as necessidades do bebê e das crianças pequenas, visando os materiais adequados para as suas faixas etárias, e, também, levando em consideração as suas aprendizagens e potencialidades. Sobre a importância da escolha das materialidades que compõem o espaço da creche, Rodrigues (2020, p. 147) salienta que

o lugar para os bebês se constrói a partir das materialidades que são selecionadas para o compor e eles terão acesso a elas de modos diferentes a depender da ação pedagógica e dos processos de clivagem com os quais professoras e gestoras operam.

Ou seja, a escolha dos materiais tem muita relevância na organização dos espaços da creche e influenciam a forma como os bebês irão aproveitar o seu cotidiano nesse espaço.

Em relação aos critérios a serem levados em consideração na escolha dos materiais para compor os espaços da creche, Forneiro (1998, p. 239) salienta o tipo de interação que os materiais podem ofertar entre as crianças, dependendo se eles “puderem ser usados por diversas crianças ou serem de uso individual cria diferentes dinâmicas de trabalho na sala de aula”. Ou seja, é necessário que o docente tenha ciência da quantidade de materiais a serem

dispostos, de forma que dê conta do número de bebês e crianças que compõem a sala e, além disso, que ele seja um material que possa ser utilizado de diferentes formas.

Outro ponto que Forneiro (1998, p. 239) destaca, que também é importante levar em consideração na organização do espaço da creche, é a localização e a disposição dos materiais no espaço, uma vez que, “o fato de os materiais estarem ao alcance das crianças, estarem organizados seguindo uma estrutura lógica, estarem rotulados, etc., marca uma relação diferente com os objetos”. Dessa forma, tão importante quanto a seleção dos materiais a serem disponibilizados aos bebês e às crianças pequenas na creche, é a forma como eles vão estar disponíveis para o uso. A escolha pela forma de disposição dos materiais torna-se também uma especificidade da docência na creche.

Em relação à seleção de materiais e a ação docente na creche, Gobbato (2011, p. 113) salienta a importância do professor respeitar o tempo e as iniciativas dos bebês de “iniciarem e terminarem as suas experimentações sem serem interrompidos pela figura do adulto”. Nesse sentido, um dos critérios importantes acerca da escolha de materiais adequados para o uso dos bebês e das crianças pequenas no espaço da creche é o quanto esse material é interessante para o bebê, de modo que ele não dependa de um adulto para alcançar determinado brinquedo para ele ou chamar a atenção dele de determinada forma. Por essas razões, a escolha dos materiais torna-se crucial para a qualidade do tempo e do brincar dos bebês na creche.

Pelas considerações até então apresentadas, é possível afirmar que a escolha dos materiais para os bebês e crianças pequenas são especificidades da ação pedagógica na creche e precisam ser escolhidos de forma criteriosa, visando o desenvolvimento das aprendizagens dos bebês. Desse modo, Kelleter (2020, p. 133) sugere materiais adequados para compor a sala dos bebês, destacando que “são indicados chocalhos de madeira, argolas de madeira, cestos de palha, descansa-pratos, potes, bacias de inox, peneiras e objetos de borracha fáceis de agarrar”. A partir da oferta desses materiais citados, o bebê e a criança pequena terão a oportunidade de experimentar diversas funcionalidades, sons, noção de espaço, pois são materiais que não tem uma estrutura determinada, mas, sim, materiais que a criança pode determinar a sua função. Nesse contexto, Trueba (2022, p. 119) salienta a diversidade nos usos flexíveis dos espaços e dos materiais, “ao atribuir novos usos (ou seja, diferentes daqueles para os quais foram concebidos) a móveis e materiais”. Ou seja, é importante que o docente disponibilize materiais não estruturados, que possam ter

diferentes usos por parte dos bebês e das crianças pequenas na creche, de modo que a criança possa representar o que deseja com os materiais e agir da forma que faz sentido para as suas descobertas. Sobre esse aspecto, Trueba (2022, p. 120) salienta a importância de ofertar materiais abertos, que segundo a autora, “materiais abertos são aqueles que oferecem múltiplos usos e possibilidades e contém em si mesmos muitas opções de uso”. Dessa forma, os bebês e as crianças pequenas terão a possibilidade de potencializar as suas múltiplas linguagens expressando-se através desses materiais apresentados.

Por fim, concluo que o espaço organizado pelo adulto, a partir das suas escolhas pedagógicas, irá proporcionar para as crianças condições facilitadoras de aprendizagem, além de ampliar os seus repertórios de brincadeiras e experiências.

Diante dessas considerações, no próximo capítulo apresentarei os caminhos metodológicos a serem realizados neste trabalho.

3 A ENTREVISTA COM DOCENTES DE CRECHE: A PERSPECTIVA METODOLÓGICA DA PESQUISA

No presente capítulo, apresento a perspectiva metodológica utilizada em minha pesquisa. Em busca de respostas para o problema de pesquisa “Como são organizados os espaços e os materiais na creche tendo em vista a promoção das relações sociais entre as crianças e os seus pares, assim como a aprendizagem pela ação, investigação e descoberta?”, realizei entrevistas com docentes que atuam em creches. Para isso, decidi pela escolha de uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza descritiva. E, além disso, realizei entrevistas semiestruturadas.

Em relação às pesquisas descritivas, Gil (2002) afirma que elas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, sendo uma de suas características mais significativas a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, como o questionário e a observação sistemática. Em relação à pesquisa qualitativa, Silva e Carvalho (2019, p. 523) afirmam que “os estudos de abordagem qualitativa são personalísticos, na medida em que visam compreender as percepções individuais dos sujeitos, buscando a singularidade e não a homogeneidade”. Ou seja, através da minha pesquisa busco compreender de forma singular as especificidades em relação aos

modos de organização dos espaços da creche e no uso desses espaços pelos professores que atuam na creche.

Dessa forma, metodologicamente, realizei entrevistas com quatro professores(as) de Educação Infantil de escolas públicas municipais que atuam na creche, especificamente no berçário. O meu intuito com as entrevistas foi de investigar o ponto de vista dos(as) professores(as) de creche sobre os usos dos espaços, assim como as concepções desses profissionais a respeito de como podem ser pensados os espaços enquanto promotores das interações e brincadeiras das crianças bem pequenas.

A escolha pela entrevista como perspectiva metodológica ocorreu porque a partir das entrevistas pude conhecer minuciosamente a relação dos(as) docentes entrevistados com o espaço em que atuam na creche. Além disso, tive a oportunidade de levantar questões sobre o que consideram importante na organização do espaço da creche, que compartilharei posteriormente no decorrer do capítulo.

Dessa forma, para essa pesquisa a escolha das entrevistas semiestruturadas como método foi fundamental, visto que, como afirma Muylaert *et al.* (2014, p. 194), “as entrevistas [...] caracterizam como ferramentas [...], visando a profundidade, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional”. Nesse sentido, entendo que as entrevistas foram uma forma adequada de se aprofundar em aspectos importantes a serem trazidos pelos entrevistados de forma flexível, profunda e singular. Em tal direção, Muylaert *et al.* (2014, p. 194) argumenta que “há nas entrevistas narrativas uma importante característica colaborativa, uma vez que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e participantes”. Por isso, a entrevista é uma oportunidade para conhecer de forma densa a história e a relação que o entrevistado possui com a temática da entrevista.

No caso desta pesquisa, a entrevista foi uma ótima forma de descobrir como cada entrevistado(a) organiza o espaço da creche em que atua e como utiliza os espaços da creche com os bebês. Em tal perspectiva, as entrevistas realizadas em minha pesquisa possibilitaram aos entrevistados “elaborarem respostas/argumentações mais amplificados, ou seja, eles possuem mais liberdade com relação à arguição e/ou aos estímulos oferecidos pelo sujeito da pesquisa” (Fontana, Rosa, 2023, p. 187). Dessa forma, a entrevista tornou-se mais aberta para as respostas dos entrevistados(as), no qual eles(as) puderam se colocar de forma pessoal e narrar com mais detalhes a sua experiência.

Diante disso, me aprofundei inicialmente em estudos bibliográficos sobre a temática da pesquisa e utilizei diversos autores e autoras para embasar esse estudo. A partir estudos de autores como a Forneiro (1998), Gobbato (2011, 2018, 2022), Horn (2021, 2015), Barbosa (2018, 2021, 2022), Trueba (2022), Ribeiro (2022), Kelleter (2020), Silva (2018) entre outras e outros, pude fundamentar teoricamente o que dizem os pesquisadores sobre a organização dos espaços da creche. Desse modo, toda a fundamentação teórica contribuiu no aprimoramento do processo investigativo, que foi desenvolvido posteriormente a partir das entrevistas com docentes do berçário da rede pública das cidades de Porto Alegre (RS) e Blumenau (SC).

Nesse sentido, neste capítulo tenho como objetivo apresentar os caminhos metodológicos percorridos para a geração dos dados da minha investigação. Em vista do exposto, organizei o capítulo em cinco seções. Desse modo, na primeira seção apresento a entrevista como metodologia de pesquisa escolhida para a geração dos dados. Na segunda seção compartilho os critérios que foram utilizados para a seleção dos(as) participantes da pesquisa e apresento os docentes entrevistados. Por sua vez, na terceira seção apresento a pauta de entrevista e explico o modo como serão realizadas as entrevistas. Em seguida, na quarta seção, apresento a análise do conteúdo como estratégia de leitura das entrevistas. Por fim, na quinta seção, discuto a ética na pesquisa realizada com docentes.

3.1 OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E A APRESENTAÇÃO DOS DOCENTES DE CRECHE PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para contribuir com esta pesquisa, foram selecionados(as) docentes que atuam com crianças do berçário em escolas públicas municipais de Educação Infantil. Os(as) docentes escolhidos(as) não foram por acaso, mas, sim, tiveram alguns critérios específicos nesta escolha. Os critérios de seleção desses docentes foram os seguintes: 1) ser docente atuante na creche, mais especificamente no berçário; 2) ser servidor(a) efetivo(a) do quadro da rede pública municipal de ensino; 3) ter formação em Pedagogia.

Para conseguir encontrar docentes que se enquadrassem nesses critérios, contei com o auxílio do meu orientador, visto que, devido a sua vasta experiência na área da Educação Infantil, possuía contatos de professores(as) que atendiam esses requisitos. Dessa forma, foram, no total, quatro docentes escolhidos(as) para participar da pesquisa.

Justifico a importância da escolha desses profissionais visto que esses(as) docentes são considerados(as) referência na temática da organização dos espaços na creche, pois se dedicam de forma significativa no planejamento e na organização dos espaços das escolas onde atuam. Dito isso, saliento a importância da contribuição desses(as) profissionais na constituição desta pesquisa, visto que a temática da organização dos espaços na creche é um tema muito importante de ter conhecimento na atuação como docente de berçário. Por isso, os(as) docentes selecionados(as) para a pesquisa, por terem atendido os critérios apresentados, terão muito a contribuir para a difusão dessa temática tão relevante. O compartilhamento das experiências dos docentes selecionados que atuam nas escolas públicas de Educação Infantil, de seus aprendizados, assim como seus desafios na organização dos espaços da creche, tornou a participação deles(as) fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Dessa forma, assim que consegui o contato dos(as) docentes, procurei-os(as) para agendarmos as entrevistas. Assim, propus a eles(as) uma entrevista semiestruturada, que irei apresentar na próxima seção. Todavia, neste momento, considero importante apresentar os(as) docentes participantes da pesquisa. Para tanto, inicialmente apresentarei dados sobre a formação, idade e tempo de atuação na Educação Infantil. Por conseguinte, apresentarei as minhas impressões decorrentes das entrevistas realizadas com eles(as) durante o processo de pesquisa.

Quadro 1: Apresentação dos professores participantes

Nome fictício	SILVIO	MARIA DA GRAÇA	PAULO	BELA
Idade	47 anos	49 anos	45 anos	46 anos
Cidade	Porto Alegre (RS)	Porto Alegre (RS)	Porto Alegre (RS)	Blumenau (SC)
Formação acadêmica	Mestre em educação	Pedagoga e pós-graduada	Mestre em educação	Pedagoga e pós-graduada
Tempo de atuação	25 anos	24 anos	10 anos	20 anos
Rede atual	Pública	Pública	Pública	Pública

Fonte: Elaborado pela a autora (2024).

O primeiro entrevistado foi o professor Silvio, de 47 anos, docente em uma turma de berçário em uma escola pública municipal de Porto Alegre (RS). Formado inicialmente em Educação Física, atualmente possui mestrado em educação. Atua na Educação Infantil há 25 anos. Como professor de creche, atua há seis anos. Essa entrevista foi realizada de forma presencial, portanto, pude conhecer o espaço da creche que Silvio trabalha com os bebês, como a sala de referência do grupo, o espaço externo, e demais espaços da escola. Foi uma experiência muito rica, pois pude visualizar os espaços citados por ele durante a entrevista, os quais utiliza na sua docência com os bebês. Espaços esses muito bem planejados, organizados e com intencionalidades.

A segunda participante entrevistada foi a professora Bela, de 46 anos. Formada em pedagogia, com pós-graduação em Gestão Escolar e Psicomotricidade, atua na Educação Infantil há 25 anos, e como professora de creche, entre idas e vindas, há 20 anos. Essa entrevista foi realizada de forma *on-line*, devido a distância entre nós, pois Bela mora em Blumenau (SC). Foi uma entrevista muito leve, com muitos aprendizados devido a vasta experiência que Bela possui como professora na Educação Infantil. Diante da sua fala, era possível observar a paixão pela profissão a qual se ocupa cotidianamente, por meio da organização dos contextos para os bebês com muita dedicação.

A terceira professora entrevistada foi a professora Maria da Graça, de 49 anos. Maria da Graça é formada no magistério, posteriormente graduou em Pedagogia, e realizou também especialização em Educação Infantil. O tempo que atua na Educação Infantil é o mesmo tempo que atua na creche, possui em torno de 24 anos de experiência. Essa entrevista também foi realizada de forma *on-line*. No entanto, a distância não atrapalhou, pois foi uma entrevista muito fluida, com diversos aprendizados também, por meio da vasta experiência que Maria da Graça possui como docente de creche. Trouxe diversas contribuições a respeito do uso dos espaços com os bebês, mas também desafios enfrentados por ela nessa docência.

O quarto e último professor entrevistado foi o professor Paulo, de 45 anos. É formado em Pedagogia e atualmente possui mestrado em Educação. Seu tempo de atuação na educação infantil é em torno de dez anos, já como professor de creche em torno de quatro anos. Essa entrevista foi realizada de forma *on-line* também. Foram tantos aprendizados que parecia uma aula. O professor Paulo possui muito conhecimento sobre bebês, sobre as suas potências e sobre o uso dos espaços da creche. Durante a entrevista

trouxo muitas referências de livros relacionados a temática da organização dos espaços da creche, muitos exemplos de materialidades para uso nos espaços da creche e citou desafios enfrentados no cotidiano da sua docência. Foi uma conversa muito proveitosa e com muitos aprendizados.

Dessa forma, na próxima seção apresento a pauta de entrevista que foi utilizada em minha pesquisa.

3.2 OUVINDO OS(A) DOCENTES SOBRE OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: A PAUTA DE ENTREVISTA

No que se refere à pauta de entrevista, planejei um roteiro com questões que contemplassem o objetivo geral desta pesquisa, sendo ele investigar como são organizados os espaços e os materiais pelos(as) professores(as) em escolas de Educação Infantil tendo em vista o acolhimento das crianças, bem como a promoção de relações sociais e aprendizagens. Utilizar as entrevistas como meio de coleta dos dados foi essencial, visto que foram dez perguntas no total, na qual cada uma focava em um ponto da temática da pesquisa e que, também, o entrevistado trazia suas experiências como docente nas suas respostas. Assim, as respostas iam se complementando e abordando os pontos mais importantes acerca da organização dos espaços da creche. Nesse aspecto, Silva e Carvalho (2019, p. 522) salientam que é essencial que o pesquisador realize um roteiro de entrevista contendo questões que “permitam ao entrevistado discorrer sobre o assunto em pauta, possibilitando com que as respostas possam contribuir com as reflexões no campo de estudos no qual se sustenta-se a investigação proposta”. Dessa forma, para a entrevista elaborei dez perguntas, sendo elas centradas na temática da presente pesquisa. Assim, as questões elaboradas contemplam aspectos que considero importantes para serem desenvolvidos pelos entrevistados em relação ao seu trabalho na organização dos espaços da creche.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial e *on-line*. A entrevista realizada presencialmente foi com um dos professores entrevistados, em Porto Alegre (RS), e, dessa forma, pude estabelecer uma relação mais próxima com o(a) entrevistado(a). Além disso, foi possível, também, conhecer presencialmente o espaço da creche na qual o mesmo atua como professor. Foi uma experiência enriquecedora conhecer presencialmente os espaços de uma creche pública municipal, na qual possui muito investimento na seleção de

mobiliários, materialidades e uma organização do espaço planejada e colocada em prática por parte do professor participante da entrevista. Além disso, também foram realizadas entrevistas de forma *on-line* com alguns professores das cidades de Porto Alegre (RS) e Blumenau (SC). Todas as entrevistas foram gravadas através de um gravador de celular e posteriormente transcritas.

Por meio das questões busquei, primeiramente, compreender a trajetória acadêmica do(a) professor(a), o seu tempo de atuação na Educação Infantil e, especificamente, na creche. Em seguida, através das perguntas, busquei conhecer como se dava a relação da organização dos espaços com o trabalho do docente entrevistado. Diante do exposto, a seguir apresento a estrutura utilizada na entrevista:

Quadro 2: Estrutura da entrevista

TEMÁTICA	QUESTÕES
Apresentação	Nome: Nome fictício: Idade: Formação acadêmica: Tempo de atuação na Educação Infantil: Tempo de atuação na como professor de creche:
O papel do espaço no seu trabalho docente	1. Qual é o papel do espaço no seu trabalho docente com os bebês na creche?
Relações entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo na creche	2. Quais relações que você percebe entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo da Educação Infantil na etapa creche – 0 a 3 anos de idade?
Organização dos espaços da sala e a intencionalidade nesse modo de organização	3. Como você organiza os espaços da sua sala? Qual é a intencionalidade desse modo de organização dos espaços da sua sala?
Importância do uso dos espaços externos	4. Como você pensa o uso dos espaços externos na creche? Qual é a importância dos espaços externos para os bebês?
Seleção dos materiais e a intencionalidade	5. De que modo você seleciona os materiais que

nessa seleção	serão ofertados aos bebês na sua sala? Quais são os tipos de materiais ofertados? Qual é a intencionalidade da oferta desses materiais?
Desafios na organização dos espaços na sala e uso dos espaços da creche	6. Quais são os seus principais desafios na organização dos espaços na sua sala e no uso dos espaços da creche?
Promoção das interações e brincadeiras dos bebês a partir do planejamento dos espaços e oferta de materiais	7. De que modo você promove as interações e brincadeira dos bebês a partir do planejamento dos espaços e da oferta de materiais?
Importância do espaço no desenvolvimento motor dos bebês	8. Qual é a importância do espaço no desenvolvimento motor dos bebês?
Vivência espacial dos bebês na creche	9. Como pode ser promovida a vivência espacial dos bebês na creche? Quais são as estratégias que você promove enquanto docente?
Recomendações para docentes que estão iniciando o seu trabalho na creche	10. Se você pudesse orientar um(a) docente que estivesse iniciando o seu trabalho docente com bebês, quais seriam as suas recomendações em relação ao uso dos espaços internos/externos da creche, seleção e oferta de materiais?

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A partir da apresentação da pauta de entrevista, na próxima seção apresentarei a análise do conteúdo como estratégia de leitura das entrevistas.

3.3 A ANÁLISE DO CONTEÚDO COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA DAS ENTREVISTAS

Para a análise dos dados gerados através das entrevistas, decidi pela escolha da análise de conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin (1977). Conforme a autora, “a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados” (Bardin, 1997, p. 9). Dessa forma, a escolha pela análise de conteúdo ocorreu porque, a partir dos relatos das professoras e professores entrevistados, poderei realizar inferências acerca da mensagem passada por eles, considerando seu contexto, e, também, pressupostos

teóricos. Conforme Gaspi, Maron e Júnior (2023, p. 238), “o ato de produzir as deduções lógicas, também conhecido como inferências sobre o texto objetivo, é a razão de ser da análise de conteúdo”. Ou seja, eu, como pesquisadora, observei as entrelinhas das narrativas compartilhadas pelos(as) docentes nas entrevistas, a fim de analisar de forma densa.

Conforme Bardin (1977), a análise de conteúdo organiza-se em três fases: primeiramente, a pré-análise, depois a exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na etapa de pré-análise, realizei a leitura flutuante das entrevistas realizadas. Esse processo consistiu em “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, 1977, p. 96). Em seguida, a partir da leitura das entrevistas transcritas, realizei a seleção e categorização das informações para posterior análise, assim, constituindo um corpus, que conforme a autora “o corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 1977, p. 96). Na pré-análise, realizei a formulação das hipóteses e dos objetivos. Nesse sentido, informo que a hipótese é “uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise (Bardin, 1977, p. 98). Por outro lado, o objetivo pode ser entendido como “o quadro teórico e/ou pragmático no qual os resultados obtidos serão utilizados” (Bardin, 1977, p. 98). Logo depois, realizei a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores. Por fim, a preparação do material, pois, antes da análise, o material precisa ser organizado. Essas etapas que antecedem a pré-análise são de organização e de preparação para que a análise seja, por fim, realizada.

Após a etapa de pré-análise, acontece a exploração do material. Conforme a autora, “essa fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (Bardin, 1977, p. 101). A terceira etapa consiste no tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Conforme Bardin (1997, p. 101) “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos”. Dessa forma, a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) permite a análise minuciosa e atenta dos dados obtidos na pesquisa. Diante disso, segui os seguintes passos para a análise da minha pesquisa: 1) iniciei realizando as entrevistas com os professores que atuam em creches e depois fiz a transcrição das entrevistas; 2) realizei uma leitura flutuante das entrevistas; 3) a partir da leitura das entrevistas, percebi recorrências a

partir da exploração do material; 4) por fim, defini as unidades de análise, sendo elas: a) o papel do espaço e os desafios da docência na creche; b) as relações entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo na creche; c) a seleção e a oferta dos materiais pelos docentes nos espaços da creche e a promoção das interações e brincadeiras dos bebês; d) a organização dos espaços da sala referência e o seus usos pelos bebês; e) os usos dos espaços externos pelos bebês na creche; f) a vivência espacial e o desenvolvimento motor dos bebês nos espaços da creche; e, por último, g) recomendações docentes sobre o uso dos espaços internos e externos, seleção e oferta de materiais no exercício da docência na creche.

Diante disso, na próxima seção trago sobre a importância da ética na realização das entrevistas com docentes.

3.4 A ÉTICA NA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COM DOCENTES

Considero de extrema importância, na realização de uma pesquisa, o cuidado com os aspectos éticos dela. Portanto, durante a realização das entrevistas, mantive o cuidado ético e respeitoso para com os participantes, o qual apresentarei nesta seção. Para manutenção do anonimato das entrevistas, solicitei que os(as) docentes escolhessem um nome fictício que os representassem, para, dessa forma, manter o seu anonimato e para que se sentissem mais confortáveis para dialogar na entrevista, mantendo em sigilo tanto a sua identidade como também o local em que trabalham. A escolha pelo nome fictício ocorreu de forma tranquila pelos participantes, que escolheram nomes os quais se identificaram. Além disso, após a apresentação da presente pesquisa, realizarei uma devolutiva da pesquisa para as professoras participantes da investigação.

Conforme destaca Santos (2017, p. 250), a ética tem três níveis, sendo o primeiro nível “baseado no cumprimento de regras ou obrigações estabelecidas no código de conduta que regulamenta a respectiva área de atuação institucional do sujeito”. Dessa forma, o sujeito age de forma correta que possa se relacionar em sociedade de forma pacífica. No segundo nível da ética, o referido autor denomina ética de princípios, que está “baseada na convicta adesão a princípios e valores inscritos na consciência” (Santos, 2017, p. 250). Dessa forma, o sujeito de forma sensata e consciente cumpre as normas porque as considera justas. O terceiro nível da ética, o mais profundo, é o da ética de relação, “inspirada na disposição a deixar-se afetar e responsabilizar-se por outrem, com suas necessidades,

exigências e limites únicos” (Santos, 2017, p. 251). Dessa forma, o sujeito de forma cuidadosa se responsabiliza por responder pelo próximo, ou seja, os sujeitos convivem e respeitam uns aos outros.

Diante do exposto, destaco que a minha pesquisa atravessou e articulou os níveis éticos apresentados, pois preservou a identidade dos participantes e compartilhei apenas o que os entrevistados mencionaram na entrevista. Além disso, estabeleci uma relação de respeito com eles, assim como eles confiaram em mim para compartilhar suas informações, conhecimentos e sentimentos sem receios.

Em tal direção, de forma a assegurar a concepção de ética envolvida na pesquisa, foi realizado um Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE³, no qual os participantes assinaram visando concordar que estão cientes de todas as etapas da pesquisa, dos objetivos do estudo, os motivos e também o destino das informações que serão fornecidas por eles. A esse respeito, Rosa e Arnoldi (2006, p. 71) defendem o posicionamento de que: “a obtenção do consentimento esclarecido é um processo de negociação que exige respeito à dignidade. E [...] exige que o sujeito esteja convencido e esclarecido a contexto”. Dessa forma, quando os participantes assinaram o termo demonstraram estarem cientes das etapas da pesquisa, como também do uso acadêmico das informações passadas por eles.

Assim, afirmo que durante a realização desta pesquisa, os cuidados éticos apresentados foram fielmente seguidos, com respeito aos(as) participantes, mantendo suas identidades em sigilo e não adicionando informações além do que foram passadas para mim através das entrevistas.

Diante do exposto, no próximo capítulo, serão apresentadas as análises das entrevistas realizadas com as professoras e professores de creche.

4 OS BEBÊS E OS ESPAÇOS NA CRECHE: NARRATIVAS DOCENTES

Neste capítulo compartilharei as análises das narrativas docentes. Trata-se das entrevistas realizadas com professores e professoras que atuam na rede pública de Educação Infantil, especificamente na creche, nas cidades de Porto Alegre (RS) e Blumenau (SC) e aceitaram contribuir com a presente pesquisa. O intuito deste capítulo será de evidenciar e analisar o modo como esses(as) docentes planejam os espaços na creche em que atuam e

³ O Termo de Consentimento Livre Esclarecido encontra-se no anexo A.

como essa organização influencia no seu trabalho docente com os bebês. Por meio das entrevistas, busco também compartilhar a reflexão sobre o espaço da creche, que conforme Agostinho (2003, p. 74) é “um lugar de sentido de pertencimento da infância, com toda sua ludicidade, fantasia, imaginação, descoberta, curiosidade, desafio, originalidade, inventividade, criatividade, encantamento”. Dito isso, a partir da análise das entrevistas, será possível identificar como cada docente observa a potência do espaço da creche em que atua e como a organização desse potente espaço influencia no cotidiano das crianças que o ocupam.

É importante discutir o espaço como uma dimensão da docência na creche. Em relação a essa discussão, Máximo (2018, p. 48) afirma que “o professor tem papel ativo no planejamento dos espaços, que devem ser pensados conforme uma intenção educativa”. Dessa maneira, corroboro com o argumento da autora, pois entendo que é papel do professor organizar os espaços da creche para que os bebês que os ocupam possam desfrutar de todas as possibilidades de aprendizagem que esse espaço proporciona. Além disso, é importante que o professor organize o espaço com intencionalidade, levando em consideração as suas concepções pedagógicas. Em tal perspectiva, Horn (2003, p. 72) defende que “todo professor tem, na realidade, uma concepção pedagógica explicitada [...] na maneira que se relaciona com as crianças, na forma como organiza seus espaços [...]”. De fato, quando o(a) docente de creche prepara um espaço que promove as interações, brincadeiras, bem-estar e vínculo dos bebês, é possível enxergar a sua concepção pedagógica através dessa organização. Um tapete no chão com almofadas e alguns livros, por exemplo, é um convite a interações dos bebês entre eles nesse espaço.

Ademais, é importante que o professor invista na organização dos espaços da creche em que atua, visando garantir aos bebês o maior aproveitamento do espaço de modo que seus aprendizados, descobertas e interações aconteçam. Sobre esse aspecto, Máximo (2018, p. 48) destaca que “a organização dos espaços [...] precisa promover a abertura de novos horizontes e acesso a novos conhecimentos, contudo a criação de um ambiente de aprendizagem rico e estimulante”. Desse modo, é papel do professor garantir que o espaço da creche dê conta dessas aprendizagens, através da seleção dos materiais e mobiliários, investimento no tempo e organização do espaço da creche como um todo.

Nesse sentido, o presente capítulo está organizado em sete seções. A partir da análise do conteúdo das entrevistas, defini sete unidades de análise, sendo a primeira

denominada “O papel do espaço e os desafios da docência na creche”. Nessa primeira seção, discutirei as percepções dos professores sobre o papel do espaço no seu trabalho docente, como também os principais desafios que esses professores enfrentam na organização dos espaços da sua sala. Na segunda seção, intitulada “As relações entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo na creche”, compartilharei discussões, a partir das narrativas dos professores(as) entrevistados(as), sobre as relações que eles percebem entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo da Educação Infantil na etapa da creche. Na terceira seção, nomeada “A seleção e a oferta dos materiais pelos docentes nos espaços da creche e a promoção das interações e brincadeiras dos bebês”, abordarei o modo como os professores realizam a seleção dos materiais ofertados em sua sala, quais são esses materiais, e, também, a intencionalidade nessa escolha, e o modo como são promovidas as interações e brincadeiras a partir do planejamento dos espaços e da oferta de materiais por parte dos docentes. Na quarta seção, intitulada “A organização dos espaços da sala referência e o seus usos pelos bebês”, analiso o modo como os professores entrevistados realizam a organização da sua sala e a intencionalidade no modo de organização. Na quinta seção, cujo título é “Os usos dos espaços externos pelos bebês na creche”, apresentarei o que os professores pensam sobre o uso dos espaços externos e a sua importância para os bebês. Por conseguinte, na sexta seção, intitulada “A vivência espacial e o desenvolvimento motor dos bebês nos espaços da creche”, serão analisadas as percepções dos professores sobre a importância do espaço no desenvolvimento motor dos bebês e, além disso, como pode ser promovida essa vivência espacial dos bebês na creche e as estratégias que esses professores utilizam enquanto docentes. Por fim, na sétima seção, cujo título é “Recomendações docentes sobre o uso dos espaços internos e externos, seleção e oferta de materiais no exercício da docência na creche”, apresento sugestões e conselhos, apresentadas pelos professores entrevistados, sobre o uso dos espaços na creche, seleção e oferta de materiais destinados a professores que estão iniciando a sua docência com bebês.

Através das análises, será possível observar as ações pedagógicas relacionadas à organização dos espaços por parte de professores que atuam diariamente com essa questão no seu cotidiano de creche, além disso, será possível observar as suas estratégias utilizadas nesse cotidiano a fim de valorizar essa organização, tornando o espaço seu aliado.

Mediante o exposto, na sequência, apresento as análises e reflexões acerca da organização dos espaços da creche por parte dos professores e professoras de creche no seu trabalho com bebês.

4.1 O PAPEL DO ESPAÇO E OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA CRECHE

Conforme apresentado anteriormente no capítulo dois deste trabalho, o espaço da creche se constitui como um mobilizador de aprendizagens para os bebês e crianças que o ocupam, a partir da organização realizada previamente pelo(a) docente. Em relação a isso, Forneiro (1998, p. 236) destaca que “[...] o espaço converte-se em um componente instrumental que o professor(a) altera da forma que achar conveniente para o desenvolvimento do trabalho formativo que deseja realizar”. Nesse sentido, o espaço pode se tornar um aliado do trabalho docente, de forma que, ao ser organizado com intencionalidade, corrobora para o desenvolvimento e aprendizado dos bebês.

Através do espaço, os bebês adquirem diversas aprendizagens. O espaço da creche, organizado com a intencionalidade de incentivar as interações, pode se tornar um lugar onde os bebês vão encontrar seus pares e aprender uns com os outros. Sobre isso, Kelleter (2020, p. 226) salienta que “os bebês trazem, em sua bagagem cultural, um repertório de gestos e brincadeiras, mas que também aprendem com seus pares e com os bebês de idades diferentes, imitando-os ou tentando reproduzir os gestos deles”. Dessa forma, através do espaço da creche, os bebês vão aprender a interagir com os sujeitos ao seu redor, a criar narrativas através das suas brincadeiras simbólicas e criar vínculos com outras pessoas além de sua família.

Por intermédio do espaço da creche, os bebês também aprendem a se deslocar pelo espaço, a conhecer o que seu corpo é capaz de fazer, como também aprendem a desenvolver a própria noção de espaço. No que se refere aos aprendizados dos bebês no espaço da creche, Kelleter (2020, p. 235) observou “o prazer dos bebês em poder desfrutar livremente dos espaços, dos objetos e do mobiliário [...] através da liberdade de movimentos, sem a intervenção direta de um adulto [...]”. Dessa forma, essa liberdade de movimentos dos bebês é possível através da organização do espaço realizada pelo docente, ao selecionar mobiliários que propiciam esse deslocamento, ao disponibilizar tempo para

que o bebê conheça o seu entorno, como também estar perto do bebê oferecendo segurança sem interferir nos seus movimentos.

Em vista do exposto, a primeira pergunta que foi realizada aos professores de creche foi em relação ao papel do espaço no trabalho docente dos bebês na creche. Todos os(as) docentes entrevistados salientam a importância do espaço para o seu trabalho docente. É possível observar na narrativa do professor Silvio, que será compartilhada a seguir, o destaque que ele confere à potência que o espaço tem no desenvolvimento da curiosidade e descoberta dos bebês e das crianças pequenas:

Professor Silvio

Para mim, a importância do espaço e o papel que o espaço tem nesse contexto da creche é poder inclusive estimular ou possibilitar, não uso muito a palavra estimular, mas possibilitar a curiosidade. Despertar a curiosidade dos bebês potencializar ainda mais, né, essa curiosidade, fazer com que eles possam se lançar então nessa aventura de descobrir, de experimentar, de viver, de se movimentar, né? E aí então a importância total do espaço, porque o espaço que vai dar condição para isso, né, junto com planejamento do professor ou da professora, pensando, então, em como esse espaço, pode dar de fato condição para que o bebê possa vivenciar tudo que ele precisa vivenciar, né, dentro da creche, assim. Então, pensar no espaço é fundamental. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus).

A partir da resposta de Silvio, ressalto a importância da organização prévia do espaço de forma intencional, ou seja, de forma pensada e articulada visando o desenvolvimento da curiosidade, descoberta e experiência do bebê e da criança pequena. Nesse sentido, Horn e Gobbato (2015, p. 70) destacam que “espaços e materiais atuam como mediadores externos para as ações das crianças”. Isso quer dizer que, assim como destaca Silvio, os espaços podem possibilitar essa curiosidade dos bebês e, por essa razão, são importantes e auxiliam o trabalho docente. Além disso, aproximo a resposta de Silvio com o posicionamento de Horn e Gobbato (2015, p. 72) referente ao espaço da creche, quando salientam que é importante que tenha nas creches um espaço “brincante, lúdico, aconchegante e desafiador, que favoreça o jogo, a imaginação, os encontros entre bebês, entre crianças, entre crianças e adultos”. De fato, é necessário que seja ofertado um espaço que se transforme em lócus de investigações, criações e de vida coletiva. Essas são condições essenciais para compor o espaço da creche, e, por isso, defendo a importância. Destaco, também, na resposta de Silvio, o planejamento do professor. Para que o espaço seja uma possibilidade de despertar a

curiosidade e a descoberta, é necessário o planejamento por parte do docente. Nesse sentido, Ribeiro (2022) destaca a importância e o privilégio do cotidiano como um meio no qual a escuta e participação atuam a fim de auxiliar o professor no seu planejamento, estudos e reflexões. Em relação a temática do cotidiano como meio de auxiliar o professor nas suas ações docentes, a professora Bela, professora entrevistada, salienta que utiliza no espaço da sua sala de referência a organização de contextos como instrumento para observar as ações dos bebês e escutá-los. Além disso, na composição dos contextos, utiliza materialidades a fim de ampliar a exploração da sensorialidade dos bebês. Por meio da sua narrativa, conforme poderá ser percebido a seguir, é possível observar a importância do espaço no seu cotidiano docente:

Professora Bela

Para mim, o espaço ele é tudo, tá. [...] A gente começou a organizar, aqui na nossa sala de referência, contextos. [...] Quando tu pode fazer os contextos, ele [o bebê] vai ter a sua autonomia de ir até lá para pegar o brinquedo e brincar com aquilo que ele, né, naquele momento ele quer. [...] Para ele tá explorando, né. Pra gente, aí, ter aquela escuta. Se o bebê tá lá, a gente já vai lá e sei que **a gente já fica observando o que ele está fazendo.** E eu não vejo uma sala sem esse contexto, tá? Sem esses materiais de largo alcance para eles estarem brincando. Não tem uma sala sem nada. [...] Tu pode estar fazendo... **Selecionar o brinquedo para criança para ver a ampliação dessa sensorialidade** que né? E eles estão imersos, né, nessa sensorialidade. **E nós, como professores, a gente tem que estar proporcionando isso para eles, entendeu, aqui no espaço da Educação Infantil. Então ele... Olha, o segundo professor, o espaço.** (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Mediante a narrativa compartilhada, destaco a questão levantada por Bela sobre a autonomia do bebê de ir até o brinquedo no momento em que ele desejar, de forma autônoma. De acordo com Kelleter (2020, p. 148), estudioso da abordagem Pikler, “autonomia, para Pikler, é propiciar ao bebê as condições para que ele, a seu tempo e por sua iniciativa, execute suas ações”. Por isso, é importante que o espaço da creche seja um espaço que garanta que os bebês possam fazer por eles mesmos as suas ações, sem depender dos adultos.

Dando continuidade a narrativa da professora Bela, em sua sala de referência, os contextos organizados por ela propiciam um ambiente autônomo para os bebês. E, a partir dessa organização, é possível também que o professor observe e registre essas ações

autônomas dos bebês, assim como Bela apresenta em sua narrativa as ações dos bebês de irem até o objeto que desejam, no momento em que quiserem pois se movimentam de forma livre e autônoma. Em relação a essa temática, Trueba (2022, p. 98) destaca que “de um ponto de vista prático e organizativo, dispor os materiais de um modo específico pode favorecer a autonomia”. Dessa forma, através da narrativa de Bela, é possível observar que ela prioriza, na organização do espaço de sua sala referênciada, contextos que possam propiciar autonomia nas ações dos bebês, por meio da disposição dos materiais no alcance dos bebês, e também materiais que propiciam esse brincar autônomo.

O espaço da creche pode ser muito potente de diversas formas. Maria da Graça, professora entrevistada, salienta a importância do espaço no seu trabalho docente de forma a apoiá-la no cotidiano, mais especificamente nas transições cotidianas, como, por exemplo, no momento da escovação. Em relação à definição de transições cotidianas, Piva e Carvalho (2020, p. 2) trazem a seguinte definição:

Definimos as transições cotidianas como **aprendizagens socioculturais** (Rogoff, 2005) que exigem e/ou geram mudanças relativas às formas como as crianças lidam com o tempo, habitam os espaços, relacionam-se com os seus pares, utilizam artefatos durante a jornada na creche, etc.

Dessa forma, conforme destacado pelos referidos autores, os deslocamentos pelos espaços da creche podem ser considerados um dos modos de transição na vida cotidiana dos bebês e crianças bem pequenas. Em tal direção, prosseguindo com a análise, da entrevista da professora Maria da Graça, apresento a seguir o trecho da narrativa em que a professora salienta sobre o uso dos espaços nas transições cotidianas.

Professora Maria da Graça

Bom, eu entendo que o espaço ele é um grande aliado, né? Ele é um facilitador para o meu trabalho. Trabalho muito com espaço a meu favor. [...] **a gente faz também o espaço como um aliado na organização, né, do dia a dia da nossa jornada pedagógica.** [...] nós temos um outro espaço que, quando eu cheguei na turma há dois anos nessa escola, ele era um espaço muito bom que ele era utilizado para colocar coisas, né? Então, era um lugar onde as coisas que não eram usadas naquele momento eram colocadas lá e **eu ficava me perguntando como esse espaço poderia ser transformado de modo que ele fosse útil para nós e para as crianças.** [...] E aí, então, desentulhamos, literalmente, esse espaço e colocamos alguns elementos que pudessem ser de exploração das crianças. **Então, nesse espaço tem uma piscina de bolinhas, ele tem uns cavalinhos, né? Ele é um outro espaço alternativo que nós usamos para nos apoiar nesses**

momentos de transição de espera das crianças. [...] Então, eu levo um grupo para esse espaço para eles fazerem essa exploração, a brincadeira enquanto a minha colega vai chamando de dois em dois, de três em três, para fazer, né, limpar o rostinho, fazer escovação. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus).

A partir do dito pela professora Maria da Graça, observo que, como docente, ela intencionalmente ocupou e organizou um espaço que estava abandonado, a fim de tornar o momento das transições cotidianas um momento divertido para os bebês, e não apenas um momento direcionado, mas também uma possibilidade de participação dos bebês, além da ampliação das interações e brincadeiras. Nessa perspectiva, Trueba (2022, p. 89) destaca que os espaços devem possuir “aspectos e complementos que lhes munam de conteúdo e os enriqueçam, pensados para crianças inteligentes, que não sejam apenas observadoras, mas também protagonistas ativas das intervenções produzidas nesses cenários”. Dito isso, observo que na narrativa da professora Maria da Graça ela enriqueceu um espaço e o utilizou como potencializador das interações e brincadeiras dos bebês. Ela fez isso colocando no espaço elementos que pudessem ser de exploração das crianças durante as transições cotidianas, a fim de estimular as interações e as brincadeiras durante o momento de espera dos bebês, e, dessa forma, torná-los participativos das ações do cotidiano. A partir dessas considerações, reforça-se a relevância da organização do espaço da creche no trabalho docente.

Outro aspecto em relação ao papel do espaço da creche, é a trazida pelo professor Paulo, que diz respeito ao espaço da creche como condição de existência do indivíduo. Tal recomendação do professor pode ser acompanhada na narrativa que compartilharei a seguir:

Professor Paulo

O professor Jader, quando, no livro dele "Geografia da Infância e educação infantil", ele fala que **o primeiro espaço que a criança conhece e o bebê conhece é o espaço do corpo da mãe, né? Que é o seio, né?** Quando a mãe acolhe o bebê no colo e o primeiro espaço que ele conhece é o seio. Então, assim, **o espaço é fundamental, porque ele condiciona a nossa existência.** Além de nós sermos sujeitos históricos, nós somos sujeitos geográficos também e na geografia da infância tem esse conceito de espaço, então, assim, é fundamental. **Porque a criança quando entra dentro de uma instituição, essa digo Escola de Educação Infantil, [...] o primeiro espaço que ela vai conhecer, depois do espaço familiar, é o colo do professor, do monitor, enfim, da pessoa que vai começar a construir**

uma referência. Então, assim, desde do acolhimento do pegar a criança na porta, de receber essa família, a criança já tem contato com outros espaços. **Então, o espaço é fundamental, assim, é uma condição de existência.** E para educação infantil, pensando na creche, é desde a entrada na instituição, que tem essas relações intermodais de sentir cheiro, de sentir toques, de texturas, de contato visual, de sons, tem essa relação com o espaço. **Então, o espaço é fundamental para a relação de docência** não só na creche, mas na pré-escola também. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus).

É possível observar na narrativa o papel do espaço na garantia da existência dos indivíduos que ocupam a creche, como também na adaptação do bebê e da criança pequena a um ambiente que é diferente da sua casa, da sua família, mas que também é um ambiente acolhedor, com pessoas de referência. Corroborando com esse argumento, Guimarães (2018, p. 32) salienta que nas creches e pré-escolas há o desafio da “construção da autonomia por parte das crianças a partir de relações seguras com adultos e espaços”. Isso significa que o espaço da creche proporciona a construção dessa confiança e dessa segurança, no qual a criança, com o tempo e com as interações, se torna segura e pertencente ao espaço. Para que isso aconteça, é necessário que tenham adultos disponíveis, com o olhar atento aos bebês, e que garantam a sua existência no espaço da creche. A construção da autonomia dos bebês pode ser um desafio na docência da creche. Devido à falta de formação, muitos docentes podem acabar priorizando manter os bebês presos dentro de salas, em cadeirinhas, presos nos braços dos(as) professores(as), ao invés de garantir a sua autonomia e movimento livre. Dessa forma, Kelleter (2020, p. 154) defende que “o movimento livre e a autonomia facilitam e auxiliam na construção do esquema corporal do bebê, que aprende a realizar o que começou até o final”. Por isso, a importância de que os professores aprofundem os estudos em abordagens que conheçam sobre o movimento livre, sobre a autonomia dos bebês, a fim de que possam garantir aos bebês experiências de descoberta do seu próprio corpo com segurança.

Falando sobre desafios na docência, uma das perguntas direcionadas aos professores entrevistados foi em relação aos desafios na organização dos espaços na sala de referência e no uso dos espaços da creche. De forma singular, cada docente abordou aspectos que, na sua docência, são desafios que se salientam no seu cotidiano docente. Silvio, por exemplo, apresentou dois grandes desafios que precisa lidar no seu cotidiano docente. Primeiramente, salienta que um dos seus maiores desafios é ter que lidar com as decisões

dos outros adultos os quais compartilha a docência, como é possível analisar na sua narrativa quando questionado sobre quais são os seus maiores desafios no uso dos espaços da creche:

Professor Silvio

O medo dos adultos. Na verdade, o grande desafio, grande medo dos adultos que por vezes tem algum trauma de infância, que tem filhos e os filhos caíram, sei lá, de algum brinquedo. Então, "Ah eles não podem porque eles vão se machucar". Ou seja, parece que eu trabalho com uma bola de cristal, previamente eu acho que eles vão se machucar e tal. E também de poder tirar uma ideia da falsa proteção, porque **por vezes professores e professoras não permitem que as crianças se lancem nas aventuras de descoberta dos materiais e das potencialidades.** Eu tenho um grande desafio, por exemplo, aqui com as minhas colegas que é, gente, **se a gente vai proteger as crianças e quer proteger as crianças, a gente precisa dar condições para elas de que elas possam fazer com segurança.** Isso é proteção. **Proteção não é impedir que elas vivam as experiências que elas têm que viver.** Tipo assim, porque eu tenho um medo eu não vou permitir que o Fulano viva uma experiência, um brincar? Não posso, né? Não tem como. Então, acho que esse é um dos grandes desafios. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Destaco na narrativa do professor a questão do medo dos adultos que impedem a oferta do deslocamento dos bebês e das crianças pequenas pela escola. Em relação a essa discussão, Horn e Barbosa (2022, p. 88) salientam que “os deslocamentos na escola de educação infantil devem ser previstos e desejados, eles são parte do ato educativo com crianças pequenas”. Em tal perspectiva, o deslocamento dos bebês pelo espaço da creche é um direito e precisa ser garantido pelos docentes de creche. A falta da oferta desse deslocamento, causada pelo medo de que os bebês se machuquem, pode impedir o desenvolvimento dos bebês e das crianças bem pequenas. Sobre esse aspecto, Moreira (2013, p. 314) salienta que “um ambiente seguro é aquele no e com o qual a criança pode contar para se arriscar a ter experiências outras, diferentes e criativas”. Por isso, é um desafio trabalhar o olhar dos docentes da creche a fim de que enxerguem todos os espaços dela de forma potentes e desafiadores para os bebês e para as crianças, de forma que o uso deles seja enriquecedor para o seu desenvolvimento. Diante do exposto, argumento que o adulto, tentando proteger demais a criança, pode acabar limitando as suas aprendizagens.

Outro desafio abordado por Silvio em sua docência na creche é a questão da busca pelo conhecimento das especificidades da docência na creche e pelo aprofundamento em

estudos relacionados aos bebês. E, além disso, o professor transcreve como desafiador trabalhar o olhar das colegas com as quais divide a docência para que tenham o mesmo olhar de encantamento com o cotidiano. Muitos professores se acostumam com o dia a dia, não se desafiam mais a pensar diferente, a ler e estudar. Sem aprofundar os estudos, os docentes e auxiliares podem acabar atuando com falta de informação sobre o desenvolvimento dos bebês, considerando uma abordagem cultural, na qual os contextos das instituições, bem como as relações sociais estabelecidas nesse âmbito são consideradas. Por essa razão, alguns docentes ou auxiliares podem acabar realizando as suas ações com os bebês sem refletir sobre elas. Considerando isso, Moreira (2013, p. 308) aponta que “os ambientes de berçário têm se apresentado pouco satisfatórios ao desenvolvimento e à aprendizagem da criança, seja pela postura escolarizada [...], seja pela preocupação higienista e assistencial”. Ou seja, esses professores ou auxiliares que atuam em berçários sem a formação adequada, podem acabar limitando as aprendizagens dos bebês, como também vivenciando a rotina na creche sempre da mesma forma. Nesse sentido, o professor Silvio pontua esses mesmos aspectos em sua narrativa.

Professor Silvio

E outro grande desafio é o conhecimento, o estudo. Das pessoas quererem buscar esse estudo. “Porque eu sempre fiz assim e deu certo, por que que eu vou mudar agora? Porque que eu vou pensar em espaços materiais, materialidades e tal se as crianças sempre acabam e ficam ali, estão brincando ali então vivas e tá tudo certo, né?” Então, acho que esse é um dos grandes desafios, assim. É poder, no meu caso que venho estudando há muito tempo sobre e que vivo isso diariamente e passo para os meus bebês, para os bebês que eu me ocupo, ou tento passar pelo menos essa perspectiva, assim. **Eu acho que um dos grandes desafios também é trabalhar esse encantamento com os colegas, tipo ir desconstruindo algumas coisas assim e encantando eles por outras.** (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

A partir da leitura da narrativa, é possível observar o desafio que Silvio enfrenta ao se esforçar para mostrar para suas colegas de trabalho que precisam aprofundar os seus estudos e buscar oferecer para os bebês uma rotina estimulante na creche. A narrativa de Silvio dialoga com o que defende Moreira (2013, p. 307) ao afirmar que “ainda é frequente encontrarmos ambientes planejados sem uma reflexão crítica dos educadores acerca das intenções pedagógicas”. Por isso, é importante que todos os adultos que atuam em creches, sejam docentes ou auxiliares, estejam sempre aprofundando os seus estudos, para garantir

que os bebês aproveitem todas as potencialidades, aprendizados e descobertas que o ambiente da creche pode oferecer.

Em tal direção, a seguir compartilho a narrativa do professor Paulo que aborda um desafio semelhante ao de Silvio, o desafio de trabalhar com o olhar das colegas professoras em relação à ação pedagógica na creche, ampliar esse olhar de encantamento com o cotidiano e entender que os bebês precisam de professores que estejam dispostos a buscar sempre o melhor para eles.

Professor Paulo

Tem uma coisa que me incomoda muito em relação à docência, principalmente à docência com bebês, é que parece que os bebês só vão para lá para comer, dormir e serem trocados. Os meus bebês, não. Os meus bebês são entendidos como sujeitos históricos e geográficos. São crianças que precisam do espaço, o espaço ensina, né? [...] Eu acho que o desafio maior é tu conseguir conviver com esses vários modos, assim, com essa ausência de referência, porque eu procuro muito referência, né? [...]

Então, assim, **se estabelecer como um professor diferente e pensar de modo diferente dentro de um espaço** em que os adultos pensam que criança, nessa relação de independência, só tem que comer, dormir e fazer cocô e xixi, é um desafio grande. [...] Então, assim, **o desafio maior é essa coisa assim de mostrar o tempo todo que as crianças precisam de mais, entendeu?** Isso não ser normalizado, as crianças precisam de mais. **Organizar esses espaços para as crianças é um desafio.** É um desafio, porque professor de creche nunca trabalha sozinho e às vezes tem muitas pessoas que têm na cabeça que as coisas são dadas, né? Assim como o espaço está dado, as materialidades estão dadas, tudo está dado, então eu não vou trazer nada além disso. [...] **Porque eu acho que ainda tem que entender que as crianças precisam de mais, isso não importa a faixa etária. Elas precisam de professores, que estudem, professores que leem.** [...] Desmistificar, assim, quebrar alguns paradigmas que precisam ser quebrados em relação à questão do espaço. **Final, o espaço do bebê é todo o espaço da escola que não for trazer risco. E se ele for trazer risco, vai ter um adulto ali próximo para fazer a mediação e qualquer outra coisa.** (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Os apontamentos compartilhados na narrativa dialogam com o que apresenta Ribeiro (2022, p. 95), quando diz que é um desafio modificar um cotidiano de creche que, em muitas escolas, é pautado em uma “reflexão não crítica, com tempos, espaços, vivências, atividades e relações que denotam um cotidiano em que ‘todo dia tudo é sempre igual’ , não havendo espaço para o novo, para a experimentação e a participação”. Dessa maneira, é um desafio para o docente ampliar o olhar dos(as) colegas com que ele compartilha docência que muitas vezes não possuem conhecimentos suficientes sobre o

desenvolvimento de bebês e crianças pequenas, sobre a docência na creche. De fato, é um desafio desenvolver um olhar crítico e ampliar as referências sobre bebês, crianças pequenas e sobre a rotina na creche a partir de estudos, leituras e pesquisas. No entanto, para que isso aconteça, é preciso tempo. A falta de tempo é um desafio apontado pela professora Maria da Graça, quando questionada sobre os desafios na organização dos espaços na sala de referência e no uso dos espaços da creche, e que, para ela, acaba interferindo no seu planejamento e na realização de propostas.

A respeito do tempo acelerado nas Escolas de Educação Infantil, Barbosa (2013, p. 216) aponta que “o que encontramos nas escolas infantis é a presença desse tempo característico das relações capitalísticas, que brutaliza a vida cotidiana e empobrece a experiência da infância”. De fato, acontece em muitas escolas de Educação Infantil há uma pressão sobre os professores para darem conta de todas as demandas institucionais e, em muitos momentos, as suas ações podem ficar restritas ao cumprimento de obrigações ao invés do investimento na promoção das experiências das crianças. Essa discussão pode ser visualizada a partir da narrativa da professora Maria da Graça a seguir:

Professora Maria da Graça

Acho que um dos principais desafios é o tempo, né? Porque muitas vezes é tudo muito corrido, né? [...] Outra questão é eu levar pro lanche, né, para o refeitório e **às vezes o caos tá muito grande, né?** O choro tá muito intenso. E aí quando eu volto pra sala também. **E aí, eu não tenho tempo de organizar, né? E aí, às vezes, eu preciso renunciar à proposta porque o choro é tão intenso que a gente só para tudo e acolhe as crianças, né,** e enfim. [...] E aí são várias situações diárias que acontecem, né? Que às vezes **nos impedem, né, de tocar a proposta da forma como a gente gostaria.** [...] Então, **eu normalmente flexibilizo os planejamentos em função disso, da rotina da escola,** né? [...] O dia a dia da escola é esse movimento, né? É pensar cada atividade que a gente pode propor assim, o que que é possível fazer, né? (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus.)

A rotina do docente na creche pode ser muito acelerada devido ao grande número de demandas a serem realizadas ligadas às suas ações pedagógicas e, juntamente a isso, as intercorrências e imprevistos que surgem durante a jornada cotidiana. Em relação a rotina acelerada na creche, Barbosa (2013, p. 217) aponta que a “aceleração provoca a ausência de sentido naquilo que se realiza cotidianamente na vida, na escola, pois [...] oferece uma sensação [...] de fracasso no sentido da realização docente”. Nessa direção, a partir da narrativa da professora Maria da Graça, é possível observar uma sensação de fracasso por

não conseguir dar conta de realizar como gostaria as experiências significativas para os bebês que se ocupa devido aos acontecimentos que atravessam as suas ações. Apesar do professor ou da professora realizarem um planejamento do cotidiano, ele muitas vezes pode não acontecer como foi planejado devido a esses imprevistos, como foi narrado pela professora Maria da Graça. Essa rotina acelerada pode influenciar no planejamento docente. Dessa forma, a docente considera que realizar o planejamento, organizar contextos e propostas para as crianças e executá-los é um desafio na sua docência, visto que, durante o tempo que possui garantido para isso, muitas questões cotidianas se atravessam e acabam atrapalhando a sua organização.

Cada escola possui uma situação diferente. No caso da escola em que a professora Bela atua como docente, uma escola pública municipal, assim como os demais professores entrevistados, a questão da falta de materiais também é considerada um desafio na sua docência. A professora Bela, a partir do desafio da falta de materiais disponíveis, busca ser criativa com os materiais que têm disponíveis na escola e, além disso, ir em busca de materialidades fora da escola, por conta própria, como podemos observar em sua narrativa:

Professora Bela

Desafios, a gente tem muitos. Mas quando a gente vai montar alguns contextos, a gente que trabalha em escola pública, a gente sempre tá rebolando e fazendo com o que a gente tem. É a questão do material, mas assim, a gente vai atrás, a gente pede doações. Esse é um desafio para a gente, entendeu? A gente não tem o material aqui, a gente vai ter que pedir. Quando a gente trabalha com tecido, a gente vai para as empresas [pedir], entendeu? E eles acabam doando. Então, é a questão do material mesmo assim que eu vejo bastante. [...] Nessas horas que a gente vê que eu percebo assim, é um desafio, mas é nesse momento que a gente se torna criativa, que a gente tá fazendo o nosso melhor com aquilo que a gente tem, né? (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Em vista do exposto, argumento que as materialidades têm uma grande importância no cotidiano da creche e são itens muito importantes de serem disponibilizados para os bebês e para as crianças pequenas, pensados e selecionados de forma crítica e com intencionalidade. Em tal perspectiva, Rodrigues (2020, p. 17) ressalta que o termo materialidades compreende os “móveis, objetos, brinquedos e elementos naturais (galhos, pedras, terra) que compõem o espaço da creche, assim como à estrutura física (paredes, pisos, portas) e ao mobiliário”. Diante disso, considero que é uma responsabilidade não

apenas do professor garantir materiais para exploração dos bebês, como também da gestão da escola como um todo. Em relação a garantia de materiais para os bebês, Trueba (2022) chama a atenção para fontes alternativas para obter materiais para compor o espaço da creche, além dos materiais comprados, como, por exemplo, elementos naturais e elementos que compõem o cotidiano familiar desses bebês e dessas crianças pequenas. A referida autora destaca que “buscar, elaborar e inventar materiais por parte de todos os membros de uma comunidade educativa - crianças, professores e famílias – reforça também o sentido de grupo e faz sentir-se membro de uma comunidade” (Trueba, 2022, p. 123).

Apesar disso, a busca pelos materiais é um desafio apontado pela professora entrevistada. Ainda que a oferta de materiais seja uma dimensão do trabalho docente, torna-se uma grande demanda para o professor quando o mesmo não pode contar com o auxílio da oferta dos materiais pela gestão da escola e precisa ir em busca por si próprio, como é o caso da professora Bela. Realizar a montagem de contextos certamente seria uma ação mais ágil se os materiais já estivessem na escola e não fosse necessário buscá-los em outros lugares. Como disse a professora Bela, essa é uma questão no seu cotidiano no qual a desafia a pensar diferente e exercitar a sua criatividade. Apesar disso, ressalto a importância do professor contar com o apoio da sua comunidade escolar, assim como faz a professora Bela ao solicitar materiais para montar os contextos e compor o espaço da creche, a fim de que os bebês e as crianças pequenas possam brincar com elementos potentes.

Mediante o exposto, na próxima seção abordarei sobre a segunda pergunta que diz respeito às relações entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo na creche.

4.2 AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS, TEMPOS E MATERIAIS NA PROMOÇÃO DO CURRÍCULO NA CRECHE.

Até o presente momento, discuti o papel do espaço no trabalho docente com os bebês na creche e também os seus principais desafios enfrentados na organização e no uso dos espaços da creche, a partir das narrativas docentes realizadas com os professores entrevistados. Nesta seção, compartilharei as narrativas dos professores sobre a relação que eles percebem entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo da creche, faixa etária do zero aos três anos.

De acordo com as DCNEI (Brasil, 2009), o currículo na educação infantil é definido como:

conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (Brasil, 2009, p. 12).

Em vista de tal definição de currículo, a ação pedagógica do docente na Educação Infantil precisa se dar a partir dessas perspectivas, buscando efetivamente construir práticas que garantam às crianças os seus direitos e, dentro disso, espaços, tempos e materiais adequados para a faixa etária. Nessa direção, a segunda pergunta direcionada aos professores de creche entrevistados é em vista da relação que eles percebem entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo na etapa da creche. Entre as respostas dadas, destaco a de Silvio, que aborda sobre a necessidade de se pensar o currículo da creche a partir das necessidades dos bebês e das crianças pequenas, e não contrário, como pode ser visto na sua narrativa:

Professor Silvio

Por vezes, hoje em dia, o currículo determina o espaço, né? E eu acredito que poderia ser ao contrário, né? **Esse espaço, então, possibilitar que a gente pensasse num currículo para educação infantil, que é um espaço pensado para o bebê, para criança bem pequena, né? Com materiais adequados, com materialidades, né, adequadas para cada faixa etária.** Então, se pensar de forma mais ampla isso, assim, então, **constituindo esse currículo a partir das reais necessidades dos bebês e das crianças bem pequenas e isso a gente percebe quando eles estão desfrutando desse espaço porque a gente começa a olhar.** Então, assim, ah, daqui a pouco eu boto um mobiliário ou um material que não desperta o interesse da criança, ou que a criança não vai utilizar, que o bebê não vai utilizar, não vai se aproximar, mas não é porque ele é incapaz ou talvez porque ele não queira naquele momento. É porque, de fato, ele não tem condição ainda de estabelecer uma relação com aquela com aquele material ou com aquela materialidade por conta da sua faixa etária. Então, assim, **pensar nesse currículo, pensar nesse espaço, pensar no momento de vida que essa criança tá, no seu desenvolvimento,** né? Então, para poder também dar essas condições, assim, e **pensar num currículo mais amplo digamos assim pra educação infantil na etapa, basicamente na etapa de creche** assim, né? **Que é um currículo que atenda, então as reais necessidades desses bebês, dessas crianças bem pequenas e não que engesse, que não diga o que os bebês têm que fazer e como eles têm que fazer, mas que deem condições e possibilidades para que eles possam fazer** né? Então, acho que é por aí. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

A partir da leitura da narrativa de Silvio, podemos observar que ele defende que seja necessário pensar prioritariamente em um espaço adequado para o bebê e, a partir disso, promover o currículo da creche. Diante disso, organizar os espaços, selecionar os materiais e disponibilizar o tempo adequado para cada faixa etária de bebês e crianças pequenas, requer do docente da creche uma visão de criança potente e autônoma, e junto a isso, o conhecimento de que cada bebê possui a sua particularidade e singularidade, como também o seu próprio tempo para descobrir. Nessa perspectiva, Ceppi e Zini (2013, p. 87) salientam que “o tato, como os outros sentidos, requer bastante espaço e também pausas para ‘escutar’”. Ou seja, o bebê precisa que seus professores disponibilizem tempo, espaços e materiais adequados para a suas descobertas e explorações. Todas essas especificidades dialogam entre si e com o currículo da creche.

Nessa direção, outro aspecto importante trazido por Silvio é a questão da seleção e da disponibilidade do mobiliário adequado para cada faixa etária. Em relação a seleção e da disponibilidade do mobiliário adequado para cada faixa etária, Horn e Gobbato (2015, p. 75) salientam que o espaço do berçário “deve permitir, com respeito ao ritmo da criança, que ela vá construindo domínio e segurança na sua ação de exploração dos espaços e materiais”, ou seja, a seleção dos mobiliários, materiais e objetos que compõem a sala torna-se muito importante para o desenvolvimento dos bebês, de modo que, em seu próprio ritmo, consigam se desafiar e observar que posições conseguem realizar e alcançar por si próprios e que ainda não conseguem, mas posteriormente vão alcançar.

Dessa forma, a intencionalidade na escolha das materialidades que irão compor o ambiente da creche torna-se uma questão essencial a ser levada em consideração pelos docentes, visto que, como afirmam Horn e Gobbato (2015, p. 74)

quando o educador escolhe materiais para oferecer aos bebês, quando ele insere um mobiliário que desafia novas posturas corporais ou que serve de apoio para os que estão aprendendo a ficar em pé, ele está intervindo no seu desenvolvimento e nas aprendizagens.

Desse modo, ressalto que a resposta de Silvio dialoga com essa relação imprescindível entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo na etapa da creche, pois ele compreende os tempos de cada bebê e, ao mesmo tempo, desafia-os a partir da escolha e oferta de mobiliários e materialidades.

A professora Maria da Graça, assim como Silvio, desenvolve na seleção de materiais e na organização dos contextos a intencionalidade de possibilitar e promover as interações, as descobertas, explorações e aprendizagens dos bebês da sua turma, como é possível observar na narrativa da professora Maria da Graça:

Professora Maria da Graça

Toda a escola, ela é permeada de intencionalidade pedagógica, senão a gente está só passeando, a gente não tá na escola, né? E é isso, assim, **a gente pensar nesse espaço como algo que vai promover conhecimento**, né, **possibilitar interações entre as crianças, né? Desafiar os bebês, né?** Porque é isso que eu busco assim cada vez que eu faço a construção de um espaço. **Pensar nas possibilidades de exploração, de aprendizagem deles.** Às vezes, a gente faz uma uma proposta com uma certa intencionalidade, um certo foco e **os bebês exploram de uma forma completamente diferente do que aquilo que a gente imaginou**, né, originalmente. Isso é muito legal, eles nos surpreendem todos os dias, né? [...] Às vezes, a gente pensa, né, com a cabeça de um adulto com essa ideia do que se pode fazer com esses materiais e **as crianças todos os dias nos surpreendem pensando em outras possibilidades.** E eu acho que isso é a **construção do conhecimento**, né? A partir dessas relações que eles estabelecem eu tenho trabalhado bastante com os materiais não-estruturados, né, que trazem **possibilidades abertas de exploração** de trazer, assim, enfim, uma série de possibilidades para eles. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Diante do exposto pela professora, destaco em sua resposta a questão de que muitas vezes o adulto organiza um contexto ou um ambiente de exploração com uma certa expectativa sobre as ações dos bebês e das crianças pequenas, esperando que eles explorem de determinada forma, sendo que essa exploração vai partir de cada criança e não tem como prever essas ações. Corroborando com esse argumento, Silva (2018, p. 120) afirma que “as crianças revelam que suas motivações e interesses centram-se em atividades que favoreçam ações autônomas, cuja possibilidade de criação e recriação seja assegurada”, por isso, muitas vezes, a criança foge da expectativa do professor em alguma proposta. Prosseguindo em sua resposta, Maria da Graça narra um episódio em que essa situação acontece, na qual ela propôs um contexto a partir de uma intencionalidade e as crianças, despretensiosamente, interagiram com o material de forma que surpreendeu a professora, pois ela não estava esperando essa ação, como podemos observar em sua narrativa:

Professora Maria da Graça

Semana passada ainda eu fiz uma atividade em que eu **coloquei alguns jornais dentro de uma caixa e outros fora para provocá-los e ver o que eles iam fazer**. E aí, eles, simplesmente, em 5 minutos, **eles guardaram os jornais e terminou a brincadeira**, porque eu acho que eles entenderam que as coisas estavam fora do lugar, né? (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Mediante a narrativa apresentada, destaco a importância da professora entrevistada ofertar materiais para provocá-los, ou seja, para realmente observar o que os bebês podem fazer com aqueles jornais, de forma livre e sem direcionamento do adulto. Esses apontamentos dialogam com o que defende Moreira (2013, p. 306) quando salienta que “através dos movimentos e das relações criativas que as crianças estabelecem com os objetos [...] elas potencializam os ambientes construídos pelos adultos”. Em vista disso, é interessante observar a forma como os bebês interagem com os contextos organizados pelos adultos de forma curiosa, em busca de descobrir o que os elementos fazem a partir das ações deles. Diante disso, destaco que, apesar da professora Maria da Graça ter se surpreendido com a ação das crianças, a professora não os corrigiu quando eles guardaram os jornais, pois, a partir da sua narrativa, é possível observar a sua crença de que é direito dos bebês e das crianças pequenas a livre exploração e a oferta de materialidades que despertem essa manipulação e o desenvolvimento da sua criatividade.

Em suma, nesta seção foram apresentadas como os professores enxergam as relações entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo na creche. Por meio das narrativas apresentadas, foi possível evidenciar a potência das ações docentes na escolha das materialidades e também a forma como as dispõem para os bebês, buscando garantir a eles as suas aprendizagens na creche.

Prosseguindo as análises, na próxima seção será dada continuidade nessa discussão da seleção e da oferta dos materiais realizados pelos docentes nos espaços da creche e a promoção das interações e brincadeiras dos bebês, a partir da análise das respostas dos professores entrevistados.

4.3 A SELEÇÃO E A OFERTA DOS MATERIAIS PELOS DOCENTES NOS ESPAÇOS DA CRECHE E A PROMOÇÃO DAS INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS DOS BEBÊS

Uma das ações pedagógicas mais importantes e que devem ser investidas pelo(a) docente é a escolha de materiais adequados para cada faixa etária da creche. Além disso, é importante que o professor de creche tenha conhecimento sobre os materiais adequados para cada turma, pois cada grupo de bebês tem a sua especificidade, a sua preferência, seus interesses particulares. Dessa forma, os interesses de um grupo de bebês não é necessariamente o mesmo interesse de todos os outros grupos de bebês. O professor Sílvio, ao ser questionado sobre como ocorria a seleção dos materiais ofertados aos bebês na sua sala referência, quais os tipos de materiais ofertados e também a sua intencionalidade na oferta desses materiais, ele aponta sobre essa observação que ele realiza cotidianamente dos seus bebês, do seu grupo, para, dessa forma, saber quais mobiliários, quais materiais esse grupo específico de bebês precisa. Dessa maneira, compartilho a narrativa de Sílvio:

Professor Sílvio

A seleção e a intencionalidade desses materiais ela ocorre através da faixa etária. Na verdade, eu estudo bastante sobre o desenvolvimento infantil para poder observar, então, os bebês que eu me ocupo, **entender o momento do desenvolvimento que eles estão e saber.** E, **através dessa observação, conhecer de fato as reais necessidades deles,** e aí poder, então, **pensar em quais materiais seriam,** não sei se a palavra, mas, enfim, **mais adequados para faixa etária.** Mas não para a faixa etária de um modo geral. **Para aqueles bebês da minha turma especificamente.** Então, **eu não diria que o que eu seleciono para os meus bebês serve para os bebês do mundo, né?** Mas **servem para os meus, para os bebês que eu me ocupo, na minha turma,** porque eu os observei, eu fiz o registro, eu entendi o funcionamento deles. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

A partir da leitura, é possível perceber que o que Sílvio aborda em sua narrativa dialoga com a perspectiva de Rodrigues (2020, 2020, p. 119) sobre a organização dos espaços, quando ela diz que “os espaços comunicam sobre o trabalho educativo que se realiza com as crianças [...] e que deve implicar em uma reflexão [...] das ações realizadas de forma autônoma pelas crianças ao ocuparem o espaço da creche”. Aproximo a discussão de Rodrigues (2020) com o dito por Sílvio em sua entrevista, quando se refere a questão das ações das crianças sobre os mobiliários e sobre o espaço e, a partir disso, o papel do docente considerando a observação dessas ações. Isso implica que o professor organize os

espaços da creche, que mobiliários vai disponibilizar em sala e quais materialidades vai selecionar para dispor nos espaços diz sobre a sua observação e reflexão crítica acerca das ações das crianças sobre esse espaço.

Além disso, pensando nos materiais adequados para uso dos bebês⁴, a questão da seleção torna-se muito importante, visto que há materiais que, se não bem selecionados, podem oferecer riscos aos bebês, pois muitos materiais vão à boca devido a essa ser uma forma de exploração que os bebês mais utilizam para conhecer algum material e brinquedo.

Em relação a seleção de materiais adequados para os bebês, Paulo chama atenção para o seu modo de seleção e oferta de materiais aos bebês de sua turma, levando essa questão apresentada em consideração:

Professor Paulo

Eu penso em todos os materiais. Só cuido a questão dos materiais menores pela questão toda da boca ainda, né? Porque alguns muitos levam muito na boca. [...] Mas, como, assim... Depende do que eu planejei para essas crianças utilizarem, né? Claro, eles subvertem, né? **Quando a gente planeja alguma coisa para crianças, em todas, de uma forma geral, a gente pensa numa lógica, mas eles vão criar outros sentidos, né? Então, eu só penso nessa questão do tamanho, não tem nada que eu proíbo as crianças, né? [...]** Então, assim, **eu penso em materiais que eles possam explorar, que possam trazer sentido. [...]** Tem brinquedos estruturados, tem brinquedos não-estruturados, tem coisas que fazem parte da cultura das crianças, né? [...] Como os bebês não verbalizam tudo, então **eu organizo tudo isso para conseguir ter sentido, né.** Mais do que simplesmente jogar as coisas para as crianças, as coisas precisam estar organizadas, né, ter todo uma proposta estética, senão não acaba não tendo graça, né? Daí, então, tem por que fazer, entendeu? (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus).

Em sua narrativa, Paulo inicialmente diz que pensa em todos os materiais para os bebês. Isso diz sobre a sua visão de bebês potentes e capazes, que podem manipular uma variedade de materiais, com pequenas exceções dos brinquedos pequenos que podem ser ingeridos acidentalmente. A narrativa de Paulo diz sobre o fato de que não são poucos os materiais a serem disponibilizados para os bebês, mas são muitos, são a maioria. Saliento a importância dessa expansiva oferta de materiais para os bebês, pois, como trazem Ceppi e

⁴ Ana Júlia Rodrigues, Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da UFPR, montou um site como estratégia de democratizar o acesso ao inventário das materialidades realizado no decorrer da sua pesquisa de mestrado intitulada "Materialidade(s) e os bebês: um estudo sobre suas ações e a construção do espaço da creche". O site está disponível neste link: <https://anajulr.wixsite.com/materialidades>.

Zini (2013, p. 84) “pelo toque da pele, crianças muito pequenas exploram o mundo com um ‘radar’ extremamente sensível e inteligente”. Para que o bebê possa explorar o mundo através dos seus sentidos, a oferta de materialidades é uma parte da ação docente de muita importância na creche. Além disso, saliento em sua resposta a questão da organização na hora de ofertar essas materialidades aos bebês, de não simplesmente “jogar” os brinquedos, como aponta em sua narrativa, mas organizar de forma estética, de forma atrativa para os bebês.

Corroborando com a discussão apresentada, Trueba (2022, p. 140) “atuar em favor da estética em nossas escolas é como uma declaração de princípios na imagem da infância que nos sustenta”. Ou seja, a partir da sua preocupação em organizar o ambiente e os materiais de forma estética para os bebês, demonstra a forma que o professor Paulo enxerga seus bebês como sujeitos inteligentes, que merecem um ambiente organizado para o seu brincar, com materiais potentes, ricos e diversos, que incitam e valorizam a sua criatividade e descoberta. Nesse sentido, como afirmam Horn e Gobbato (2015, p. 70) o espaço da creche torna-se um espaço que “contém as ‘apostas’ do adulto, as quais refletem as suas escolhas pedagógicas acerca de como ele, enquanto educador, propiciará condições facilitadoras para que essas aprendizagens dos bebês e das crianças bem pequenas aconteçam”. Por conseguinte, é possível observar nas respostas dos professores Silvio e Paulo a sua preocupação e valorização da escolha dos materiais, do quanto prestam atenção nos bebês que se ocupam, os conhecem e sabem o que eles precisam e merecem vivenciar e levam tudo isso em consideração na escolha dos materiais que irão compor o espaço da creche em que atuam.

Outro aspecto muito importante de salientar sobre a seleção e oferta de materiais é o quanto essa escolha pode influenciar ou não nas interações entre os pares de bebês, entre professor e bebês e também com a família. Como aponta Trueba (2022, p. 107) “o espaço pode abrir ou fechar a comunicação e a interação”, ou seja, dependendo do modo como for organizado esse espaço e os materiais ele pode ser propício para interações ou não. A esse respeito, cito como exemplo os cadeirões no momento de refeição, na qual impede que os bebês estejam virados de frente um para o outro e interajam. As mesas com cadeiras baixas seriam um exemplo de ambiente organizado propício para as interações dos bebês. Por isso, entendo que nos espaços da creche, seja importante a organização de ambientes acolhedores que incentivem as interações.

A professora Bela se preocupa em organizar espaços com contextos e materialidades que instigam as interações, sejam dos bebês entre eles, dos bebês e a professora e dos bebês e suas famílias. Tem o costume de, ao organizar um contexto com tecidos, por exemplo, convidar as famílias para brincarem um pouco com seus filhos ao trazerem eles para a escola, como uma forma de incentivar essa conexão e interação família-escola. É possível observar na sua narrativa essa valorização das interações a partir da organização do espaço, e como observa com encantamento essas interações acontecendo. Compartilho a seguir o trecho da narrativa de Bela que fica explícito a referida organização:

Professora Bela

Vou começar ali pelos tecidos. Quando organizamos aquele contexto todo dos tecidos, organizamos no dia anterior. Daí, no dia tá tudo lá organizado. Veio a família da Mariazinha. Então, **a gente quer ver o desenvolvimento da criança, mas assim a gente também quer essa participação da família.** Então, a gente fica ali, observa o pai e a mãe brincando, né? E nisso a gente vai anotando essa interação do pai da criança com esse espaço e com esses materiais. [...] **E a professora brinca com os pais, brinca com a criança, né? E esses vínculos também vão se firmando mais, né, entre pais e crianças.** [...] Daí, ali, eles vão interagir com brinquedo, eles vão né? **Eles brincam juntos, eles batem no tambor juntos,** entendeu? **Eles entregam o brinquedo para o outro bebê.** Isso né? Eles entregam os brinquedos e daí a gente diz? “Onde é que tá o brinquedo tal?”, ele vai lá e pega o brinquedo e traz ali para a gente brincar. Tu entendeu? É muito maravilhoso. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

A partir do dito pela professora Bela, destaco a sua estratégia na escolha de materiais e na sua forma de organização do espaço, visando essas interações como forma de planejar encontros dos adultos com as crianças, das crianças entre si ao realizarem as trocas de brinquedos e a intervenção da professora, incentivando essa comunicação. As estratégias utilizadas por Bela dialogam com o que apresentam Oliveira, Marques e Neves (2023) que afirmam que “os espaços das instituições de educação infantil, quando organizados e planejados para o acolhimento dos/as bebês, possibilitam interações deles/as entre si, com objetos, tempos, lugares e outras pessoas”. Dito isso, defendo a importância de levar em consideração, ao ser feito o planejamento dos espaços, a garantia das interações que podem ser desenvolvidas pelos bebês. Além disso, saliento também na narrativa docente de Bela a importância da sua ação de realizar registros e anotações, sendo essa uma forma de cada vez mais qualificar esse brincar e essas interações.

Prosseguindo a análise das entrevistas, apresento o trecho da narrativa da professora Maria da Graça, no qual ela destaca a forma como incentiva as interações entre os bebês os quais se ocupa.

Professora Maria da Graça

E aí, assim, também pouco antes do almoço a gente abre ali a porta: **“Vamos olhar quem, veio quem não veio? O Fulano tá aqui, veio! Cadê o Fulano? Cadê o outro? Cadê o amigo?”** Então, também é um momento de interação ali, né? O momento da escovação que nós temos o personagem do jacaré e aí a gente diz: **“Vamos escovar os dentes do jacaré!”** Então, tem a escovinha... **“Vem Fulano, vem ciclano!”**. A minha colega faz um momento em que ela traz a bandeja das escovas, né? E vai colocando a pasta, o creme dental na frente das crianças e dizendo: **“De quem é essa escova? É do fulano! De quem é?”** E daqui a pouco, eles já sabem reconhecer **“Ah, essa é do fulano!”**. Então a gente tem alguns momentos assim, né, de interação mais direta com as crianças. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

É possível observar na narrativa apresentada que a professora nomeia os bebês e os seus pertences para que todos conheçam seus nomes e que em outros momentos possam se chamar pelo nome próprio. Considero uma estratégia eficaz utilizada pela professora, visto que, dessa forma, os bebês conhecem o nome dos seus colegas e isso incentiva as suas interações na hora de convidar o colega para interagir. Sobre as interações no ambiente da escola, Trueba (2022, p. 106) destaca que “a aprendizagem [...] começa no momento de nascer e se favorece nas trocas feitas, nas diversas interações entre iguais e com os adultos, com a finalidade de gerar novas relações de aprendizagem”. Concordo com o argumento da autora e ressalto que esses momentos organizados para as interações dos bebês são de extrema importância no cotidiano da creche.

Até então, apresentei duas narrativas das professoras Bela e Maria da Graça nas quais vemos bastante a intervenção do adulto para incentivar as interações e brincadeiras. A seguir, apresento a narrativa do professor Silvio, que possui uma visão diferente das professoras até então apresentadas, de forma que ele organiza o espaço da sua sala com materialidades de forma que o espaço, por si só, instigue as interações dos bebês com as materialidades.

Professor Silvio

Como eu te falei, o meu pensamento é: **Eu vou montar um espaço que ofereça condição para esses bebês se sentirem bem**, né? O que que precisa para eles se sentirem bem? Eles que vão me dizer. Então, eu que montei no primeiro momento. Antes deles chegarem eu pensei e disse vou montar. **A partir da interação entre eles com os objetos, com os materiais e com o espaço, eu vou resignificando, eu vou redesenhando o espaço conforme eles vão experimentando.** “Bah, aquele ali tá fluindo. Esse aqui não tá fluindo. Ó isso aqui tá possibilitando”. Inclusive, não é que eles vão brincar juntos, eles não vão brincar juntos. Juntos no sentido de um brincar com o outro, mas **eles vão ocupar o mesmo espaço aqui brincando um do lado do outro. Isso é uma forma de interação.** [...] **Então, a escolha dos materiais, a escolha dos objetos e a montagem do espaço favorece ou pode favorecer ou não a interação sim desses bebês, né?** Por isso também é importante da gente poder pensar e não só (a interação) dos bebês, mas dos adultos com os bebês também, né? (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Como se pode perceber a partir da leitura do dito pelo professor, o mesmo aponta sobre a sua organização dos espaços de forma a incitar as interações, fazendo com que os bebês não brinquem juntos, mas sim brinquem um do lado do outro como uma forma de interação. E isso acontece pois é possível perceber que o professor oferece um espaço no qual os bebês se sentem livres para agir como gostariam, mas também é um ambiente que oferece espaço para as interações. Além disso, saliento na narrativa apresentada a importância de levar em consideração o bem-estar dos bebês na montagem do espaço, pois se os bebês não estão bem, conseqüentemente não irão aproveitar as potencialidades do espaço. Diante disso, Trueba (2022, p. 127) destaca a necessidade de que, como docentes, “afastemos de nossas escolas ambientes assépticos e inóspitos. Acreditemos em uma escola amável, aconchegante, cúmplice, onde se sentir bem”. Ademais, o professor Paulo destaca que, ao observar os bebês interagindo com os objetos, com os materiais e com os mobiliários, vai resignificando o espaço. Sobre esse aspecto, destaco o que afirma Moreira (2013, p. 322) que “a creche, como ambiente de promoção do desenvolvimento das capacidades infantis, precisa ser constantemente (re)apropriada pelos adultos (educadores) e crianças”. Por isso, a importância do professor observar como os bebês do seu grupo dialogam com as materialidades e, dessa forma, reinventar o espaço se necessário.

Assim, nessa seção foi apresentado como os professores selecionam e ofertam os materiais nos espaços da creche e também como promovem as interações e brincadeiras dos bebês a partir de suas ações na organização dos espaços.

Diante do exposto, na próxima seção serão apresentadas as análises das respostas dos professores entrevistados em relação aos seus apontamentos sobre o modo de organização dos espaços da sala de referência, a intencionalidade nesses modos de organização e o seu uso pelos bebês.

4.4 A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DA SALA REFERÊNCIA E O SEUS USOS PELOS BEBÊS

A intencionalidade nos modos de organização dos espaços diz muito sobre a concepção pedagógica do professor. Desde a seleção dos materiais, a disposição dos mobiliários, a sua intencionalidade e o investimento de tempo e recursos na organização por parte do professor de creche demonstram o conhecimento sobre a faixa etária a qual é responsável. Nesse sentido, Trueba (2022, p. 73) destaca que “o espaço nos é oferecido como uma tela em que estampa as cores de nosso modelo educacional, em coerência com o nosso fazer, nosso dizer, nosso acreditar e nosso sentir”. Dessa forma, a organização da sala de referência é uma função importante do professor e é necessário que exista no espaço da creche uma sala funcional na qual os bebês tenham mobilidade e contato com os materiais. Em relação a isso, Oliveira, Marques e Neves (2023, p. 6) destacam que “torna-se fundamental pensar nas relações entre o espaço concebido da creche [...]; o espaço vivenciado afetivamente pelos/as bebês e suas professoras [...] e o espaço percebido [...]”. Dessa forma é importante o professor organizar o espaço da creche com intencionalidade e observar como os bebês se apropriam do espaço organizado, e, se necessário reorganizar para que os bebês possam vivenciá-lo de forma potente. Por isso, a terceira pergunta feita aos professores entrevistados foi em relação a como são organizados por eles os espaços das suas salas de referência e também quais as suas intencionalidades nesse modo de organização.

Em muitas escolas de Educação Infantil, os bebês e crianças pequenas passam a maior parte do seu dia no ambiente escolar, e, por vezes, a sala de referência é um local onde esses bebês vivenciam muitos momentos durante a jornada, como o momento das trocas, o momento do sono, da realização de propostas, momentos de brincar autônomo, entre outros. Desse modo, pensar com intencionalidade em cada canto desse espaço é uma função muito importante do professor de creche. A intencionalidade na organização dos espaços da creche é um aspecto importante de ser investido na ação pedagógica do docente

de bebês. Em relação a questão da intencionalidade, Guimarães e Arenari (2018, p. 17) afirmam que

a prática pedagógica contempla uma intencionalidade que abarca a organização de contextos, a atenção para a iniciativa das crianças, a resposta a essas iniciativas, a multiplicidade simultânea das relações, uma escuta responsiva.

Em vista do exposto, afirmo que os momentos vivenciados pelos bebês na rotina da creche precisam ser permeados pela intencionalidade pedagógica do professor, de forma que esses momentos possam ser prazerosos de serem vivenciados pelos bebês. Para tanto, é necessário conhecimento sobre as faixas etárias e sobre as especificidades da ação docente na creche. Em relação a esse aspecto, Kelleter (2020, p. 45) aponta que é através da

Interação entre o conhecimento das perspectivas procedimentais [...] e a análise do sujeito envolvido [...] que se torna possível a organização, o comprometimento, a intencionalidade e a responsabilidade educacional.

Desse modo, considero que através do planejamento da organização dos espaços da creche feito pelo professor é possível observar as suas intencionalidades em relação aos aprendizados dos bebês na creche. Nesse sentido, o professor Silvio acredita que pensar no bem-estar dos bebês e das crianças pequenas nessa jornada é essencial e é isso que carrega na intencionalidade de sua organização. Além disso, acredita que na sua organização os bebês possam compreender essa jornada, compreender a função dos espaços e sentir pertencentes ao espaço que habitam. A partir da discussão apresentada, a seguir, compartilho a narrativa do professor Silvio:

Professor Silvio

Intencionalidade, assim, primeiro que eles saibam ou que eles comecem a entender. Eu trabalho no berçário dois, né? Então **que eles comecem a compreender que os espaços também têm funções**, né? Então, assim, existe um espaço que é para brincar, existe um espaço que é o da troca, existe um espaço que é o da alimentação e existe um espaço que é o do descanso, né? Então a gente monta, **a gente pensa nesses espaços intencionalmente para dar condições de bem-estar para essas crianças**, para que eles possam, então, passar por essa jornada diária de fato desfrutando de uma sensação de bem-estar, então, **dando condições para que eles possam viver aquilo ali, aquele momento que eles estão de forma confortável, de forma agradável, de forma prazerosa.** [...] Então, por isso, também, que é importante da gente ter esses espaços delimitados

assim, né? Nós temos basicamente esses quatro espaços delimitados. E, claro, tem o solário, tem o pátio que são outros espaços que a gente habita também na escola. Ah, e, agora eu falei habita, né? **E penso também da importância de montar esses espaços para que a criança de fato possa habitar a sala, possa habitar a escola. Ou seja, possa se sentir de fato participante. Que eles se sintam pertencentes a esse espaço,** né? Porque eles estão habitando de fato esse espaço. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

A narrativa de Silvio ratifica o argumento de que a sala de referência precisa ser um espaço no qual o bebê e a criança pequena possam se sentir seguros para vivenciar uma jornada de bem-estar e de descobertas, ou seja, precisa ser um espaço no qual a criança possa habitar. É por essa razão que concordo com Trueba quando afirma que (2022, p. 71)

um espaço habitável é um lugar onde rir, chorar, dormir, sonhar, jogar, aprender, descansar, alimentar-se, relacionar-se, descobrir, inventar, surpreender-se, crescer, desfrutar... Em uma palavra, viver.

De fato, o espaço da creche precisa ser um espaço que garanta vida para o bebê e a criança pequena.

O professor Silvio, como apresentado através de sua narrativa, organiza esse espaço de forma que o bebê entenda os momentos da rotina e os espaços onde vão acontecer cada momento. A fundamentação que Silvio utiliza na organização dos espaços da creche em que atua é semelhante à da professora Maria da Graça, pois ela também organiza os espaços a partir dos momentos que realiza junto com as crianças no cotidiano, como os momentos de alimentação, os momentos de higienização, as transições entre esses momentos e, junto a isso, procura garantir que as crianças se sintam seguras e autônomas na rotina. Além disso, procura também através da sua organização, trazer sempre elementos novos como forma de tornar essa rotina cativante e surpreendente para a criança, mudando o ambiente para garantir novas possibilidades, como é possível observar na sua narrativa a seguir.

Professora Maria da Graça

Tem duas questões que eu considero bem importantes, né, primeiro a **organização do espaço de forma que as crianças possam se sentir mais seguras e autônomas,** né? E essa é a ideia **dessa configuração que eu que eu te contei ali, né, nos momentos de transição, de organização da rotina de higienização...** Então, **isso trouxe para as crianças muita segurança,** né? De vim com os educadores ajudou nos processos de adaptação também. E o **espaço, né, como algo também itinerante, né, que vai mudando conforme as possibilidades que a gente vai trazendo para ele,** né? Então, a

forma como eu configuro esse espaço, né, os materiais que eu utilizo, a relação que eles podem estabelecer entre si, né? Eles são pensados, então, diariamente. [...] Eu acompanho as crianças até o refeitório na hora do lanche, e aí quando as crianças estão organizadas, né, já estão servidas, eu **saio mais ou menos por uns 15 minutos e é esse momento em que eu organizo esse espaço convidativo para as crianças participarem, né?** Então, **quando eles voltam do refeitório, eles já voltam com a perspectiva de que tem surpresa, né?** Então eles já chegam na sala já esperando né? Que algo diferente vai acontecer. Então, **eu sempre procuro trazer né um elemento novo, né um material diferente,** trabalhar com várias possibilidades dentro de uma mesma temática, né? (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus).

A partir da resposta da professora Maria da Graça, observa-se inicialmente que ela organiza o espaço de forma que os bebês possam se sentir seguros e autônomos. Por conhecerem a rotina, os bebês que a professora se ocupa não dependem do seu direcionamento para as transições cotidianas, fazendo assim por si próprios e se sentindo seguros das suas ações. No entanto, ela também ressalta que organiza o espaço de modo itinerante, que pode mudar também conforme as possibilidades que surgem. Em relação a esse aspecto, Trueba (2022, p. 72) destaca que “o espaço é algo vivo e em contínua transformação. Pensemos nele como um lugar flexível, em contínua mudança, que se adapta às necessidades; espaços para incerteza, para a surpresa [...]”. Dito isso, concordo com o que diz a autora visto que é essencial a intencionalidade dos professores(as) na organização do espaço, de forma que essa organização possa ser flexível, possa mudar conforme o surgimento de novas possibilidades, que a rotina possa ser surpreendente e ao mesmo tempo segura para as crianças, por elas conhecerem e familiarizarem-se com os momentos do cotidiano.

Nesta seção foram apresentados apontamentos em relação à organização dos espaços da sala de referência pelos docentes e o seu uso pelos bebês. Desse modo, na próxima seção serão apresentadas as análises das respostas dos professores entrevistados referente à organização do ambiente externo da creche, referente aos espaços ao ar livre.

4.5 OS USOS DOS ESPAÇOS EXTERNOS PELOS BEBÊS NA CRECHE

O uso dos espaços externos pelos bebês é sempre uma questão a ser discutida, visto que em muitas escolas, ainda há o receio por parte dos professores de “deixar” os bebês

livres para explorar o seu entorno, sem controlá-los. Isso levanta a questão da proteção excessiva do bebê e da criança pequena, que pode acarretar na evitação, por parte dos professores de berçário, de oferecer desafios e certos riscos para a criança. Essa “proteção” evita que a criança desenvolva noção do seu espaço e o reconhecimento das suas capacidades. Sobre essa questão, Horn e Barbosa (2022, p. 14) destacam que “a conquista da autonomia pode ser dificultada por uma equivocada noção de cuidado e uma descrença nas capacidades das crianças”. Por isso, torna-se importante que o professor de creche esteja ciente da importância de oferecer aos bebês o uso dos espaços externos a fim de que eles possam desenvolver a sua noção de espaço em todos os ambientes da creche, pois todos têm a sua importância.

Em vista do exposto, corroboro com o argumento de Castelli (2019, p. 166) quando ela afirma que é necessário “romper com a ideia de que o local onde se constrói conhecimento é na sala de aula, [...] para apostar na natureza também como espaços onde as crianças podem estar e se desenvolver por completo”. Dessa forma, os espaços externos também são ambientes de aprendizagem para os bebês e precisam ser ofertados. O uso dos espaços externos da creche pelos bebês é muito importante visto que, de acordo com Santos, Garanhani e Paula (2023, p. 4) “é pela movimentação do corpo que os bebês experimentam e compreendem o mundo”. Dessa forma, os espaços externos tornam-se lugares amplos nos quais os bebês podem se movimentar e aprender o que seu corpo é capaz de fazer. Portanto, há a necessidade dos docentes de creche ofertarem aos bebês os espaços externos. Em relação a isso, Silvio, um dos professores entrevistados, destaca o acesso dos bebês ao pátio, ao ambiente externo, como uma forma de ampliar as relações com as demais crianças da escola e demais adultos. Além disso, o professor também salienta essa garantia que o professor precisa oferecer para os bebês, que eles precisam viver em outros espaços além da sala de referência. A partir da pergunta sobre como se pensa o uso dos espaços externos na creche e qual a importância dos espaços externos para os bebês, o professor Silvio destaca total importância, como é possível observar na sua narrativa:

Professor Silvio

Total também. Porque, assim, **aí eles saem desse contexto de sala**, né? É o tal do **desemparedamento**, né, que não é destruir as paredes, né? Mas é **poder possibilitar, então, os bebês viverem em outros espaços**. Imagina, a escola aqui é gigantesco. Pátio gigantesco. Então eles precisam ir nesse espaço. **Eles precisam viver esse espaço também, precisam conhecer,**

inclusive para poder se relacionar com as outras crianças, com outros adultos, não ficar só no reflexo na sala. Porque tem muito isso no berçário ainda assim de que, **“ah, os bebês não podem sair por conta de que os maiores podem não cuidar, ou machucar...”** Tá, mas se eles não conviverem essa relação de cuidados também, nunca vai ser efetivo né? Então, como é que eu quero que os maiores cuidem dos menores se eles não convivem, né? **Então dar possibilidade desse contato entre os bebês e as crianças é importantíssimo.** (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus).

Destaco na narrativa de Silvio o apontamento sobre o desafio dos bebês conviverem com crianças maiores que eles, que pode ser um medo muito grande dos professores e pode fazer com que evitem ir com os bebês no espaço externo da escola. Assim como o professor Silvio, defendo que, para os bebês, sair da sala de referência, ocupar os demais espaços da escola, encontrar crianças de diferentes faixas etárias e descobrir como interagir com elas é uma ótima oportunidade do bebê se conhecer, conhecer os seus limites, as suas capacidades e as suas potências. Além disso, com esse contato, as crianças maiores também aprendem como interagir com os bebês, os cuidados e manejos que precisam ter quando os bebês estão também ocupando o espaço do pátio. É importante salientar que as interações são um dos eixos norteadores do currículo da Educação Infantil, ou seja, é direito dos bebês interagirem com crianças da mesma idade, de idades diferentes, e também com os adultos. O fato de o professor evitar essas interações por medo de que algum bebê se machuque apenas dificulta o aprendizado de lidar com essas situações.

Sobre isso, Horn e Barbosa (2022, p. 29) destacam que “os espaços naturais são importantíssimos para as crianças pequenas e apoiam seu processo de aprendizagem, pois constituem desafios, exigem atitudes, forjam ações”. Por isso, assim como levantado por Silvio, saliento a necessidade dessa oferta e dessa garantia às crianças. Apesar de oferecer riscos, o acesso ao ambiente externo é um aliado do desenvolvimento, pois, ao mesmo tempo que oferta riscos, oferece oportunidades para o bebê se aventurar e tomar conhecimento de que pode realizar muitas ações com o seu próprio corpo. Sobre a vivência do risco pelos bebês, Santos, Garanhani e Paula (2023, p. 7) salientam que “vivenciar o risco é vivenciar uma possibilidade de escolha, uma opção individual e momentânea sobre a ousadia de arriscar-se ou de aventurar-se frente a determinada situação”. Dessa forma, afirmo que ao vivenciar o risco a criança irá se sentir cada vez mais segura e saberá que pode se desafiar mais vezes.

Em muitas creches, o solário é o único ambiente que os bebês ocupam fora da sala de referência. No entanto, o solário não oferece as potencialidades que um pátio grande ou o contato com a natureza oferece para o bebê e não deve ser o único ambiente externo no qual os bebês devem frequentar. O professor Paulo também contribui com esse posicionamento, acentuando a importância do uso dos espaços externos pelos bebês na creche. A seguir apresento a sua narrativa:

Professor Paulo

Eu acho fundamental, e não só o solário, que é, por exemplo, o espaço em que eles utilizam, que é o espaço dos bebês, né? Porque o solário é uma coisa cercada, né? É muito bonitinha, mas é cercada. Por pensar nisso, eu comprei uma lona. Teve um dia que a gente fez umas tintas naturais e todos (os bebês) de fralda, um calor, vamos lá, vamos pintar. A gente pintou então um tecido, né? Eles pequenos, eles vão derramar, o tecido ia ficar mais interessante, aquela coisa toda. Preparei todo um contexto, fiz não no solário, mas uma lateral que não é ocupada na escola. Tem outro espaço que está ocioso na escola, que eu pensei em organizar com os paletes e para os bebês e as outras crianças também explorarem. Então, assim, **eu penso que o espaço externo é muito potente, só que tem que ter uma intencionalidade, não tem que levar as crianças simplesmente para a rua, né?** Eu tenho que pensar numa liberdade para ele, mas tem que pensar também em uma intencionalidade, que não seja só tirar as crianças de dentro da coisa. [...] Os espaços externos são muito potentes. **“Ah, aos bebês não podem ir para os espaços externos”. Podem sim!** A creche tem muita dificuldade de se deslocar, uma questão de hábito. **Eu não ando com eles amarrados, né eles andam correndo.** Eu preparo contexto, espero, levo, e tem uns que estranharam, né? Porque eles estão acostumados a ir muito para o solário. E aquela lona e tem uns que brincaram na lona. Tem uns que pularam na lona, fica aquela coisa na grama. Então, assim, **eu vejo uma potência muito grande dos espaços externos, eles precisam ser valorizados. Sala referência não é o único espaço que o bebê tem que ir. Os bebês precisam se deslocar.** [...] Então, assim, **privar as crianças dessas vivências espaciais é muito dolorido**, é muito ruim, entendeu? Então **os espaços externos, têm que ser explorados pelos bebês também.** [...] Tem essa discussão de retorno na natureza. Não tem que retornar, tem que deixar, viver. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Na narrativa apresentada, Paulo aborda várias discussões extremamente importantes acerca do uso dos espaços externos pelos bebês. Levanta, primeiramente, a questão do uso do solário, que, apesar de ser usado como o principal acesso dos bebês da sua turma ao espaço externo, salienta não ser apenas esse espaço que precisa ser utilizado como ambiente externo, mas sim todos os espaços da escola. Além disso, Paulo destaca a importância do papel do professor na organização do espaço externo, para receber os

bebês. Evidencia algumas materialidades que utiliza nessa organização, como a lona e as tintas naturais. Em relação à organização dos espaços externos, Horn e Barbosa (2022, p. 89) defendem que “a organização dos espaços externos inclui, necessariamente, o planejamento de áreas para diferentes experiências”. Concordo com o que dizem as autoras e saliento que é dever do professor se planejar para utilizar esse espaço com os bebês, assim como o professor Paulo destacou em sua narrativa. Faz parte da ação pedagógica (Horn, Barbosa, 2022) do professor selecionar, classificar e disponibilizar materialidades através da observação criteriosa, escuta e pesquisa do professor. Desse modo, são ricas as possibilidades de uso de materiais e elementos nos ambientes externos e oferecem ótimas oportunidades de interações e aprendizados dos bebês ao ar livre.

Ademais, o professor Paulo salienta a mesma questão que o professor Silvio levantou, em relação a privar os bebês de utilizar os espaços externos. Também critica essa ação destacando que os bebês têm direito de explorarem todos os espaços da escola, e não apenas a sala de referência.

Apesar dos espaços externos serem um local no qual os bebês e as crianças pequenas terão oportunidades para vivenciar desafios, também precisa ser um local seguro para que as crianças possam se desenvolver e se desafiar da melhor forma. A professora Maria da Graça relata em sua narrativa que se sente receosa em utilizar o espaço externo da escola em que atua por ele não ser convidativo para os bebês e crianças pequenas, já que possui grama alta e, também, imperfeições no solo que oferecem muitos riscos aos bebês.

Professora Maria da Graça

Bom, a gente tem algumas questões com os espaços externos da escola, né? **Nesse momento eu não os enxergo como espaços convidativos para as crianças.** Acho que a gente precisa rever isso. Isso é algo que é de desejo do grupo e a gente já tem conversado bastante sobre isso, mas **nós temos uma parte separadinha, né? Como se fosse um solário, assim, que é de exploração dos bebês** e ali nós temos alguns materiais: escorregador, né, temos cavalinhos, temos um cantinho da areia e nós então **a partir daquele espaço agregamos, né, algumas propostas.** Então, por exemplo, às vezes, **eu trago areia colorida, coloco dentro da tartaruga e escondo alguns objetos ali dentro e daí a gente oferece, né, peneiras, pás para as crianças cavarem, né.** Então, assim, eu uso o espaço externo assim como eu uso o espaço interno, **para pensar propostas com as crianças que estejam relacionadas aos elementos da natureza, né? [...]** A gente tem uma árvore, já fiz atividades de pendurar coisas na árvore para as crianças descobrirem, né. Fazer momento de leitura, colocar um tapete, momento com leitura no pátio com algumas almofadas. Então, **sempre que possível a gente tem**

esses momentos de exploração ao ar livre, né, nos espaços externos. Mas gostaria que esse espaço fosse pensado melhor, né? Enquanto escola, né? Para que a gente pudesse trazer melhores possibilidades para as crianças. [...] Tem muitas questões estruturais assim, né? Por exemplo, agora, nós estávamos com a grama alta, né? [...] E aí, quando eu cheguei no ponto de levar as crianças para o pátio, eu não podia levar porque a grama tava alta e daí temos aqueles impedimentos burocráticos que foi chamado o pessoal para cortar três vezes, eles fizeram agendamento e não vieram né? Aí na terceira vez eles vieram, daí quando eles finalmente cortaram a grama, começou a chover, né? Então, são situações assim diárias, né que a gente sabe que na escola pública a gente enfrenta, né? E que acaba sendo muitas vezes o impedimento de fazer uma proposta como a gente gostaria, né? Acho que precisa ter um nivelamento, nós temos algumas algumas imperfeições no solo assim que me preocupam, né em relação aos bebês. Enfim, né, situações de condições estruturais, né. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Para que os bebês e as crianças pequenas tenham um bom aproveitamento do espaço externo da creche é preciso que esse espaço tenha qualidade. Em relação a isso, Horn e Barbosa (2022, p. 89) salientam que é necessário ter como princípio na organização dos ambientes externos “criar ordem e flexibilidade no ambiente físico, proporcionando conforto e segurança a crianças e adultos”. Corroboro com o argumento das autoras, pois, dessa forma, a professora, também, pode se sentir segura em ir com um grupo de bebês e auxiliá-los nos momentos de desafios e que precisarão de auxílio, onde há maiores irregularidades. No entanto, conforme afirmam Santos, Garanhani e Paula (2023, p. 16),

por mais que o receio em relação às quedas e aos arranhões possa existir, a conduta do adulto precisa permitir que a criança crie suas próprias estratégias para solucionar os eventuais problemas nas experiências com o corpo em movimento.

Dessa forma, apesar de em certas escolas possuírem irregularidades, como na narrativa citada pela professora Maria da Graça, é importante que o ambiente externo não deixe de ser ofertado para os bebês, de modo que criem estratégias de lidar com as irregularidades. Assim, considero que um grupo pequeno, de três a quatro bebês por vez, pode ser uma forma da professora se sentir segura de estar no ambiente externo garantindo o acesso aos bebês.

Enfim, nesta seção foram apresentados apontamentos sobre os usos dos espaços externos pelos bebês na creche, como também como os professores organizam esse espaço

e os materiais. Dessa forma, na próxima seção serão apontados aspectos referentes à vivência espacial e o desenvolvimento motor dos bebês nos espaços da creche.

4.6 A VIVÊNCIA ESPACIAL E O DESENVOLVIMENTO MOTOR DOS BEBÊS NOS ESPAÇOS DA CRECHE

A vivência espacial dos bebês na creche e o seu desenvolvimento motor são conceitos importantes de serem pontuados quando falamos sobre a organização dos espaços da creche. De acordo com Kelleter (2020, p. 31) “a motricidade livre possibilita o desenvolvimento motor dos bebês e a conquista da autonomia deles”. Dessa forma, é necessário que na organização dos espaços, os professores procurem garantir que a motricidade livre dos bebês seja desenvolvida. Muitas vezes, os professores de berçário, ao planejarem e organizarem uma proposta exclusivamente para o desenvolvimento motor, não levam em consideração que durante a jornada inteira do bebê na escola ele tem a possibilidade de estar desenvolvendo a motricidade a partir de interações com materialidades, com o espaço interno e externo, com os mobiliários. Dessa forma, Kelleter (2020, p. 41) apresenta considerações acerca do desenvolvimento motor a partir da abordagem de Emmi Pikler:

Para Emmi Pikler, com as condições de um ambiente favorável, roupas adequadas e a não interferência direta do adulto no desenvolvimento motor do bebê, uma criança que segue seu ritmo tem a total capacidade de aprender tudo por si mesma e de forma melhor do que aquela que é influenciada por um adulto.

Dito isso, é importante investir nos espaços da creche de forma que garantam os deslocamentos dos bebês de forma livre e autônoma, ou seja, sem interferência do adulto. Em relação a esses apontamentos, na narrativa da professora Bela é possível observar como acontece as explorações motoras dos bebês a partir da organização do espaço feita pela professora na creche em que atua. A seguir, apresento a narrativa.

Professora Bela

Na sala, no início, **a gente percebeu que eles queriam levantar, mas não tinha nada.** Então a gente, né, precisamos fazer alguma coisa, e isso não é amanhã, no mês que vem, é agora. **Então, pegamos uma barra e**

colocamos na parede e um lado um gancho novo. Então assim fizemos na sala. Eles [os bebês] **iam até lá se levantavam e seguravam e caminhavam naquela barra**. E daí a gente encheu de argola na barra, porque a argola ela vai para lá e vem para cá, entendeu? Um espaço assim é, olha só, nem preciso dizer, qual é a importância, né? Fizemos isso na sala. **E hoje já tem uns que estão andando, né?** E só isso não dá conta, tem que mais. **Daí, peguei vasos de barro grande** para eles estarem segurando, para eles estarem se levantando também. A gente organizou na sala um contexto para eles subirem. Daí eles se levantam ali e vão andando em círculo. **Agora, já tem aqueles que já estão subindo em cima do vaso**, e nós estamos sempre próximas, para essa questão assim, né? Para eles descerem, a gente fica ali ao lado e **ele vai vendo uma forma e armando estratégia para descer** e eles são estrategistas, tá. E no espaço de fora... Nós temos muitos colchões aqui, né? E a gente vai organizando e, daí, eles vão passando por cima. Vão passando embaixo das cadeiras. Quando a gente vem pra fora, tu vai deixar à disposição deles muitas possibilidades deles estarem indo, se eles quiserem subir, ele vai subir, se quiserem passar embaixo, vão passar embaixo. Tem aquele que só vai lá observar florzinha. Tu entendeu? E daí, **“ah agora nós vamos parar tudo porque nós vamos trabalhar a questão motora”**. Não, é no dia a dia, né, que eles estão ampliando. Não é que **“agora nós vamos trabalhar motricidade”**. Não, é todo dia, é todo momento. Não tem isso de, né, de parar tudo. Não existe caixinhas para o bebê, né? (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

É possível observar nessa narrativa o quanto a professora Bela observa seus bebês e, a partir dessa atenta observação, entende as suas necessidades. Ao compreender que os bebês buscavam o desejo de se levantar com apoio, organizou uma barra para que os bebês conseguissem esse apoio e conseguissem se levantar e desenvolver o seu movimento livre. Ademais, entendeu que os bebês precisavam e solicitavam se desafiar mais, então disponibilizou os vasos de barro para que eles pudessem subir e descer, buscando por si próprios estratégias nessas ações. Por fim, destaco o ponto na sua fala na qual ela salienta que os bebês desenvolvem a motricidade e a vivência espacial todos os dias e em todos os momentos da sua jornada, e isso graças ao espaço organizado pelo professor para que ações como essas aconteçam. Conforme defende Kelleter (2020, p. 97) os bebês se movimentam “com o intuito de obter um resultado concreto, sendo dependente também das circunstâncias do meio ambiente, dos objetos, da posição e da projeção no espaço, do tempo e dos outros”. Por isso, os(as) docentes que atua em berçários precisam estar sempre atentos ao que os bebês buscam com os seus movimentos, para, assim, preparar um espaço que atenda às suas necessidades e, mais do que isso, auxiliie-os no seu desenvolvimento, assim como narrado pela professora Bela.

O professor Sílvio possui o mesmo posicionamento da professora Bela. Em sua sala, oferece condições para que os bebês possam se locomover e se desenvolver.

Professor Sílvio

Eu tenho bebês ali no berçário dois que ainda não caminham, mas que já tão verticalizando. **Então eu preciso dar condições para eles possam ficar em pé e ter onde se apoiar.** Então, no berçário aonde eu tô, **eu tenho elementos que auxiliam os bebês a se colocarem em pé.** Não sou eu que coloco, eles colocam em pé, mas tem lugares onde eles podem se apoiar e ficar em pé e começar a andar com o apoio, para depois andar sem apoio. Ao mesmo tempo, ele **não pode ser um espaço muito entulhado de coisas porque não vai favorecer o deslocamento desses bebês** que também estão no início do processo de caminhar, que ainda que ainda caminham não com equilíbrio total, então eles não podem ficar se batendo todo o tempo nas coisas, então tem que ser um espaço que dê condições para todos. [...] Conforme a gente pensa esse espaço, eu posso... Por exemplo, um espaço de berçário onde tenha bebê conforto, **muito bebê conforto e as crianças ficam deitadas e amarradas, isso é um entrave para o desenvolvimento motor dos bebês. Um espaço aonde as crianças, onde os bebês não possam desfrutar da sua motricidade, brincar livremente, autonomamente é um entrave para o desenvolvimento motor deles.** Um espaço aonde o adulto não se relacione bem com esse bebê também é **um entrave para o desenvolvimento motor deles.** Então, assim... **Pensar nos espaços é inclusive pensar nas relações que são estabelecidas nele,** né? Quando eu monto esse espaço promotor do desenvolvimento motor das crianças, dos bebês, eu também tô montando um espaço promotor das relações das interações. [...] **eu não consigo pensar o desenvolvimento motor deslocado do desenvolvimento global** nesse sentido, entendeu? Porque, inclusive, quando eu penso num espaço que é promotor do desenvolvimento motor, eu tô pensando num espaço que é promotor do desenvolvimento cognitivo e psíquico também dos bebês, não tem como não ser entendeu? Então, também por isso é importante pensar nesses espaços. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

O professor Sílvio, que se fundamenta na abordagem Pikler, através da organização da sua sala, prioriza que o bebê descubra por si próprio as posições que consegue chegar, com o auxílio dos mobiliários como apoio. Além disso, o professor cita a importância das relações nessa organização, pois acredita que o desenvolvimento motor está interligado ao desenvolvimento global do bebê e da criança pequena, e não algo indissociável. Sobre isso, Kelleter (2020, p. 103) destaca que “a motricidade não se opõe ao meio ambiente, pois é nele que ela se localiza”. Ou seja, o ambiente garante a motricidade ao bebê. Por isso, a importância do investimento na organização do ambiente de forma a garantir a motricidade.

Posto isso, de certo modo, na creche os bebês possuem a oportunidade de, por meio dos deslocamentos, conhecerem a si mesmos e as potencialidades do seu movimento através do espaço. Por conseguinte, durante a entrevista, ao questionar o professor Paulo sobre a importância do espaço no desenvolvimento motor dos bebês, ele defendeu que o espaço é primordial para que o bebê e a criança pequena possam vivenciar o seu desenvolvimento motor, através dos desafios que o ambiente pode proporcionar. A seguir, apresento o trecho da entrevista em que o professor defende o seu ponto de vista.

Professor Paulo

É primordial, porque assim, crianças confinadas não têm experiências, né? Não tem vivências. [...] Então, **promover vivência para as crianças é justamente isso é poder construir modos e desenvolvimento motor dessas crianças, que elas possam viver esse espaço, vivenciar esse espaço.** [...] Eu vou te dar um exemplo, assim em relação a isso. Tem toda uma discussão das crianças não poderem subir nas cadeiras, tá. Os meus sobem, pelo menos quando na grande maioria quando estão comigo eles sobem. **Eu não proíbo eles de subir nas cadeiras, porque eles precisam dessa vivência.** É uma vivência de subir, é uma vivência de interagir. Claro eu cuido para ver né? Eu cuido para eles não caírem, não se machucarem, mas **eles precisam viver, subir na cadeira, entendeu? Eles precisam viver o seu desenvolvimento motor de subir, de descer, de cair, de correr, de conseguir ser criança, entendeu?** A vivência é um conceito que o Vygotsky vai usar que no fundo é essa transformação, né? [...] A vivência é o que a criança vive junto com o meio. A vivência está sempre relacionada ao que o espaço proporciona, e é uma coisa individual, ela pode acontecer de forma coletiva? Pode. Mas ela não vai ser idêntica para todas as crianças, tu entende? **Eu só tenho o desenvolvimento motor quando eu tenho vivência,** entendeu? Não tem como estabelecer desenvolvimento motor sem vivência. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus).

A partir da narrativa de Paulo, observa-se que o seu posicionamento condiz com a crença de que, se o bebê tiver oportunidade de chegar a um movimento por si próprio, como subir nas cadeiras, ele, certamente, em algum momento, vai também conseguir descer por si próprio, pois ele terá tempo para encontrar estratégias para essa ação. Em relação a isso, Kelleter (2020, p. 115) afirma que “a progressiva maneira em que o bebê encontra novas posturas lhe permite voltar à postura que a precede com segurança, com controle do movimento”. Concordo com o que aponta o autor, e saliento que, para que isso ocorra, o bebê precisa de oportunidades para vivenciar essas ações. Diante disso, como afirma o professor Paulo, o bebê precisa viver o seu desenvolvimento motor, precisa subir, precisa cair, precisa dessa vivência. Essa vivência precisa ser garantida ao bebê.

Posto isso, na próxima e última seção deste capítulo serão apresentadas dicas e recomendações sobre o uso dos espaços internos e externos da creche, como também sugestões sobre a seleção e oferta de materiais nesse exercício de ser professor e professora de bebês.

4.7 RECOMENDAÇÕES DOCENTES SOBRE O USO DOS ESPAÇOS INTERNOS E EXTERNOS, SELEÇÃO E OFERTA DE MATERIAIS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NA CRECHE

Ser professor de bebês na creche é diferente de ser professor de pré-escola. Sobre a docência na creche, Arenhart, Guimarães e Santos (2018, p. 1678) salientam que os docentes de creche têm a função de “compreender a qualidade das ações dos adultos/professores nas relações institucionalizadas com os bebês e as crianças pequenas, considerando suas possibilidades de afetá-los, desenvolvendo diálogo, atenção e contato”. Isso quer dizer que essas atribuições citadas são características do trabalho docente na creche, que difere das ações docentes com crianças maiores. Portanto, para ser professor de bebês conhecer as especificidades dessas ações.

Cada faixa etária possui as suas especificidades e as ações pedagógicas divergem. Quando um professor inicia a sua jornada como professor de berçário, certamente encontrará muitos desafios acerca dessas ações. Até aqui, foram abordadas inúmeras especificidades do docente da creche em relação ao uso dos espaços, tanto internos quanto externos. Os professores entrevistados foram selecionados justamente pois possuem anos de experiência com a faixa etária do zero aos três anos. Questionei os professores entrevistados recomendações para um docente que estivesse iniciando o seu trabalho docente com bebês em relação ao uso dos espaços internos/externos da creche, seleção e oferta de materiais. Desse modo, cada docente entrevistado(a), de acordo com a sua vivência em sala e também experiência, pode contribuir com dicas e sugestões por viverem todos os dias essa rotina e reconhecerem a importância dessas ações no cotidiano dos bebês e das crianças pequenas.

Saliento que aqui não há roteiro nem “*checklist*”, pois cada grupo de bebês possui a sua especificidade e cada professor precisa conhecer e entender as necessidades do seu grupo, dos seus bebês. Todavia existem princípios que são comuns ao grupo de bebês, há uma necessidade de materiais, mobiliários, espaços adequados. O professor Silvio, em sua

narrativa, sugere que o professor de berçário se dedique muito na observação e registro do seu grupo. De fato, é importante que o professor observe como o seu grupo interage com o espaço, com os materiais, entre si, como brincam, como realizam narrativas, como cada um vivencia os momentos do cotidiano. É importante que o professor que atua na creche conheça o seu grupo a fim de construir um espaço que dialogue com os seus interesses. A partir desses apontamentos, apresento a narrativa de Silvio:

Professor Silvio

Primeira coisa é: conheçam os seus bebês. Observação e registro. Eu preciso conhecer. Eu gosto de um livro. Eu tenho um livro bem interessante para mim que é: “Documentação pedagógica teoria e prática” e nesse livro ele tem uma passagem que eu sempre cito que é: “Observar para conhecer, conhecer para propor”. **Eu não consigo propor nada para ninguém que eu não conheço, para alguém que eu não conheço,** entendeu? Então, tipo, como é que eu vou propor solto, no ar? **Eu preciso conhecer os bebês que eu tô me ocupando, entender as necessidades deles, conhecer de fato como é que é o funcionamento deles, para então pensar em que materiais que eu vou oferecer para eles e como eu vou pensar nesses espaços.** E, às vezes, a gente faz ao contrário... Eu monto espaço penso no espaço e os bebês que cheguem e que tentem ali se adaptar nesse espaço, entendeu? Não! **Eu preciso oferecer um espaço** como eu falei durante a entrevista toda, **que possibilite bem-estar para essas crianças. E aí, quem vai me dizer se esse espaço está possibilitando bem-estar ou não são eles, através da forma como eles estão utilizando esses espaços,** né? Então, **observar e registrar para poder saber quais são os materiais que eu vou oferecer, quais são os componentes que eu vou colocar dentro do espaço.** Como é que eu vou pensar esse espaço. **Para mim, a ferramenta básica e inicial é observação e registro.** (Transcrição de entrevista. 2024, grifos meus)

A partir da leitura da narrativa de Silvio, é possível observar que a principal ferramenta que ele utiliza para conhecer os seus bebês é a observação e o registro. É importante salientar que a observação do professor precisa ser realizada de forma crítica e reflexiva, como também os registros, que podem ser feitos através de fotos, vídeos, gravações de áudios e anotações. Dessa forma, o professor terá o material suficiente para propor um espaço potente para os seus bebês de sua turma, pois os conhece. Por meio dos registros, o docente da creche poderá perceber se o espaço precisa ser reorganizado, devido às interações dos bebês com o espaço, ou a falta dela. Sobre isso, Arenhart, Guimarães e Santos (2018, p. 1678) consideram que “os bebês, seus movimentos e os sentidos que

evocam oferecem pistas para ações dialógicas por parte dos adultos/professores”. Ou seja, as ações dos bebês são pistas para o planejamento do professor.

É de extrema importância o estudo e o aprofundamento teórico nas especificidades da docência com a faixa etária da creche por parte do professor de berçário. Essa visão é desenvolvida a partir de muito estudo e muita prática com bebês. Conforme salientam Carvalho e Radomski (2017, p. 45), “é no cotidiano da creche que são percebidas as particularidades dos bebês e planejadas as práticas pedagógicas”. Portanto, para que o docente enxergue a criança como um ser potente, capaz e autônomo, é preciso primeiramente muito aprofundamento teórico. A partir dessa apropriação, o professor será capaz de realizar uma seleção de materiais potentes, como materiais não estruturados, na qual o bebê e a criança pequena irão manipular e serão protagonistas do seu brincar. Como também, a partir do desenvolvimento da visão de bebê potente e autônomo, o docente irá proporcionar vivência por todos os espaços da escola, sem exceção, pois acredita no potencial e na capacidade do bebê.

Diante do exposto, apresento a seguir a narrativa da professora Bela, que possui esse entendimento e aponta sugestões para docentes de bebês.

Professora Bela

Primeiro, apresentar alguns livros que eu faço leitura né, entendeu? Porque **eu acho assim muito importante tu leres. E depois, escutar a sua criança, né? Até chegar na questão do dos materiais, que quando você tem essa escuta, que você observa o seu bebê, você vai levar para ele ampliar toda aquela sensorialidade, né? Que ele precisa. A questão do material é muito particular também, é o conceito de infância que cada um tem também.** A questão do material que tu vai escolher vai levar para as crianças. Eu acredito nisso, por exemplo, escolher o tecido porque assim a gente leu lá em tal o livro que esse movimento de esconder a criança vai interagir contigo, né? E que não é só deixar o bebê ali, né? Ele desenvolve, ele está ampliando muita coisa. **E a questão do elemento da natureza, e a questão do estar desemparedando,** tirar para fora, porque tem essas relações né? Ele é aqui fora, tu entendeu? Ele é um ser social, ele é fora. Eu trago elementos da natureza, eu trago instrumentos musicais. Eu trago os elementos africanos porque, né, a gente vê ampliação de repertório, né? Tu não precisa fazer para o bebê, porque ele vai subir sozinho e descer também. Assim como ele subiu, ele vai armar uma estratégia para descer. **E depende muito da concepção de infância de cada um. E essa questão dos materiais, né? Para não também virar tipo uma receita. Vai vindo a necessidade do bebê, da tua sala, né?** E dos materiais que tu tem também né? Quando tu vai dar água para ele, tu vai colocar o copo na frente para ver se ele vai ter essa iniciativa de pegar e levar na boca. Tu entendeu? No primeiro momento, ele vai derramar e tá tudo bem, é só pegar o pano e

secar. “Ai não vou dar porque vai derramar e vai dar sujeira”. Não, e tudo bem, né? Quem trabalha com bebê, eles estão descobrindo isso aqui, gente, tu não vai privar ele de pegar a água, privar de pegar nos alimentos, né? Às vezes, ele vai querer só amassar pra sentir, né, a textura. E nisso ele tá ali aprendendo também, né? E valorizar cada avanço. Elogia, os bebês gostam de elogios. Eu sou apaixonada por aquilo que eu faço. Eu adoro fazer o que eu faço. **Eu sempre estou inteira, porque eles tão inteiros pra gente né? Os bebês, as crianças no geral, eles estão inteiros pra gente. E menor que isso eu não posso ser para eles.** (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

A partir da narrativa de Bela é possível observar como ela possui muito conhecimento acerca das especificidades da docência com bebês. É possível perceber isso pois ela compreende que os bebês precisam de professores que busquem conhecimentos sobre as especificidades da docência com essa faixa etária. Ademais, Bela demonstra conhecimento na questão dos materiais adequados para a faixa etária dos seus bebês. Além disso, a professora demonstra conhecimento sobre a importância do desenvolvimento da autonomia dos bebês quando cita sobre colocar o copo de água na frente do bebê e apoiar que tome água de forma autônoma. A partir desses apontamentos, considero que a professora Bela apresenta propriedade referente às especificidades da ação docente com bebês. Seus apontamentos dialogam com o que apresentam Carvalho e Radomski (2017, p. 46) quando argumentam que “as especificidades da ação docente com bebês se funda na organização e no fomento de um ambiente que possibilite o estabelecimento de relações dos bebês entre si, com os objetos e com os adultos”. Dessa forma, corroboro com o que apresentam os autores pois na organização dos ambientes fica explícito as concepções pedagógicas dos professores.

Prosseguindo a discussão, retomo a questão sobre o desenvolvimento da visão de bebê potente e participativo. Sobre esse aspecto, Carvalho e Radomski (2017, p. 54) apontam que “é necessário construir uma prática docente que tome como referência a imagem de um bebê ativo e participativo das relações que fazem parte de seu cotidiano”. A partir do desenvolvimento da imagem de um bebê ativo e participativo, o docente desenvolve o planejamento e a organização de espaços seguros e, ao mesmo tempo, potentes para o desenvolvimento e aprendizado dos bebês. Tal aspecto é ratificado na narrativa do professor Paulo, que será compartilhada a seguir.

Professor Paulo

Uma coisa é pensar que os espaços do bebê são todos, tá. Não existe espaço que os bebês não possam ocupar. [...] Os bebês podem e estão por todas as partes dentro de um espaço de educação, numa instituição de educação infantil. Segundo, esse docente tem que pesquisar muito! Não existe docente sem ser... o Paulo Freire já dizia, não existe o professor que não leia, que não estude, que não busque informações. E não sobra uma mudança social, mas tem essa questão cultural que envolve pensar a criança, né, pensar a criança como sujeito ativo, histórico, geográfico. Sujeito de direitos, aquela coisa toda. Então assim, eu sugeriria que lesse bastante, que pensasse, refletisse isso muito sobre essa questão espacial, e assim, planejamento, organização de materialidade, seleção de materialidades, buscar além das questões óbvias, né? [...] E deixar que as crianças constituem lugares, que elas habitam diferentes espaços para poder constituir esses lugares. Pouco se fala nessa questão da constituição de espaço dos bebês, é como se o só o espaço dado, o espaço da sala referência.[...] Então, assim, observar, escutar, sentir cheiros, ouvir expressões... [...] elas verbalizam pelo corpo, pelo pegar, pelo tocar, pelo colo, pelo afeto, pela risada, pelo sorriso, pelo choro, né? Então, assim, eu acho que tem que ser atento, assim. Um professor de zero a três, principalmente de bebês, ele tem que ser atento.[...] É ter senso crítico para fazer leituras boas, para acompanhar algumas pesquisas, para acompanhar alguns grupos, para pensar um pouco mais, para aprender com quem tá chegando também, entendeu? Saber ouvir, saber escutar. E olhar e observar são coisas diferentes. O olhar as vezes perde muita coisa porque ele é desprezioso. A observação não é atenta, é carinhosa, é crítica. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Mediante a leitura da narrativa, saliento a importância do dito por Paulo no que diz respeito à verbalização dos bebês. Sobre isso, Carvalho e Radomski (2017, p. 45) apontam que “os bebês que ainda não falam, por exemplo, apresentam fortemente outros modos de comunicação, como olhares, gestos, balbucios, choros, sorrisos e movimentos que expressam suas demandas”. Isso implica entender que os bebês se comunicam por meio dos gestos e compreendem muito do que os adultos dialogam com eles. Por isso, ratifico a importância dos professores de bebês estarem atentos aos seus modos de comunicação.

É importante que ao pensar nos espaços da creche os docentes invistam na oferta dos materiais que serão disponibilizados aos bebês. A esse respeito, Carvalho e Radomski (2017, p. 54) salientam que “os bebês precisam de um contexto satisfatório, rico em materiais para que possam efetivamente brincar de forma livre e desenvolver atitudes investigativas autônomas”. Em tal direção, a professora Maria da Graça possui o mesmo posicionamento dos autores referente à oferta de materiais e considera um importante direcionamento aos professores de bebês. Desse modo, a seguir, apresento a sua narrativa e, em seguida, analiso os seus apontamentos.

Professora Maria da Graça

Então, trabalho muito, assim, com elementos naturais e com esses materiais que possam, se colocados na boca, não trazer nenhum prejuízo para as crianças, né. **Materiais que tragam segurança para as crianças, né?** Então, assim, tinta feita à base de corante alimentício, né? Objetos que não sejam muito pequenos, né, que não corram risco de ingestão das crianças, né? **E aí, também, a gente vai precisar sentir e conhecer em que momento do desenvolvimento as crianças estão.** [...] Então, **também é importante isso, conhecer o desenvolvimento infantil e saber em que fase as crianças se encontram para a gente fazer a oferta do material.** Evitar materiais pontiagudos, por exemplo, né, que possam provocar algum tipo de acidente. [...] Então, assim, a gente vai adaptando, né, os materiais e acho que a segurança é importante. **A variedade,** né, assim quando a gente oferece pouco material para essas crianças, elas acabam muitas vezes disputando muito entre si né e não conseguindo ter a possibilidade de fazer explorações que elas fariam se elas tivessem esse material em abundância, né? Então, pensar nisso é importante, né? Então que tenha pelo menos umas, que tenha de preferência mais de um né, dependendo do material pra que as crianças possam explorar. Então assim tecidos, né? Enfim, cilindros, **o que a gente for propor que permita que as crianças façam construções.** [...] Então, e, a gente tem, né, desde que tem se falado em materiais não estruturados, **eu tenho usado muitos materiais não estruturados e eu acho que eles trazem muitas possibilidades de brincadeira,** né, os cones né, o cilindros enfim, né as caixas com orifícios, várias situações assim que a gente tem propósito para as crianças e que que tem dado muito muito resultado e muito pano pra manga nas explorações deles, né? A questão dos livros, né? Se for livros que sejam livros com bastante ilustração com pouco texto, né? Que muitas vezes são difíceis a gente encontrar nas escolas, né. Livros de capa dura, eu gosto bastante. Eu gosto de livros tridimensionais que são aqueles que, uau né, trazem aquela surpresa, assim, quando abre o livro salta o bicho de dentro assim, acho que para eles isso é muito significativo. **Brinquedos que tragam a possibilidades,** né, bonecas negras também que é uma coisa que é importante trazer, essas questões da diversidade cada vez mais, né? Enfim, trabalhar com objetos que sejam de montar, trazendo a possibilidade de construção, tijolinhos, toquinhos de madeira né? Acho que basicamente é o que eu uso como repertório, assim, para construir o material para as crianças. (Transcrição de entrevista, 2024, grifos meus)

Em sua narrativa, a professora Maria da Graça apresenta dicas pontuais a partir da sua experiência como professora de bebês. A professora salienta que é importante conhecer o que os bebês que estão em determinada faixa etária, e o que eles necessitam naquele determinado momento para que possam se desenvolver. Sobre essa questão, Carvalho e Radomski (2017, p. 47) apontam que “é necessário que seja pensada a organização de um espaço satisfatório, que sejam selecionados materiais que possibilitem o uso de múltiplas e

potentes linguagens”. De fato, é o que Maria da Graça procura realizar com os seus bebês e defendo que são ações pedagógicas essenciais na docência com bebês. Maria da Graça cita também a importância da oferta de uma grande variedade de materialidades a fim de que não haja disputas entre as crianças. A professora salienta também a importância dos materiais não estruturados, devido a imensa possibilidade de criações que esse tipo de material possibilita.

Assim, as narrativas apresentadas neste capítulo trouxeram muitas elucidações acerca de vivências de professores de bebês em seus ambientes de trabalho. Como os professores se ocupam desses bebês, como reconhecem suas potencialidades e suas características e como, a partir disso, organizam o ambiente visando as suas aprendizagens. Fica nítido, com a leitura desta seção, as inúmeras especificidades do trabalho docente com os bebês, visto que assim como abordam Carvalho e Radomski (2017, p. 54) “é função dos professores organizar espaços em que os bebês possam ser interpelados, desafiados e acolhidos tendo em vista a ampliação de suas experiências”. Dessa forma, o trabalho do docente que atua com bebês é muito importante, visto que o bebê está se descobrindo no mundo e se reconhecendo como ser humano. Diante disso, conta com o trabalho sensível e árduo do professor de creche.

Mediante a discussão apresentada, finalizo esse capítulo e a seguir apresento as considerações finais desse estudo

5 ENCAMINHAMENTOS FINAIS A RESPEITO DOS BEBÊS E OS ESPAÇOS

É preciso muita sutileza nas ações e intenções cotidianas para não anular os espaços do possível. Não façamos mais escolas sem árvores, sem curvas, sem cantinhos e esconderijos. Escola há de ter barranco, banco, sombra de árvore, raízes, meio do caminho. E todos ganharemos tanto com essa forma de habitar a escola por inteiro, provocando encontros inesperados, fomentando o que é diverso, dando espaço para o inusitado e tempo para fluir. [...] Sejam estudantes e curiosos [...] do espaço educador, sabendo que nossas intenções se revelam em cada material, objeto e projeto (ou descaso) de um ambiente. [...] Convoquemos materialidades férteis para nos acompanharem, para despertar mãos e olhares investigativos e curiosos (Oliveira, 2021, p. 124).

Compartilho a partir das palavras de Oliveira (2021) o encaminhamento final da minha pesquisa, a qual focalizei a discussão de aspectos relevantes sobre os bebês e os

espaços da creche, discussão que retomo agora neste capítulo. Em tal direção, compreendo que o dito pela referida autora corrobora com a reflexão sobre as considerações finais da minha pesquisa, que afirmam a potência que é o espaço da creche para os bebês, como também a importância do(a) professor(a) na organização dos espaços internos e externos da creche. Além disso, como as materialidades selecionadas de forma adequada para os bebês e disponibilizadas nos espaços têm o potencial de promover a atenção e a curiosidade do bebê e o convocam a investigar. Ademais, a reflexão proposta por Oliveira (2021) apresenta um aspecto importante na ação docente na creche, a importância de ser um docente pesquisador e curioso, ou seja, que esteja em constante busca por conhecimento sobre a docência na creche. No presente capítulo retomarei algumas discussões e reflexões apresentadas no decorrer do trabalho e também compartilharei as principais contribuições da minha pesquisa. No intuito de realizar essas discussões, retomo aqui o problema norteador da pesquisa, que foi – Como são organizados os espaços e os materiais na creche tendo em vista a promoção das relações sociais entre as crianças e os seus pares, assim como a aprendizagem pela ação, investigação e descoberta?

Em tal direção apresento uma retomada do percurso investigativo realizado durante o trabalho. No primeiro capítulo, apresentei os motivos pelos quais me interessei por investigar sobre a organização dos espaços na creche. Os motivos pelos quais me interessei foram devido às experiências como estagiária em creches privadas no qual pude observar como o planejamento e organização dos espaços realizados pelas professoras não contemplavam respaldo teórico sobre quais materialidades são importantes de se ter nos espaços da creche. A falta desse conhecimento levava as professoras a se precipitarem na escolha dos mobiliários e materiais, sem realizarem a seleção adequada. Isso, de certa forma, me intrigava. Dessa forma, desde que comecei me aprofundar em estudos sobre os bebês nas disciplinas do Curso de Pedagogia na FAGED/UFRGS, como as ações pedagógicas na creche e currículo, didática e planejamento na Educação Infantil, acreditei na potência do espaço da creche e, assim como apresentam Oliveira, Marques e Neves (2023, p. 11), na importância de “um espaço organizado para acolher os/as bebês [...] para que eles/as tenham uma qualidade nos usos do tempo e nas relações estabelecidas nesse contexto coletivo”. Corroboro com o que dizem as autoras, e defendo que o espaço da creche é de fato um espaço potente para os bebês, que é organizado pelo(a) docente e pode ser promotor de aprendizagens, descobertas e interações para os bebês. Diante do exposto,

emergiu em minha vida acadêmica a necessidade de realizar uma investigação sobre o que pensam os(as) docentes da creche em relação a essa temática e de que modo se dedicam a organização dos espaços no cotidiano institucional.

No segundo capítulo, apresentei a fundamentação teórica do presente trabalho, onde diversos autores puderam contribuir para os dizeres sobre a organização dos espaços na creche, como Trueba (2022), Kelleter (2020), Forneiro (1998), Ceppi e Zinni (2013), Gobbato (2011, 2015, 2018, 2022), Horn (2003, 2015, 2022), Rodrigues (2020), Barbosa (2018, 2022), entre outros. Esses autores contribuíram para que eu alcançasse o objetivo geral da minha pesquisa, que é investigar como são organizados os espaços e os materiais em instituições de Educação Infantil, tendo em vista o acolhimento das crianças, bem como a promoção de relações sociais e aprendizagens. Nesse capítulo, a organização entre os bebês e os espaços foi o foco de discussão, no qual apresentei as especificidades da docência na creche e a questão do auxílio do espaço como terceiro educador. Abordei, também, sobre o que os documentos oficiais dizem sobre os espaços e os materiais na creche, discuti como podem ser planejados os espaços internos, e a realização da seleção e a oferta de materiais na creche. Apresentei uma discussão sobre quais são as ações de mediação da professora nos espaços externos da creche e sobre a organização dos espaços externos e tratei sobre o uso dos espaços e a seleção de materiais como elementos constituintes da docência na creche.

No terceiro capítulo, abordei a metodologia de pesquisa, a partir do qual procurei realizar entrevistas de forma presencial e on-line com quatro professores(as) da rede pública municipal da região sul. Para isso, estruturei uma pauta de entrevista semiestruturada. A escolha das entrevistas como metodologia foi muito importante, pois por meio das narrativas das entrevistas, foi possível conhecer como os(as) docentes realizavam a organização dos espaços nas creches em que trabalham e como garantiam o uso dos espaços pelos bebês. Além disso, conheci presencialmente um dos espaços de creche na qual um dos entrevistados atua como docente de bebês e pude relacionar as suas contribuições da entrevista com o que visualizei nesta visita presencial, o que contribuiu para o meu repertório de um espaço de creche organizado de forma intencional.

No quarto capítulo apresentei a análise do conteúdo (Bardin, 1977) das entrevistas realizadas, com base nas discussões apresentadas no segundo capítulo. Para isso, defini as seguintes unidades analíticas: 1) o papel do espaço e os desafios da docência na creche; 2)

as relações entre espaços, tempos e materiais na promoção do currículo na creche; 3) a seleção e a oferta dos materiais pelos docentes nos espaços da creche e a promoção das interações e brincadeiras dos bebês; 4) a organização dos espaços da sala referência e o seus usos pelos bebês; 5) os usos dos espaços externos pelos bebês na creche; 6) a vivência espacial e o desenvolvimento motor dos bebês nos espaços da creche; 7) recomendações docentes sobre o uso dos espaços internos e externos, seleção e oferta de materiais no exercício da docência na creche. Foi uma etapa muito importante deste trabalho, no qual pude analisar de forma crítica o que disseram os(as) professores(as) entrevistados sobre os desafios enfrentados na organização dos espaços na creche, a seleção e oferta de materiais, a promoção das interações e brincadeiras através do uso dos espaços, o uso dos espaços externos e o desenvolvimento motor dos bebês. A partir das perspectivas levantadas pelas professoras, que vou citar no decorrer do presente capítulo, foi possível refletir a respeito do que significa colocar em prática a organização dos espaços na creche e os desafios dessa prática, que leva em consideração a relação entre espaços, tempos e materiais e o currículo da creche. Em tal direção, compartilhei reflexões sobre a importância de garantir para os bebês “o espaço [...] como um lugar onde distintas vivências podem acontecer e se relacionar” (Oliveira; Marques; Neves, 2023, p. 11). Nesse sentido, defendo o espaço da creche não apenas o espaço como um local onde as crianças ficam durante a sua rotina na escola, mas como um lugar que vivências significativas podem acontecer a partir da organização criteriosa desse espaço realizada pelo docente.

Por conseguinte, neste último capítulo apresento as minhas considerações finais sobre os aprendizados decorrentes da pesquisa, bem como o meu posicionamento enquanto pesquisadora sobre a importância da organização dos espaços na creche. Considero que o encontro com os professores nas entrevistas e a conversa que tivemos tornou todo o estudo mais concreto e real, pois me foram apresentadas realidades vivenciadas cotidianamente, na prática docente dos entrevistados. Tendo em vista a discussão das repercussões de todo o processo desta pesquisa, retomo os objetivos específicos que foram as principais questões levantadas no início da pesquisa, são eles: a) abordar as especificidades da organização dos espaços e dos materiais na creche; b) explicitar o conceito de espaço e materiais, bem como os modos de organização dos espaços e de seleção dos materiais; c) discutir a importância do planejamento dos espaços e oferta de materiais na creche enquanto parte do projeto educativo na Educação Infantil; d)

inventariar o modo como as professoras entrevistadas organizam os espaços das salas em que atuam.

A partir das leituras, entrevistas e análises dos dados gerados na pesquisa, respondendo às questões que foram delineadas nos objetivos específicos foi possível concluir que o espaço da creche é de muita importância para os bebês, visto que esse espaço se constitui como um mobilizador de aprendizagens para os bebês, um espaço de interações, de descobertas de si e do outro. Sobre esse aspecto, Arenhart, Guimarães e Santos (2018, p. 1678) salientam “a potência dos bebês nas relações sociais, identificando-os pela capacidade de iniciar contatos, desenvolver interações, sustentar encontros com os pares, relativizando como marcas da atuação do bebê no mundo”. De fato, o espaço da creche é importante para o bebê por ser um ambiente no qual oportuniza interações com seus pares e crianças maiores também, além dos adultos que garantem o seu bem-estar. Dessa forma, reitero a importância do espaço da creche para os bebês como um ambiente acolhedor (Horn, Gobbato, 2015), divertido e desafiador que estimule o brincar, a imaginação e os encontros entre bebês, crianças e adultos. Nesse aspecto, torna-se ainda mais importante o trabalho do(a) professor(a) de creche, a fim de garantir esse ambiente significativo para os bebês.

Além disso, foi possível concluir que esse espaço garante diversas aprendizagens para o bebê, como, por exemplo, o seu deslocamento e a aprendizagem do que seu corpo é capaz de fazer por si próprio no espaço, por isso a importância de que na creche tenham “espaços que correspondam às múltiplas necessidades de ação, de pensamento, de relação, de criação e experimentação” (Trueba, 2022, p. 118). Ou seja, é necessário que os bebês tenham a garantia de espaços que oportunizem o seu deslocamento, as suas explorações e experimentações nesse deslocamento, de subir e descer, se apoiar para se levantar. Além disso, o espaço da creche torna-se um espaço que garante a autonomia dos bebês quando organizada com os materiais ao alcance do bebê, quando os bebês reconhecem os seus adultos de referência, reconhecem a rotina, possuem o movimento livre e sentem segurança para se deslocarem de forma autônoma pelos espaços. Sobre essa questão, Kelleter (2020) afirma que a liberdade de movimentos para o bebê ocorre a partir da possibilidade do bebê descobrir, experimentar, viver cada fase do seu desenvolvimento, descobrir suas posturas e movimentos a partir de condições adequadas do espaço, a partir de um chão firme que o sustenta, roupas adequadas para o seu deslocamento e um espaço que garante segurança.

Ademais, é importante também um adulto que esteja presente oferecendo suporte para os bebês. Os espaços da creche devem ter elementos e complementos que os tornem ricos em conteúdo, planejados para crianças inteligentes (Trueba, 2022) que sejam não apenas observadoras, mas também participantes ativas das interações que ocorrem nesses ambientes. Realmente, o espaço da creche é um espaço que quando organizado pelos docentes como apresentado acima, garante o deslocamento dos bebês pelo espaço e com isso, as suas descobertas.

Foi possível concluir, também, que o planejamento e a organização dos espaços na creche se configura como uma das mais importantes dimensões da docência na creche. Foi apresentado pelos(as) entrevistados(as) em suas narrativas, a importância do planejamento e organização dos espaços internos e externos da creche para a garantia do bem estar, dos aprendizados, descobertas e interações dos bebês na creche. Nessa perspectiva, a organização dos espaços reflete o trabalho educativo (Rodrigues, 2020) realizado com as crianças e devem promover para o professor uma reflexão sobre as ações autônomas que as crianças realizam ao ocupar a creche. De fato, planejar, selecionar materiais, organizar o espaço e posteriormente observar e registrar de forma crítica e reflexiva como as crianças utilizam esse espaço é parte essencial do trabalho docente na creche.

Ademais, o fato do docente enxergar o bebê como um indivíduo potente e autônomo determina a organização dos espaços da creche em que atua, de forma a tornar esse espaço incentivador das relações dos bebês e seus pares, tornar o deslocamento dos bebês uma ação autônoma, apoiar os bebês nesses deslocamentos e oferecer segurança. Na creche, as crianças desenvolvem sua autonomia através de interações seguras (Guimarães, 2018) com adultos e ambientes. Corroboro com esses argumentos, visto que o planejamento e organização do espaço são especificidades do trabalho docente na creche e que a visão de bebês potentes e autônomos são importantes de serem desenvolvidas pelos(as) docentes. A partir do que foi trazido pelos(as) docentes entrevistados, é possível aferir que para uma oferta de ambiente potente para os bebês é necessário que o(a) docente da creche conheça como os bebês os quais se ocupa utilizam e vivenciam a sua rotina no espaço da creche, como exploram e investigam as materialidades da sala de referência, como se movimentam nos espaços internos e externos, como se relacionam com seus pares e com os adultos da escola, a fim de oferecer a organização dos espaços mais adequada para o seu desenvolvimento. No entanto, para que o(a) docente conheça bem os seus bebês é

importante que ele se dedique a observá-los, e, a partir disso, realize registros das suas ações e investigações. O espaço da creche incorpora as intenções do adulto, refletindo suas escolhas pedagógicas (Horn; Gobbato, 2015) sobre como ele, como educador, criará condições que facilitem o aprendizado dos bebês e das crianças pequenas. Concordo com o que dizem Horn e Gobbato (2015) e reitero a importância do(a) docente se apropriar das ações dos bebês os quais se ocupa, a fim de garantir um ambiente de creche potente para o seu desenvolvimento.

Outro aspecto importante indicado pelos(as) docentes entrevistados(as) foi de que para o espaço da creche é primordial a seleção e oferta de materialidades específicas para cada faixa etária. A seleção dessas materialidades precisa ser rigorosamente realizada pelos docentes, a fim de garantir segurança para os bebês, como também uma interessante exploração. Nesse aspecto, quando o(a) docente seleciona materiais para os bebês ou adiciona móveis que incentivam novas posturas corporais (Horn; Gobbato, 2015) e ajudam aqueles que estão aprendendo a ficar em pé, ele está influenciando diretamente o desenvolvimento e a aprendizagem deles. Corroboro com o que dizem Horn e Gobbato (2015) e saliento a importância da seleção dos materiais e móveis que compõem o espaço da creche realizada pelos docentes para que o bebê tenha segurança, explorações e descobertas garantidas nesse espaço. Nessa perspectiva, Moreira (2013) defende que através dos movimentos e das relações criativas que as crianças formam com os objetos, elas enriquecem os ambientes criados pelos adultos. Dessa forma, reitero a dimensão da seleção dos materiais no espaço da creche e o trabalho essencial do docente nesse aspecto. Desse modo, considero que é necessário que o(a) docente aprofunde seus estudos nas especificidades da docência da creche, pesquise sobre as materialidades para selecionar os materiais, objetos e mobiliários mais adequados para ofertar aos bebês na creche.

Foram abordados pelos(as) docentes entrevistados(as) desafios em relação a organização dos espaços, como a falta de diálogo com os(as) colegas que compartilha a docência, dificuldade ao contar com o apoio da gestão da escola na oferta de materiais e o tempo acelerado que os(as) professores(as) vivenciam na creche que por vezes atrapalha o seu planejamento. De certa forma, são diversas adversidades vivenciadas pelos docentes na organização dos espaços da creche e na docência com bebês. Acredito que em relação a esses desafios que surgem na trajetória profissional dos docentes de bebês, seja importante que o(a) professor(a) busque sempre a continuidade da sua formação inicial a fim de ter

propriedade das especificidades da docência na creche. Dessa forma, o(a) docente pode cada vez mais aprimorar os seus conhecimentos sobre as especificidades da docência com bebês e assim conseguir lidar com os atravessamentos que surgem no seu caminho profissional. Sobre esse aspecto, Carvalho e Radomski (2017, p. 16) afirmam que é importante que “o professor entenda que não existe uma única imagem de docência na creche. O desafio é que o professor construa as suas próprias imagens de docência”. Dito isso, corroboro com o que apresentam os autores e afirmo que cada professor(a) vai construir a sua própria docência e organizar os espaços da creche de acordo com as condições que são apresentadas.

Diante do exposto, ressalto que a minha pesquisa foi motivada pela necessidade de compreender melhor os modos de organização dos espaços na creche. Acredito que este estudo contribuiu significativamente para essa discussão. Contudo, as questões não se encerram aqui; as reflexões devem continuar, pois nunca teremos todas as respostas. É essencial que continuemos a questionar e buscar soluções para garantir a continuidade das aprendizagens dos bebês no uso dos espaços da creche.

Por fim, tenho a certeza de que esta será uma pesquisa apropriada para, daqui para frente, os(as) futuros(as) leitores(as), docentes, coordenadores(as) e acadêmicos(as) do curso de pedagogia que atuam com bebês pensarem nas reflexões sobre a organização dos espaços da creche a fim de garantir aos bebês os seus aprendizados, descobertas e interações no espaço da creche.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Kátia Adair. **O espaço da creche: que lugar é este?** 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- ARENHART, Deise; GUIMARÃES, Daniela; SANTOS, Núbia Oliveira. Docência na Creche: o cuidado na educação das crianças de zero a três anos. **Educação & Realidade**, v. 43, n. 4, p. 1677-1691, 2018.
- BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção: ateliê em movimento**. São Paulo: Jujuba, 2021.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Tempo e cotidiano: tempos para viver a infância. **Leitura: teoria e prática**, 2013, 31.61: 213-222.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; GOBBATO, Carolina. **A complexidade do “como fazer” na educação infantil: implicações para a formação docente na perspectiva da artesanaria**. Debates em Educação, v. 14, n. Esp, p. 312–331, 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução 05/2009–Câmara da Educação Básica. Brasília, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- BATISTA, Rosa; ROCHA, Eloisa Candal. Docência na educação infantil: origens de uma constituição profissional feminina. **Zero-a-Seis**, v. 20, n. 37, p. 95-111, 2018.
- CARVALHO, Rodrigo Saballa de; RADOMSKI, Lidianne Laizi. Imagens da docência com bebês: problematizando narrativas de professoras de creche. **Série estudos (Campo Grande). Campo Grande**. Vol. 22, n. 44 (jan./abr. 2017), p. 41-59, 2017.
- CASTELLI, Carolina Machado. **Os bebês, as crianças bem pequenas e a natureza na educação infantil: achadouros contemporâneos**. Orientadora: Ana Cristina Coll Delgado. 2019. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- CEPPI, Giulio; ZINI, Michele. **Crianças, Espaços, Relações: como projetar ambientes para a educação infantil**. São Paulo: Penso, 2013.
- CORTEZZI, Luíza de Paula. **As vivências no currículo do berçário: as possibilidades de autonomia e proteção entre bolinhas e almofadas**. 2020. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. A Abordagem Reggio Emilia na Educação da primeira infância. Porto Alegre, Artmed, 1999.

FONTANA, Felipe; ROSA, Marcos Paulo. Observação, questionário, entrevista e grupo focal
In: JÚNIOR, Carlos A. O. Magalhães; Batista, Michel Corci. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 2. ed. Ponta Grossa, PR: Atena, 2023, p. 178 - 206.

FORNEIRO, Lina Iglesias. **A organização dos espaços na Educação Infantil**. In.: Zabalza, Miguel A. Qualidade na Educação Infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. P.229-281.

GASPI, Suelen de; MARON, Luis Henrique Pupo; JÚNIOR, Carlos A. O. Magalhães. Análise de conteúdo numa perspectiva de Bardin. In: JÚNIOR, Carlos A. O. Magalhães; Batista, Michel Corci. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 2. ed. Ponta Grossa, PR: Atena, 2023, p. 236 - 245.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOBATO, Carolina. **“Os bebês estão por todos os espaços!”**: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. 2011. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GUIMARÃES, Daniela; ARENARI, Rachel. Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia. **Educação em Revista**, v. 34, p. e186909, 2018.

GUIMARÃES, Daniela. **Ética e cuidado, cultura e humanização**: eixos do trabalho com crianças pequenas na Educação Infantil. In: MORO, C. SOUZA. G. (org.) Educação Infantil construção de sentidos e formação. Curitiba: NEPIE, UFPR, 2018.

GUIMARÃES, Daniela. O cuidado como direito público: desafios da docência na creche. **Linhas Críticas**, v. 29, 2023.

HORN, Maria da Graça Souza; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Abrindo as portas da escola infantil**: viver e aprender nos espaços externos. Penso, 2022.

HORN, Maria da Graça Souza; GOBBATO, Carolina. Percorrendo Trajetos e Vivendo Diferentes Espaços com as Crianças Pequenas. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de (Orgs.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul**: perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. P. 69-84.

HORN, Maria, da G. S. **O papel do espaço na formação e transformação da ação pedagógica do educador infantil**. 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

KELLETER, Rafael Ferreira. **O desenvolvimento da autonomia dos bebês a partir do movimento livre**: diálogos com a abordagem Pikler. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

MÁXIMO, Luciana Perpetuo. **Ações dos bebês em diferentes formas de organização do espaço e dos materiais em um ambiente de creche.** 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

MOREIRA, Ana Rosa Costa Picanço. Os bebês e os espaços da creche: um estudo de caso/intervenção. **Revista de Educação Pública**, v. 22, n. 49, p. 305-325, 2013.

MUYLAERT, Camila Junqueira *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014.

OLIVEIRA, Rayssa. **Espaços afetivos: habitar a escola.** São Paulo: Diálogos, 2021.

OLIVEIRA, Virginia de Souza; MARQUES, Rafaela Ferreira; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. Os bebês na sala do berçário: diferentes trajetórias no espaço. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, e255022, 2023.

PIVA, Luciane Frosi; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Transições na vida de bebês e de crianças bem pequenas no cotidiano da creche. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. e227311, 2020.

RIBEIRO, Bruna. A Pedagogia da cotidianidade. In.: RIBEIRO, Bruna. **Pedagogia das Miudezas.** Saberes necessários a uma pedagogia que escuta. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 95-114.

RODRIGUES, Ana Julia Lucht. **Materialidade(s) e os bebês: um estudo sobre suas ações e a construção do espaço da creche.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2020.

ROSA, Maria Virginia de Figueiredo Pereira do Couto; COLOMBRO ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: mecanismos para validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, Luciano. **Da competência no fazer à responsabilização no agir: ética e pesquisa em Ciências Humanas.** *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 244–256, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.12i1.0013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/9601>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SANTOS, Emanuelle Sartori dos; GARANHANI, Marynelma Camargo; PAULA, Déborah Helenise Lemes de. Os bebês no contexto das brincadeiras de aventura: um ensaio de análise. **Revista Pensar a Prática**, 2023.

SILVA, Marcelo Oliveira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. A entrevista como possibilidade dialógica na produção de dados em uma pesquisa sobre as práticas pedagógicas de professores. In: SANTOS, A. B. *et al.* **Fontes, métodos e abordagens nas ciências humanas: paradigmas e perspectivas contemporâneas.** Pelotas: BasiBooks, 2019, p. 520-529.

SILVA, Viviane dos Reis. **O que pensam as educadoras e o que nos revelam os bebês sobre a organização dos espaços na educação infantil**. 2018. 272 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

SIMIANO, Luciane Pandini. Transver o mundo: um lugar sobre o olhar dos bebês no espaço da creche. **Zero-a-Seis**, v. 18, n. 33 p. 22-31, Florianópolis, jan-jun 2016.

SOARES, Gisele Rodrigues; FLORES, Maria Luiza Rodrigues. “Desemparedar” na Educação Infantil: o que dizem a literatura e os documentos curriculares nacionais sobre o uso das áreas externas. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). **Para Pensar a Educação Infantil em Tempos de Retrocessos**. Porto Alegre: Evangraf, 2017. Cap. 6, p. 100-115.

TRUEBA, Beatriz Marcano. **Espaços em Harmonia: propostas de atuação em ambientes para a infância**. Phorte, 2022.

VARGAS, Gardia; GOBBATO, Carolina; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Das singularidades da docência com crianças de 0 a 3 anos às especificidades dos saberes docentes na formação inicial. **Cadernos de pesquisa em educação**, n. 47, p. 46-67, 2018.

ANEXO A**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como título A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA CRECHE: NARRATIVAS DOCENTES. Esta pesquisa é organizada por mim, Denise Menezes Pasuch, e pelo professor Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho, e tem como objetivo analisar as especificidades da organização dos espaços e dos materiais na creche. É de total importância a sua participação, pois não se trata de uma avaliação, mas sim um diagnóstico de como percebem e quais suas concepções e práticas nessa organização. Trata-se de uma pesquisa de Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das suas informações, preservando a sua identidade. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem, e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Em caso de desistência há um comprometimento da pesquisadora em retirar, sem nenhum dano, as palavras ditas das participantes. A mesma ocorrerá por meio de entrevista tranquila e dialogada sobre os conceitos, preocupações e práticas que envolvem a temática da organização dos espaços na creche. Todo material desta pesquisa será utilizado para fins, restritamente, acadêmico. Seus dados pessoais não serão mencionados em apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material será armazenado pela pesquisadora em local seguro, por cinco anos, a contar da data de realização de sua assinatura. A qualquer momento, você poderá solicitar

informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo. Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Contudo, sua participação é muito importante para a execução da pesquisa. Por meio deste estudo, esperamos trazer contribuições importantes sobre a organização dos espaços na creche.

Assinale a seguir conforme sua autorização de uso de voz:

Autorizo gravação

Não autorizo gravação

Agradecemos sua colaboração para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais ou qualquer dúvida que eventualmente venha a ter. O pesquisador responsável por esta pesquisa é o Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queiram contatar os pesquisadores, isso poderá ser feito pelos e-mails: rsaballa@terra.com.br e/ou denisempasuch@gmail.com. Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu

..... RG

Nº _____, CPF Nº _____, domiciliado (a) na

no bairro _____, município de _____,

exercendo o cargo/função de _____, de forma livre e esclarecida, concordo em participar voluntariamente desta pesquisa coordenada pelo Professor Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho e a graduanda Denise Menezes Pasuch. Pelo presente consentimento, declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa e de que estou ciente de que terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, durante a geração dos dados, sem que isso traga qualquer prejuízo. Todas as minhas perguntas quanto à pesquisa foram respondidas e a pesquisadora colocou-se à

disposição para esclarecimento de quaisquer dúvidas que eu tiver durante a realização das atividades.

Nome do (a) participante

Assinatura do (a) participante

Porto Alegre, ____ de _____ de 2024.